

THAIS DE ASSIS ANTUNES

**EXPERIÊNCIA RELIGIOSA CATÓLICA E DESENVOLVIMENTO PESSOAL:
UM ESTUDO FENOMENOLÓGICO**

**PUC-CAMPINAS
2005**

THAIS DE ASSIS ANTUNES

**EXPERIÊNCIA RELIGIOSA CATÓLICA E DESENVOLVIMENTO PESSOAL:
UM ESTUDO FENOMENOLÓGICO**

Dissertação apresentada ao Programada de Pós-
graduação Strictu-Sensu em Psicologia do Centro de
Ciências da Vida da Pontifícia Universidade
Católica de Campinas, como parte dos requisitos
para obtenção do título de Mestre em Psicologia

ORIENTADOR

Dr. Mauro Martins AmatuZZi

**PUC-CAMPINAS
2005**

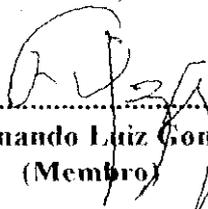
THAIS DE ASSIS ANTUNES

EXPERIÊNCIA RELIGIOSA CATOLICA E DESENVOLVIMENTO PESSOAL UM
ESTUDO FENOMENOLÓGICO

BANCA EXAMINADORA



**Or. Mauro Martins Amaui (I*
residente)**



.....
**Dr. Fernando Luiz Gonzalez Rey
(Membro)**



.....
**Dr. José Paulo (Giovannetti
(Membro)**

**Dedico este trabalho a meus pais OSMAR e REGINA,
sem os quais seria impossível minha caminhada até aqui.**

A vocês, meu eterno agradecimento e infinito amor.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a “Força Maior” que me acompanha desde sempre, em todas as etapas de minha vida e que me deu segurança e coragem para alcançar meus objetivos.

Agradeço a todos os professores da PUC-Campinas a começar pelo professor Dr. Lineu Correa Fonseca e Professora Dra. Vera Engler Cury que me iniciaram no mundo da pesquisa.

Agradeço em especial ao professor Dr. Mauro Martins AmatuZZi que me conduziu com muito carinho e paciência nesta caminhada.

Agradeço ao professores: Antônio Tézis e Geraldo A. Fiamenghi Junior pelas colaborações na Qualificação deste trabalho. E aos professores: José Paulo Giovanetti e Fernando Gonzalez Rey pela participação na banca de defesa.

Agradeço a todos os colaboradores desta pesquisa pela disponibilidade e seriedade com que participaram deste estudo.

Agradeço a toda minha família, meu namorado e amigos que estiveram acompanhando meu crescimento profissional e pessoal pelas críticas positivas que me ajudaram a enxergar mais longe.

Agradeço ao CNPq pela ajuda financeira para a realização desta pesquisa sem a qual seria impossível chegar até aqui.

ANTUNES, T.A. (2005). **Experiência religiosa católica e desenvolvimento pessoal: um estudo fenomenológico**. Campinas-SP. Dissertação (Mestrado). CCV. Pontifícia Universidade Católica de Campinas.

RESUMO

A tarefa da Psicologia da Religião no âmbito das ciências humanas é estudar os aspectos psicológicos relacionados à experiência religiosa humana. Ela não procura definir o que é a conduta religiosa, mas sim como os significados desta conduta se dão no interior da estrutura psicológica. Psicologicamente, a religião pode ser uma mola propulsora ou bloqueadora do desenvolvimento humano. Para uma ciência que procura entender o homem na sua totalidade, excluir do pensar psicológico a dimensão religiosa do ser humano, é deixar de avaliar e entender a real influência do desenvolvimento religioso no funcionamento mental, na saúde e no tratamento psicológico. Neste sentido, o objetivo deste trabalho foi analisar, fenomenologicamente, a experiência religiosa de católicos em sua relação com o desenvolvimento pessoal. Para isso, foi utilizada uma abordagem qualitativa e, através de depoimentos colhidos em entrevistas não diretivas ativas, realizou-se análises fenomenológicas. Foram entrevistadas quatro pessoas, maiores de 18 anos, indicadas por líderes religiosos e consideradas, por estes líderes, “católicas praticantes envolvidas”. O resultado deste estudo mostrou que a experiência religiosa dos participantes está relacionada com o desenvolvimento pessoal. Esta relação ocorre num sentido de mudanças subjetivas, particulares e singulares que trouxeram como consequência, mudanças no comportamento dos entrevistados, os quais relataram sentir uma melhora na qualidade de vida. Dessa maneira, podemos entender que a experiência religiosa proporcionou, para estes sujeitos, crescimento pessoal.

Palavras-chave: Experiência Religiosa, Desenvolvimento Pessoal, Pesquisa Fenomenológica.

ANTUNES, T.A. (2005). **Catholic Religious Experience and Personal Development: a phenomenological study**. Campinas-SP. Master's Thesis.CCV. Pontificia Universidade Católica de Campinas.

ABSTRACT

The Psychology of Religion within the area of Human Sciences aims at studying the psychological aspects related to human religious experience. It does not seek to define religious behaviour but how the meanings of such behaviour take place inside the psychological structure. Psychologically speaking, religion can either trigger or block human development. For a science that seeks to understand man as a whole, to exclude the religious dimension of the human being from the psychological thinking is not to evaluate and understand the real influence of the religious development in mental functioning, in health and in psychological treatment. In this aspect, the aim of this study was to analyse phenomenologically the religious experience of Catholics in their relationship with personal development. For this, a qualitative approach was used, and, through statements collected in non-directive active interviews, phenomenological analyses were made. Four people over 18 were interviewed. They were indicated by religious leaders and considered by them “practicing Catholics”. The result of the study showed that the participants’ religious experience is related to personal development. Such a relationship occurs in subjective and specific changes that resulted into the change of the behaviour of the subjects, who reported an improvement in life quality. Thus, we can understand that the religious experience gave these subjects a personal development.

Key Words: Religious Experience, Personal Development, Phenomenological Research.

SUMÁRIO

Conteúdo	Página
Agradecimentos	iv
Resumo	v
Abstract	Vi
Apresentação	01
PARTE I	04
Fundamentação Teórica e Pesquisas	05
Religião	05
Experiência Religiosa	07
Experiência religiosa e desenvolvimento pessoal	10
Cristianismo/ Catolicismo	12
Tipos de religiosidade	15
Tipos de adesão entre católicos	17
Desenvolvimento Psicológico e Religiosidade	18
Objetivo	21
PARTE II.	22
Método	23
Colaboradores	25
Instrumento	25
Procedimento	26
Forma de análise dos resultados.	27
PARTE III	30
Apresentação André	31
Apresentação Maria.	32
Apresentação Fátima	33
Apresentação Dona Neuza.	34
Análise André	35
Análise Maria	43
Análise Fátima	53
Análise Dona Neuza	61
Resumo geral dos depoimentos	70
Análise geral dos depoimentos	75
Discussão dos resultados	81
Considerações Finais	88

Referências Bibliográficas	90
Anexos	94
Termo de consentimento livre e esclarecido	95
Ficha de dados pessoais.	96
Tabela de pontuação escrita	97
Entrevista André.	98
Entrevista Maria.	109
Entrevista Fátima	122
Entrevista Dona Neuza	132

APRESENTAÇÃO

“Psicologicamente, a religião pode ser uma mola propulsora ou bloqueadora do desenvolvimento humano. Para uma ciência que procura entender o homem na sua totalidade, excluir do pensar psicológico a dimensão religiosa do ser humano, é deixar de avaliar e entender a real influência do desenvolvimento religioso no funcionamento mental, na saúde e no tratamento psicológico” (Linares, 2001, p.112).

O parágrafo a cima refere-se aos estudos de Linares sobre o significado da experiência religiosa na vida das pessoas (dissertação de mestrado realizado na PUC-Campinas em 2001). Tal autora apontou em seu trabalho, a questão da influência religiosa sobre o desenvolvimento psicológico. Para alcançar seus objetivos, a pesquisadora entrevistou quatro pessoas de religiões diferentes e fez uma análise fenomenológica sobre os depoimentos colhidos. De maneira semelhante, o presente estudo teve como objetivo fazer uma análise da influência da experiência religiosa no desenvolvimento pessoal. Diferente de Linares, porém, este estudo enfatizou apenas o catolicismo enquanto experiência religiosa. A escolha pela religião católica deu-se em função do grande número de adeptos no Brasil e também por opção da pesquisadora em aprofundar seus conhecimentos sobre esta religião em especial.

Em relação à justificativa pessoal para pesquisar sobre tal assunto, é necessário relatar que, apesar da autora não ter tido nenhum tipo de experiência religiosa marcante, as questões ligadas ao desenvolvimento espiritual humano sempre a instigaram no sentido de querer compreender como a religião atua no desenvolvimento pessoal ou psicológico de quem a vivência. Tal interesse vem desde a graduação em psicologia, quando pode observar através de seus estudos o grande envolvimento da religiosidade no comportamento humano. Infelizmente, este assunto não pode ser aprofundado durante a faculdade por questões curriculares, no entanto, isso não foi motivo para que a autora deixasse de estudar tal tema.

Visando o ingresso na pós-graduação, a pesquisadora entrou em contato, na PUC-Campinas, com um grupo de pesquisa que tem como um dos focos de interesse, a Psicologia da Religião e, isso despertou, novamente, seu interesse pelo assunto.

A pesquisadora acredita também na grande relevância social e científica do tema, principalmente para os profissionais das áreas de ciências humanas, uma vez que, não podemos pensar no homem como ser completo sem levar em consideração seu aspecto religioso.

Benkö em seus estudos, afirma que *“Deus não é objeto de investigação estritamente científica, porém, ressalta que toda vivência religiosa, envolve um ser humano e como experiência humana, pode ser objeto de investigação científica”* (Benkö, 1981, p.14). Tendo tal afirmação como pressuposto, a autora considerou a investigação da experiência religiosa em relação ao desenvolvimento pessoal bastante pertinente, uma vez que, se tratou de analisar uma experiência humana num contexto específico de vida, ou seja, em seu aspecto religioso.

Atualmente o fenômeno religioso continua sendo objeto de pesquisas em vários campos da ciência. Para Paiva, *“o fenômeno religioso é objeto legítimo e fecundo da investigação psicológica”* (Paiva,1989, p.25). Este autor em 1986 fez um levantamento da literatura internacional sobre estudos psicológicos envolvendo religião, e encontrou 2827 pesquisas sobre o tema. Assim também fez Amatuzzi (1998), ao apresentar um levantamento para o período de 1991 a 1997, encontrando 2043 referências sobre o tema “religião”. Cabe ressaltar, no entanto, que atualmente as pesquisas sobre Psicologia e Religião estão concentradas, na sua grande maioria, em periódicos internacionais, sendo poucos os estudos, nessa área, no Brasil (Valle, 1998). Além disso, se examinarmos com atenção os currículos dos cursos de Psicologia, salvo algumas exceções, não encontraremos nenhuma disciplina

denominada Psicologia Religiosa, em que se pudesse acolher e estudar essa dimensão da vida humana (Giovanetti, 1999).

Neste sentido, se faz extremamente necessário a elaboração de mais pesquisas sobre o tema “Psicologia e Religião” de acordo com a realidade brasileira.

Esta pesquisa visou contribuir para uma maior compreensão sobre a influência da experiência religiosa católica no desenvolvimento pessoal, tendo como pano de fundo, uma visão sobre o catolicismo, que é religião predominante no Brasil. A autora acredita que, este estudo pode contribuir para um maior conhecimento em relação ao tema e também para o avanço das pesquisas nas áreas da Sociologia, Psicologia, Ciência da Religião e Teologia.

Este estudo foi dividido em cinco capítulos. No primeiro, consta a fundamentação teórica na qual é possível encontrar um levantamento bibliográfico sobre o assunto abordado. No segundo capítulo, encontra-se a metodologia utilizada neste estudo, ou seja, a caracterização dos sujeitos entrevistados para a coleta de dados através da entrevista diretiva ativa. No terceiro capítulo foi colocada a apresentação e análise dos depoimentos.

A síntese e análise geral dos depoimentos, bem como a discussão dos resultados estão no quarto capítulo. No quinto capítulo constam as referências bibliográficas e os anexos.

PARTE I

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E PESQUISAS

A tarefa da Psicologia da Religião no âmbito das ciências humanas é estudar a origem e a natureza da mente religiosa humana. Ela não procura definir o que é a conduta religiosa, e sim *por que*, e *como* alguns fenômenos religiosos se dão no interno da estrutura psicológica de um sujeito. A Psicologia da Religião, portanto, não se preocupa com o teor filosófico ou teológico do religioso enquanto tal; indaga isto sim, sobre a estrutura psicológica que está por trás das formas de vivência e experiência religiosa. Assim como a sociologia e a antropologia da religião tomam como seu objeto próprio, respectivamente, a estrutura e a dinâmica social e antropológica da religião, “*a psicologia da religião vê como sua tarefa descrever e explicar psicologicamente a estrutura e a dinâmica do agir religioso do ser humano*” (Valle, 1998, p.51).

Religião:

O conceito de religião é algo muito abrangente. Diversos autores propuseram diferentes definições para o tema, mas nenhum foi tido como completo para que fosse encerrada a busca pela melhor definição (Valle, 1998). Tal variedade de conceitos nos revela a amplitude do tema e conseqüentemente, a dificuldade de se chegar a um acordo sobre este assunto. Para tentar organizar melhor estes conceitos, Clark citado por Valle (1998), reuniu em 1958, cerca de quarenta e oito definições psicológicas sobre o que seria a religião.

Valle (1998) faz uma interessante diferenciação sobre “religiosidade”, enquanto experiência subjetiva, e “religião”, que seria sua matriz instituída. Para o autor, as funções psicológicas e socioculturais das duas não são idênticas, mas se completam. Este diz ainda que, são inúmeros os autores que se preocupam com o problema de definir o religioso, ou seja, aquilo em que se baseia a “religião”, como forma comunitária institucionalizada, e a

“religiosidade” como forma individualizada.

Para Amatuzzi (1999) a palavra religião tem dois sentidos: o primeiro está relacionado a Deus, sendo que para ser considerada uma pessoa religiosa é necessário que esta tenha fé em Deus. O segundo sentido é mais global, ou seja, ser religioso é estar ligado de maneira completa a tudo, numa totalidade; é estar re-ligado a uma fonte, ou ter feito assim uma releitura do mundo, compreendendo e vivendo seu significado mais radical, mesmo que o significado “Deus” não se faça explicitamente presente.

Já Vergotte (2001), define a religião, do ponto de vista psicológico, como a manifestação de um elo afetivo dos homens religiosos com sua divindade. O fator psicológico que anima esse elo não é o desejo de auto-conservação e nem o desejo de bem-estar psicológico. Essas duas formas de desejo não conduzem à divindade, mas à religião como meio, o que é o contrário da verdadeira relação religiosa.

Para Willwoll, o ato religioso em sua plena maturidade *“é um envolver-se da alma espiritual, com a totalidade de suas disposições com Deus, como supremo valor transcendente e operante na sua vida, ante o qual a alma se situa em atitudes, que mutuamente se exigem e se completam de distância, de respeito e de amor que deseja a união”* (citado por Benkö, 1981, p.16).

Nesta pesquisa, a autora não trabalhou com o fenômeno religioso em geral, mas com uma experiência bem específica, a de ser católico. Dentre as diversas religiões que existem hoje no mundo, uma das mais praticadas, na América Latina, é a cristã. E dentre as diversas denominações cristãs, a que mais se liga à história brasileira é a católica. Neste sentido, a pesquisadora estudou, mais especificamente, a experiência de ser católico romano, isso quer dizer que a autora não lidou com a religião católica em si (religião no sentido objetivo), mas sim com a experiência pessoal de ser um católico (religião no sentido subjetivo e enquanto relacionada com o catolicismo).

Experiência Religiosa:

Do ponto de vista etimológico, o vocábulo “experiência” tem vários significados, nascidos mais do cotidiano do que da especulação. A palavra “experiência” vem do grego “*empeiria*”, matriz de “empírico” e de “empirismo”. Por essa via passou ao latim “*experientia*”, donde o nosso vocabulário português “experiência” (Valle, 1998).

São muitos os sentidos que o senso comum atribui à palavra “experiência”. Em seu significado mais básico, refere-se à apreensão direta empírica da realidade pelo sujeito. Seria um modo imediato de saber que, antecede ao ajuizamento reflexivo do objeto aprendido (Valle, 1998). Neste sentido, o termo experiência, de maneira geral, está relacionado a um conhecimento imediato.

Para Paul Tillich, “*a experiência religiosa dá-se na experiência geral; sendo assim, as diversas modalidades de experiência podem ser diferenciadas, mas não separadas*” (citado por Croatto, 2001, p.44), sendo que o que muda é a relação com o sagrado ou com o mistério.

Valle (1998), em seu livro “Psicologia e Experiência Religiosa”, utilizou o vocábulo alemão “*erlebnis*” para explicar o que seria, para ele, a experiência religiosa. A palavra “*Erlebnis*” significa “experiência”, e é utilizada pelos alemães sempre que a experiência está no sentido de algo “fundo”, vivenciado desde “dentro” e dotado de um sentido ou valor evidente em si para o sujeito. Esta palavra traz em si um sentido de emocionalidade e é traduzida nos dicionários por vivência. Neste sentido, a ênfase está mais na *vivência* da pessoa, do que naquilo que lhe é ensinado ou aprendido a partir de fora, ou seja, pelos sentidos fisiológicos ou pressões sociais. O presente estudo tomou o termo “experiência religiosa” de maneira semelhante à definição de Valle, no entanto, cabe ressaltar que tal tema pode ser compreendido de diferentes maneiras. Pode-se entendê-lo como uma experiência única, extremamente significativa na vida de um indivíduo, uma experiência

marcante em um determinado momento de sua vida que pode, ou não, trazer como consequência, mudanças em diversos aspectos do modo de viver da pessoa. Uma outra forma de se entender a expressão “experiência religiosa”, de maneira geral, é pensando nos valores, conceitos, tradições e costumes transmitidos ao indivíduo pela religião a qual este pertence. A experiência religiosa, agora num sentido mais geral, se daria, então, de acordo com a vivência do sujeito dentro do grupo religioso. E é neste sentido que a pesquisadora procurou trabalhar a experiência religiosa católica, isto é, a experiência religiosa de uma pessoa que se identificou com a igreja católica. Ou seja, entendeu-se a experiência religiosa católica, nesta pesquisa, como se referindo ao conjunto de significados que foram se formando no indivíduo pelo fato dele ter se encontrado com a tradição religiosa cristã na sua modalidade católica romana, e ter se inserido nela, vivenciando sua religiosidade nesse contexto.

Para que se possa conhecer um pouco mais a noção de experiência religiosa, é necessário explorar outros aspectos que podem estar implicados na experiência pessoal católica.

Baseando-se no pensamento de Buber, AmatuZZi apresenta a experiência religiosa como uma experiência que se dá na vida cotidiana, que tem por objetivo o transcendente, o divino. Segundo AmatuZZi (1998), a experiência religiosa é *“algo que não pertence ao plano das idéias, e diante da grandeza do experienciado, a pessoa se sente como nublada, infinitamente pequena e entregue”* (p.59). Esta experiência, pois, repercute diariamente na vida da pessoa abrindo para a mesma um mundo inteiramente novo, o qual ela pode aceitar ou rejeitar. Também Meslin (1992), procura discutir a Experiência Religiosa não apenas como *“uma prova sofrida pelo sujeito, mas também como algo procurado pelo sujeito, a partir da imitação voluntária de um modelo”* (p.91). Sua tentativa é de não reduzir a experiência religiosa a uma atitude passiva, mas salientar o aspecto dinâmico que envolve a procura do homem pelo divino. Todos os conceitos citados pelos autores, também se aplicam a

experiência religiosa católica.

Em seu artigo titulado “Experiência religiosa: busca de uma definição”, AmatuZZi (1998) procurou diferenciar “experiência religiosa” e “conhecimento religioso”. Suas reflexões propõem que ao usar o termo “experiência”, normalmente deseja-se designar “*não qualquer conhecimento, mas aquele obtido na prática, na lida concreta com objetivos particulares, e não nos livros ou no mero exercício dedutivo da razão raciocinante*” (p.53). E a partir daí, o termo “experiência” pode ser usado para designar o conhecimento que existe na relação com o objeto, que faz parte desta relação e que lhe constitui a consciência imediata. Enquanto tal inclui dois aspectos: consciência do contato com o religioso, e consciência de significados aí contidos. Pode-se dizer que a experiência é um conhecimento imediato, e ao mesmo tempo transporta um conhecimento tácito. Isto é diferente de uma dedução intelectual, embora possa originar uma reflexão ou uma elaboração posterior (AmatuZZi, 1998).

Essas considerações de AmatuZZi orientaram a pesquisadora na leitura dos depoimentos que foram colhidos: trata-se de ler neles, mais a experiência vivida de ser católico do que o conhecimento explícito desta religião.

De maneira geral, AmatuZZi (1998), sugere que na Experiência Religiosa, há uma consciência da relação com o objeto divino, transcendente, e não um conhecimento imediato ou direto desse objeto, pois o divino sempre conserva sua face oculta. Assim, a Experiência Religiosa está relacionada a um conhecimento extremamente pessoal, decorrente da própria maneira de lidar com o divino. Também Otto (1981), explica que a experiência religiosa é caracterizada pelo contato com algo exterior ao sujeito, o qual se apresenta de certo modo e que não se pode desenvolver plenamente em conceitos, sendo necessário observar a reação especial que, este contato provoca em seu sentimento.

Em um outro trabalho, AmatuZZi (2001) faz uma diferenciação entre vivência religiosa e experiência religiosa. Para o autor, vivência religiosa “*é tudo aquilo que o*

indivíduo pode contar a respeito de seus movimentos no campo religioso, independentemente de qual seja sua posição religiosa” (p.31). Já a experiência religiosa, “seria uma experiência particular, pessoal, de percepção de uma nova dimensão de realidade, da qual lhe advém seu sentido último e global; experiência de contato (vivido como real embora indireto) com um pólo absoluto de referência do sentido último de todas as coisas (freqüentemente denominado Deus)” (p.31). Vale destacar novamente, que nessa maneira de conceituar, aquilo que neste estudo foi chamado de experiência religiosa católica se aproxima mais do que AmatuZZi chama, neste texto, de vivência religiosa.

Experiência religiosa e desenvolvimento pessoal:

Nesta mesma linha de estudo, Hill e Butter (1995) apontam a variável religião como extremamente construtiva e útil para o estudo do comportamento. Os numerosos estudos sobre religião e saúde mental ou bem-estar psicológico, em sua maioria, sugerem um impacto positivo da religião sobre a saúde mental do indivíduo. Ignorar a religião como uma fonte de conhecimento já é coisa do passado e embora a Psicologia não interaja com a religião como parceria, estes autores argumentam que o estudo científico da religião pelos profissionais de psicologia, se encontra atualmente bem vivo e produtivo.

Em seus estudos sobre o significado da experiência religiosa na vida das pessoas, Linares (2001), observa que o próprio fato dos sujeitos estarem ligados a uma determinada prática religiosa, já deixa transparecer que existe um modelo a seguir, e que no dia-a-dia assumem posturas intimamente relacionadas a esse modelo. Ela também verificou que na maioria das religiões estudadas, os depoimentos apontaram para um crescimento pessoal contínuo e um despertar para as necessidades do outro, num processo constante de integração do mundano com o transcendente.

Observa-se que os estudos de Linares (2001) corroboram com os achados de Hill

e Butter (1995) quando dizem que tanto a vivência religiosa como as práticas do comportamento saudável são entidades de multi-facetas, cada uma envolvendo uma grande variedade de crenças contraditórias, valores, atitudes e comportamentos. Linares destaca ainda que pontuar a vivência religiosa como um fator significativo para a vida humana, não exclui o que alguns estudos apontam como efeito nocivo da religião, nem desconhecem as características de personalidade dos indivíduos que a experimentam.

Outro autor de grande importância no que se refere à Psicologia da Religião foi W. James. Para este autor, a religiosidade não é sempre algo sadio e construtivo em termos de concretude pragmática. Como médico e ex-professor de fisiologia, afirma que *“existem anomalias neurofisiológicas e patologias psíquicas que se evidenciam com facilidade em ambientes e em personalidades religiosas”*. Utilizando uma terminologia de sua época, James distingue e descreve cuidadosamente dois tipos de religiosidade: a doentia (“sick soul”) e a saudável (“healthy minded”). O autor prefere não concentrar sua atenção em portadores de disfunções cerebrais ou comportamentais, e sim nos sadios, inaugurando dessa forma uma tradição nova que marca os estudos psicológicos da religião até hoje. Por mais que possa assumir variedades aberrantes (que James também descreve com fino senso de observação), a religião é um fenômeno humano universal de valência psicológica e cultural positiva (James 1982 citado por Valle 1998 p. 78).

Buber citado por Amatuzzi (1998) em seus estudos sobre religiosidade questiona se um conceito de Deus ajuda ou prejudica a experiência religiosa, ou seja, se uma apreensão intelectual do divino prejudica necessariamente a relação religiosa concreta. Sua conclusão é a seguinte:

“tudo depende da medida em que esse conceito de Deus possa fazer justiça à realidade por ele indicada, fazer-lhe justiça enquanto realidade. Quanto mais abstrato for o conceito, tanto mais requererá ser equilibrado pela experiência viva com qual está intimamente ligado, e isso é mais do que

estar concatenado com um sistema intelectual” (p.60).

Esse mesmo autor, sempre pensando com Buber, coloca também como características negativas da experiência religiosa, que esta não se confunde com a magia, nem com a gnose, e nem com a subjetivação da fé, uma vez que, esses três conceitos correspondem a atitudes não religiosas.

Através dos diversos conceitos propostos pelos autores, pode-se pensar que a experiência religiosa, de maneira geral, é mentalmente saudável para seus praticantes.

O Cristianismo/ Catolicismo

O Cristianismo teve início com o ministério de Jesus de Nazaré. Depois de sua morte, seus discípulos proclamaram que ele fora exaltado e estava vivo junto a Deus (ressurreição e ascensão). Assim para os cristãos, Jesus é a intervenção pessoal de Deus (Browker, 2000).

Jesus de Nazaré foi um judeu que proclamou ser o filho de Deus, ou o messias prometido no Antigo Testamento. Sua vida foi marcada por pregações e ensinamentos baseados nas escrituras judaicas, mas segundo Gaarder (2001) logo ficou claro que Ele estava formulando uma doutrina independente, pois com frequência dizia: “# vós aprendestes o que foi dito a vossos antepassados # Eu, porém, vos digo #”. O fato de Jesus chamar-se a si mesmo de Filho de Deus, indica que este se considerava um ser divino. Segundo os evangelhos, Jesus relacionava a idéia de Filho do Homem com as profecias de Isaías sobre o “servo sofredor”, que ao assumir o sofrimento para si, haveria de restaurar o relacionamento deteriorado entre Javé (Deus) e seu povo (Gaarder, 2001).

Após sua morte, seus discípulos continuaram a divulgar e levar seus ensinamentos para as mais variadas partes do mundo. Foi dessa maneira que “nasceu” a religião Cristã, tendo como base o Judaísmo e se diferenciado deste por acreditar em Jesus como sendo o

messias enviado por Deus (Küng, 2004).

Segundo o Dicionário Bíblico Mackenzie,(1983) o termo “Cristão” não é uma palavra do tempo de Jesus. Esta começou a ser usada somente alguns poucos anos depois de sua morte. O cristianismo antes, era chamado de “o caminho”, e os cristãos de “seguidores do caminho”, (Bíblia de Jerusalém, 2003, por exemplo, Atos9, 2; 19,9-23; 22,4; 24,14,22). De acordo com referido dicionário, esse uso não aparece em outra parte e não possui precedente conhecido. Deve refletir uma indicação particular e provavelmente local. Parece ser uma abreviação de ‘o caminho de Deus’ ou ‘o caminho do Senhor’. Demonstra que a primitiva concepção cristã da fé é mais do que uma série de proposições de ensinamentos ou de um código de princípios morais: era à vontade revelada de Deus que opera na história mediante Jesus Cristo e guia da vida humana. O cristianismo é mais do que uma fé, é uma maneira de viver.

Para Küng (2004), Cristão é todo aquele que, em seu desenvolvimento espiritual, tenta se orientar pelo exemplo de vida de Jesus. Portanto nenhuma organização, instituição ou igreja pode honestamente considerar-se cristã se não toma Jesus como referência.

O Cristianismo hoje está dividido em muitas comunidades eclesiais, com diferentes organizações, doutrinas, ordens e atitudes sociais. Pode-se dizer que a igreja cristã permaneceu única e indivisa até 1054, quando se dividiu em duas, católica e ortodoxa. Durante o século XVI ocorreu a Reforma Protestante, na qual diversas comunidades da Igreja se levantaram em protesto contra certos aspectos da doutrina e da prática da igreja católica. Como consequência, houve novas divisões dentro do Cristianismo (Gaarder, 2001; Küng, 2004).

A igreja católica romana é a maior de todas as igrejas. Existem cerca de um bilhão de cristãos no mundo. Aproximadamente metade deles permanece no catolicismo. Sendo uma das organizações mundiais mais fortes e mais rigidamente estruturadas, a igreja

católica é governada por leis estabelecidas com precisão. Sua hierarquia, composta pelo papa, bispos e padres, possui grande autoridade sobre a camada inferior, os leigos (Gaarder, 2001).

É importante destacar que desde a década de 1960 a igreja católica vem passando por uma vibrante renovação. O papa João XXIII foi, em parte, o inspirador desse movimento, quando em 1962 organizou um encontro geral dos bispos, ou concílio, no Vaticano. Esse encontro recebeu o nome de Concílio do Vaticano II e durou de 1962 a 1965. Até antes deste concílio, a igreja ocidental permaneceu essencialmente da maneira como se configurou na alta Idade Média, e somente após o término do mesmo é que se conseguiu modificar ou reorientar alguns conceitos até então enraizados (Küng, 2004).

O concílio do Vaticano II teve importância para a igreja católica no sentido de reorientar a igreja para o evangelho, restaurar a colegialidade da igreja antiga (o bispo de Roma, o papa, é um dos membros do colégio episcopal, e atua com primazia, mas em comunhão com este colégio) e restaurar a unidade da igreja de Cristo, dilacerada por causa do absolutismo papal. O autor Hans Küng, faz algumas críticas em relação às reformas propostas pela igreja: os resultados do Concílio, deste ponto de vista, *“foram modestos, pois a reforma do papado e da cúria romana não pode nem sequer ser discutida, limitando-se, portanto, a uma modificação cosmética”* (Küng, 2004, p.237).

Os resultados do Concílio foram publicados em diversos livros e servem como orientação para a educação cristão-católica. Dentre os materiais considerados pelo Vaticano como “legítimos”, está o “Catecismo da Igreja Católica”, publicado em português no ano de 1993. Neste livro, os fieis podem encontrar toda a doutrina e diretrizes pastorais da igreja.

Para compreender melhor a religião católica e a maneira como esta considera o desenvolvimento pessoal de seus fieis, é preciso compreender suas diretrizes, portanto o livro “Catecismo da Igreja Católica” (CIC) foi tomado como referência para esta parte do trabalho no que se refere aos padrões do que pode ser considerado católico.

A atitude dos católicos em relação a sua igreja, só pode ser compreendida se for tomada em consideração a firme convicção resultante da fé na divindade de Cristo. Essa atitude é baseada nas promessas de Jesus, sendo que a sua segurança é tão forte como a autoridade sobre a qual a Igreja fundamenta-se (Brantl, 1964).

Viver a experiência religiosa é, para o católico, o meio de se ter uma “relação” com o divino, ou seja, a experiência religiosa seria uma forma “concreta” de se alcançar Deus (Brantl, 1964). A igreja pontua que a realização dos sete sacramentos é fundamental para aquele que deseja viver a experiência religiosa de maneira completa. (Brantl, 1964). Segundo os ensinamentos católicos, os sacramentos são rituais administrados por um padre ou bispo (eventualmente por um diácono ou mesmo um cristão leigo), que tem um caráter de sinal visível de uma realidade divina. Esses ritos se espalham pelos momentos mais importantes da vida, dando a eles uma nova dimensão de acordo com a fé religiosa.

Tipos de religiosidade:

Gordon W. Allport foi um dos “mais eminentes nomes da Psicologia mundial do século XX” (Valle, 1998, p.86). Este autor foi um destaque nos estudos psicológicos da personalidade e da conduta humana, incluída a questão da religiosidade. Toda descrição allportiana da religiosidade é uma espécie de corolário de sua visão global da personalidade, no entanto, o autor se preocupou em explicitá-la e em assinalar aquilo que a torna um comportamento distinto dos demais (Valle, 1998).

A Allport interessava entender a religiosidade que não se detém no que é extrínseco (superficial). Sua atenção estava mais voltada para seu caráter profundo e intrínseco, só que sempre usando um minucioso e bem-documentado modo de falar

psicológico. Ainda segundo Allport, “a religiosidade intrínseca, sendo a experiência pessoal de um valor supremo, de próprio direito, é um sentimento que flui da vida como um todo, com suas motivações e seu sentido. Em contraste, a religiosidade extrínseca é estritamente de utilidade para o self enquanto lhe oferece garantia de segurança, posição social, consolação e endosso do caminho de vida que a pessoa já escolheu” (Allport citado por Valle, 1998, p. 94).

Quanto às características da religiosidade Intrínseca e Extrínseca, Allport (citado por Valle, 1998, p.270) faz a seguinte comparação:

Religiosidade Intrínseca	Religiosidade Extrínseca
Devoção; forte compromisso pessoal; universalista; ética; amor ao próximo.	Religião de conveniência; surgimento em momentos de crise e necessidade.
Altruísta, humanitária, não-egocêntrica.	Etnocêntrica, exclusivista, fechada grupalmente.
Influencia a vida diária e lhe dá sentido	Não se integra no cotidiano.
A fé possui importância central; é aceita sem reservas; o credo é seguido inteiramente.	Fé e crenças são superficiais; as crenças sofrem uma seleção subjetiva.
A fé tem um significado último: é um bem final, um valor supremo; uma resposta última.	Utilitária; sem visar outras finalidades; a serviço de outras necessidades pessoais e sociais.
As pessoas são vistas como indivíduos.	Vê as pessoas em termos de categorias de sexo, idade e status.
Auto-estima elevada	Auto-estima baixa ou confusa.
Vê Deus como amoroso e misericordioso.	Deus é visto como duro e punitivo.
Aberta a experiências religiosas intensas; vê positivamente a morte. Sentimentos de poder.	Visão negativa da morte; sentimentos de impotência e de controle externo.

De maneira resumida (citado por Valle, 1998, p. 267):

✓ Religiosidade intrínseca: “A fé como um valor supremo com validade própria, orientada para a unificação do ser. A pessoa toma a sério o mandamento da fraternidade e busca transcender todas as necessidades auto-centradas”.

✓ Religiosidade extrínseca: “É uma religião estritamente utilitarística; é útil ao self por lhe oferecer segurança, prestígio social, consolo e confirmação da orientação de vida já assumida”.

Tipos de adesão entre católicos:

A partir de conversas e reflexões da autora com grupos de católicos, esta conseguiu formular o que seria, para este estudo, um “católico praticante” e um “católico não praticante”.

Numa definição bem genérica, católico seria a pessoa que adere aos rituais (sacramentos), à disciplina (normas morais) e à doutrina (dogmas) da igreja católica. No entanto, para se pensar em uma diferenciação entre “católico praticante” e “católico não praticante”, deve-se ultrapassar essa caracterização genérica. De fato, o “católico não-praticante” é aquele que se denomina católico, mas que não frequenta regularmente os sacramentos da igreja (ritos), não segue as normas morais ou disciplinares da religião, e se dá a liberdade de não aceitar todas as doutrinas. Este seria o que se pode chamar, de “católico de rótulo”, ou seja, é o indivíduo que precisa de um rótulo religioso por algum motivo em particular.

Dentre os “católicos praticantes”, também se pode encontrar os “praticantes de rótulo”, superficiais, ou como denominou Allport, religiosos “extrínsecos”. Estes seriam aqueles que frequentam os ritos (no caso, principalmente a missa dominical), sem se preocuparem em compreendê-lo ou em aprofundar seu entendimento; visam apenas cumprir com uma obrigação religiosa. Podem, além disso, seguir as normas morais ou disciplinares da igreja, mas o fazem como se submetendo as imposições, sem crítica, usando estas normas apenas como uma espécie de tranquilizador moral.

A partir dessas reflexões, seria mais correto conceituar o verdadeiramente religioso, o “praticante envolvido” ou o religioso intrínseco (segundo Allport), como aquele que participa ativamente das atividades religiosas (ritos, disciplina e doutrina) com convicção e com uma compreensão refletida que se aprofunda cada vez mais. Cabe realçar, que convicção e compreensão vão além da simples adesão externa, pois supõem um envolvimento maior.

Em suas observações, a autora também pôde perceber que o praticante superficial manifesta uma prática mais rígida do que o praticante envolvido, e isto exatamente porque o primeiro não tem reflexão ou crítica em relação a sua própria religiosidade, o que gera uma atitude mecânica, por assim dizer, de cumprimento de rituais religiosos.

Para estudo, a autora utilizou os tipos de religiosidade propostos por Allport Denominando assim os religiosos intrínsecos por “católicos praticantes envolvidos” e os religiosos extrínsecos por “católicos praticantes superficiais”.

Desenvolvimento Psicológico e Religiosidade

Sendo a Psicologia uma ciência que, estuda o Homem em suas relações consigo mesmo e com o mundo que o cerca, não se pode deixar de pensar sobre como esta ciência compreende o desenvolvimento psicológico ou crescimento pessoal. Alguns autores elaboraram teorias para descrever como este processo ocorre.

Carl Rogers enfatizou em sua teoria, a importância de se levar em consideração o desenvolvimento pessoal de seus clientes. Em seu livro “Tornar-se Pessoa”, Rogers (2001) propõe a utilização da relação terapêutica para promover tal desenvolvimento.

Também Jung, foi um dos primeiros psicólogos a elaborar uma teoria sobre desenvolvimento psicológico do adulto. Seus dados são baseados principalmente em seu trabalho clínico e em sua teoria psicológica. (citado por Goldstein, 1993).

Neste estudo, considerou-se desenvolvimento pessoal, todo o movimento interno da pessoa no sentido de promover maior bem estar psíquico. Assim sendo, pode-se dizer que uma pessoa obteve um desenvolvimento pessoal, à medida que esta caminha para uma maturidade emocional que lhe trará conseqüentemente novos comportamentos e um maior bem estar em relação aos aspectos emocionais de sua vida.

Para autores como Goldstein (1993), não se pode falar de desenvolvimento psicológico sem mencionar a questão da religiosidade. Neste sentido, pode-se pensar numa forte relação entre crescimento pessoal e religião, não apenas no que se refere ao desenvolvimento biológico, uma vez que, pesquisas apontam para um aumento da religiosidade proporcionalmente ao avanço da idade cronológica (Moberg, 1965 citado por Goldstein, 1993), mas também no que se refere ao desenvolvimento emocional e espiritual.

Segundo os estudos de Amatuzzi (2001) sobre desenvolvimento religioso, pode-se concluir que a presença do religioso, psicologicamente falando, é passível de efeitos pessoais contraditórios: ela pode ser promotora ou bloqueadora de desenvolvimento humano. Isso

dependerá tanto da qualidade desse religioso como da função psicológica com a qual ele surge.

Um grande contribuidor para a Psicologia do Desenvolvimento, foi Maslow. Segundo Goldstein (1993), Maslow realizou um estudo sobre as características de pessoas psicologicamente saudáveis e auto-realizadas. Seus resultados mostraram que as pessoas consideradas auto-realizadas eram aquelas que, em geral, tinham entre outras características, conseguido resolver as questões de caráter filosófico e religioso que permeiam a existência humana, além disso, partilhavam ainda de um senso de experiência mística.

Alfred Adler escreveu apenas um artigo no qual discute diretamente o tema Psicologia e Religião. Embora não tenha se dedicado tanto a esta área, diversos autores têm usado sua teoria da Psicologia Individual e o seu conceito de interesse social como ponto de ligação entre desenvolvimento e religião. Adler afirma que *“a energia primária, (tão efetiva em estabelecer os objetivos religiosos), foi a do sentimento social que torna os seres humanos mais próximos uns dos outros e deve ser vista como uma herança da evolução, como resultado do impulso pelo anseio evolutivo”* (Adler, 1987, citado por Goldstein, 1993 p.89).

Existe, na visão de muitos autores, um paralelismo entre o pensamento moral e o pensamento religioso. Kohlberg e Power (1981) argumentam que o desenvolvimento moral pertence a um domínio separado do religioso. Ele acredita, entretanto, que existe um desenvolvimento paralelo das estruturas do raciocínio moral e religioso. Alcançar uma determinada estrutura do raciocínio moral é condição necessária, mas não suficiente para alcançar uma estrutura religiosa paralela. Segundo estes autores, a função ética do pensamento religioso é dar suporte às estruturas do raciocínio moral que se desenvolvem com certa independência das estruturas religiosas.

Fowler (1980), teólogo e estudioso do desenvolvimento humano, baseou sua teoria na análise de entrevistas realizadas ao longo de sete anos, com cerca de 400 pessoas. Embora a teoria de Fowler adote o modelo de desenvolvimento formal-estrutural proposto por

Piaget e também por Kohlberg, ela difere na ênfase que coloca na afetividade, sentimentos e imaginação. A fé, para Fowler, não envolve necessariamente os conceitos de religião e crença, mas sim a maneira dinâmica de a pessoa dar significado à sua vida. Nota-se na teoria de Fowler uma grande relação entre desenvolvimento psicológico e desenvolvimento religioso/espiritual através do ciclo de vida. Também neste sentido, Viktor Frankl, psicólogo e criador da “logoterapia”, coloca a importância de dar-se um significado a vida como meio de resolução de conflitos psíquicos. Sua obra mais marcante neste assunto foi o livro “Em busca de sentido”, no qual o autor relata sua experiência num campo de concentração nazista e os meios que encontrou para sobreviver em uma situação precária como esta (Frankl, 2002).

Uma outra obra também bastante importante deste mesmo autor é o livro intitulado “A Presença Ignorada de Deus”. Esta obra mostra como o ser humano não é tão somente movido por impulsos inconscientes, como afirmou Freud, mas também manifesta uma espiritualidade inconsciente. Frankl comprova sua teoria, recorrendo à consciência moral e à interpretação de sonhos e corrobora sua argumentação através de casos ocorridos em sua própria prática terapêutica. Empiricamente o autor mostra como há no ser humano uma religiosidade e uma relação com Deus em termos inconscientes. O autor define essa situação como “a presença ignorada de Deus” (Frankl, 2003).

O que as teorias do desenvolvimento da religiosidade, da fé ou espiritualidade têm em comum com as teorias do desenvolvimento psicológico, é o fato de que as primeiras encaram o homem como sendo capaz de alcançar um estágio de desenvolvimento onde a transcendência é o denominador comum (Goldstein, 1993).

Diferente da Psicologia que é uma ciência empírica, a religião católica entende que o desenvolvimento do ser humano ocorre a partir do crescimento espiritual, sendo este, portanto, um conceito religioso que transcende a abordagem estritamente científica.

OBJETIVO

O objetivo deste trabalho foi analisar, fenomenologicamente, a experiência religiosa de católicos em sua relação com o desenvolvimento pessoal através de depoimentos colhidos em entrevistas.

PARTE II

MÉTODO

*“Cada uma das ciências humanas
pode estudar tanto a experiência religiosa como suas
múltiplas expressões.*

*O enfoque fenomenológico, contudo
é específico, distingue-se de todas as outras forma de
aproximação e, além disso, as enriquece”.*

(José Severino Croatto, 2001)

A maneira pela qual se conduziu este estudo aponta, naturalmente, para a utilização da abordagem qualitativa, que segundo González Rey (2002, p.73), visa *“uma análise acerca da realidade plurideterminada, diferenciada, irregular, interativa e histórica, que representa a subjetividade humana”*.

Ainda segundo este mesmo autor, as construções qualitativas se convertem em recursos indispensáveis para se entrar em uma zona de sentido oculta pela aparência, o que é o caso da pesquisa relacionada à experiência religiosa e desenvolvimento pessoal. Esse princípio tem diferentes repercussões na metodologia que se diferencia da maneira tradicional de realização de pesquisas das ciências naturais; destaca-se o lugar ativo do pesquisador e do sujeito pesquisado como produtores de pensamento.

Na pesquisa qualitativa, a preocupação com o processo é muito maior do que com o produto, o interesse do pesquisador é verificar como e, de que maneira, o problema se manifesta no cotidiano (Dencker, 2001). Neste estudo, mais especificadamente, em como a experiência religiosa foi vivenciada pelo participante e, em quem sentido ela trouxe crescimento pessoal.

Quanto á generalização na pesquisa qualitativa, esta têm caráter processual, dinâmico e se define pela qualidade da construção teórica, visando o conhecimento dos aspectos do assunto estudado, sendo que a preocupação é conceitual e não estatística. A generalização é definida por Gonzalez Rey (2002) pela abrangência e pelo poder gerador na

produção de novas idéias. Este autor ressalta que ao considerar a generalização como qualidade da construção teórica, os critérios de sua definição deixam de ser correlacionais, de repetição ou de padronização. Por isso a individualidade é fonte legítima para a produção de generalizações.

Neste sentido, a pesquisadora acredita que a metodologia qualitativa foi extremamente útil na compreensão do objeto deste estudo que consiste na subjetividade do sujeito. De acordo com Auhagen (2000, p.40), *“o método de depoimentos pessoais baseados na forma de respostas livre sustenta achados interessantes no tema do sentido da vida”*.

A autora considera importante destacar que a pesquisa qualitativa possui algumas tendências, e dentre elas interessa-lhe mais especificamente a fenomenológica.

Segundo AmatuZZi (2003), as pesquisas em ciências humanas chamadas de fenomenológicas pretendem lidar com significados de experiências e trabalham com desdobramento de sentidos, buscando o significado dos fenômenos para os humanos com eles envolvidos. Esse tipo de pesquisa pretende dar conta do que acontece, pelo clareamento do fenômeno. Não se pretende verificar, mas construir uma compreensão de algo se baseando numa análise sistemática de registros de experiência.

A abordagem fenomenológica dispõe de mais de uma tendência, porém, para este estudo, foi utilizada a tendência empírica (AmatuZZi, 1996), pois as conclusões foram, principalmente, baseadas na análise dos depoimentos dos participantes.

A pesquisa fenomenológica é a pesquisa do vivido, portanto, este pode não ter sido acessado antes. O “vivido” não é necessariamente “sabido” de antemão. È no ato da relação pessoal, quando surge a oportunidade de dizê-lo, que é acessado. Dessa maneira, pode-se dizer que a pesquisa fenomenológica não possui sujeitos que fornecem informações, mas colaboradores que pensam juntos o assunto e o fazem com a novidade da primeira vez (AmatuZZi, 2003).

COLABORADORES

Segundo Martinez, a escolha dos colaboradores de uma pesquisa depende da natureza do conhecimento que se deseja alcançar, ou seja, dos objetivos do estudo. Segundo este autor, para se conhecer a “*estrutura ou sistema dinâmico (...), ou seja, a rede de relações que configura um todo organizado como é o caso da maioria das estruturas psíquicas*” (Martinez, 1994, p.127) é necessário escolher casos típicos ou representativos, o que é diferente do caso de uma amostra representativa quando queremos conhecer como se distribui uma determinada característica na população. Tendo esta pesquisa um caráter fenomenológico/exploratório, a amostra se constituiu de quatro pessoas “católicas praticantes envolvidas” (conforme conceito discutido na fundamentação teórica) que foram indicadas por líderes religiosos. Os participantes deveriam ter mais de 18 anos e poderiam ser de ambos os sexos.

INSTRUMENTO

No que diz respeito aos procedimentos metodológicos, as pesquisas qualitativas de campo, exploram, particularmente, as técnicas de observação e entrevistas devido à propriedade com que esses instrumentos penetram na complexidade de um problema (Richardson, 1999). Desta maneira, o instrumento utilizado neste estudo foi a entrevista não diretiva ativa.

Este tipo de entrevista visa obter do entrevistado os aspectos mais relevantes de sua experiência sobre algum tipo problema. Por meio de uma conversação guiada, pretende-se obter conteúdos vivenciais que possam ser usados em uma análise qualitativa. Tal modelo de entrevista procura saber, dentre outras coisas, como algo acontece, em lugar de determinar a frequência de certas ocorrências (Monteiro, 2003).

De maneira semelhante à Monteiro, também Mucchielli (1991, p.28) diz que a “*entrevista não diretiva, como técnica qualitativa de coleta de dados, é o inverso do questionário que se baseia em perguntas*”. Esta primeira é aberta e centrada, ou seja, ela se baseia não nas reações do entrevistado à perguntas precisas, mas na expressão livre de suas idéias sobre um assunto. Para um entrevistador ser “não diretivo” “*é preciso que este não imponha nada ao entrevistado, mas obtenha dele expressões espontâneas, absolutamente não devidas a induções vindas da situação do encontro ou de suas próprias atitudes, comportamentos e reações no momento deste encontro*” (Mucchielli, 1991, p.28).

Esta modalidade de entrevista tem como princípios gerais: não dirigir o entrevistado, apenas mantê-lo interessado no que fala; levar o entrevistado a precisar, desenvolver e aprofundar os pontos que coloca espontaneamente e facilitar o processo da entrevista (Richardson, 1999 e Mucchielli, 1991).

Em todo encontro não diretivo, o entrevistador intervém não sobre o conteúdo, mas sobre a organização do conteúdo daquilo que lhe é dito. Ele faz sínteses, contudo, não fica passivo, ao contrário disso ele é ativo. É ativo, pois, deve apoiar sem cessar seu interlocutor na reflexão. Para fazer bem isso, além da compreensão do conteúdo é necessário “*ser capaz de relacionar sempre a compreensão do que é dito com o objeto da entrevista*”. Isso quer dizer, portanto, que há análises a fazer e a devolver ao interlocutor durante a entrevista (Mucchielli, 1991 p.31).

PROCEDIMENTO

Primeiramente foi realizado um contato inicial com líderes religiosos católicos, com objetivo de estes indicarem possíveis participantes que tenham o perfil desejado (“católicos praticantes envolvidos”).

A partir das indicações, foram escolhidas 4 que realmente tinham o perfil

desejado para este estudo.

Após a seleção dos participantes, foi agendado um horário e local (que foi escolhido pelo colaborador) para a realização da entrevista.

No primeiro contato com os colaboradores, a pesquisadora esclareceu todo o processo de pesquisa e, no caso de concordância, foi solicitada a assinatura do termo do consentimento livre e esclarecido e autorização para gravação da entrevista em fita de áudio para posterior análise (Anexo I).

Tendo compreendido e concordado com os procedimentos de pesquisa, o colaborador foi solicitado a responder as perguntas da ficha de dados pessoais (anexo II) para melhor organização dos dados pela pesquisadora. Somente após essa etapa de esclarecimento e coleta de dados pessoais é que foi realizada a entrevista com o participante.

A entrevista foi aberta e ativa, tendo a seguinte pergunta como disparadora: *“Estou fazendo uma pesquisa sobre experiência religiosa e desenvolvimento/ crescimento pessoal, o que você pode me contar sobre isso de acordo com a sua experiência?”* O entrevistado teve, aproximadamente, uma hora para a entrevista.

Segundo AmatuZZi, *“uma entrevista que pretende captar a experiência vivida, deve clarear para a pessoa entrevistada os significados mais originais de sua experiência, não por imposição de estruturas de pensamento, mas por um retorno à origem propriamente experiencial da vivência, como que conferindo suas posteriores elaborações com essa origem”* (AmatuZZi, 1998, p.53).

Depois de serem gravadas em fitas de áudio, as entrevistas foram transcritas e para isso foi utilizado um código escolhido pela pesquisadora (anexo III).

FORMA DE ANÁLISE DOS RESULTADOS

A análise das entrevistas foi de natureza fenomenológica e, neste sentido, foi

privilegiado o intencional ou vivido.

Os dados coletados durante a entrevista foram analisados, qualitativamente e, portanto, seguiram um processo indutivo, ou seja, o pesquisador não se preocupou em buscar evidências que comprovem hipóteses teóricas, no entanto, o fato de não existirem hipóteses ou questões formuladas a priori não implicou na inexistência de um quadro teórico. O desenvolvimento do estudo foi afinando-se (no início houve questões ou focos de interesse mais amplos, que no final foram se tornando mais diretos e específicos) (Dencker, 2001).

Inspirando-se em Forghieri (1993), Amatuzzi (1996), esquematizou seis passos para efetuar a análise dos depoimentos. São eles:

- 1) leitura do todo do depoimento para entrar em contato com seu sentido global;
- 2) sublinhar as frases que expressam o vivido em relação ao objetivo da pesquisa;
- 3) transcrever o vivido de cada uma dessas frases levando-se em conta o conjunto do depoimento;
- 4) confirmar com o sujeito que ofereceu o depoimento se essas transcrições estão corretas e corrigir com ele o que for necessário;
- 5) fazer uma síntese articulando todos os elementos da experiência vivida;
- 6) se houver outros depoimentos, repetir o mesmo procedimento para cada um, e compara-los em suas sínteses buscando invariantes, isto é, o que existe de comum, e as variantes ou particularidades, isto é o que existe de próprio a cada um. Através disso se pode formular uma estrutura do vivido, para além das particularidades de cada depoimento.

Para Amatuzzi (2003), depoimento é o nome que se convencionou dar as manifestações quando são tomadas exatamente como apoio empírico para pesquisas. Desta maneira, pode-se dizer que um depoimento é definido como um relato verbal, especialmente escolhido para uma determinada pesquisa.

Sendo o presente estudo uma análise da experiência religiosa católica e sua relação com o desenvolvimento pessoal, a autora considerou o método fenomenológico empírico o meio mais adequado para efetuar tal percurso. Para isso, foram utilizados os passos propostos por Forghieri e esquematizados por Amatuzzi com exceção do passo 4 que consiste na confirmação da análise com o sujeito. Este passo foi excluído porque os participantes não conseguiram responder a confirmação a tempo

Por se tratar de uma pesquisa orientada para a descoberta, pretendeu-se entrar em contato com a realidade única vivida por cada participante para que se pudesse, a partir daí, chegar a uma estrutura do vivido, ou a uma elaboração sobre a natureza do fenômeno.

PARTE III

Apresentação do depoimento de André

Esta foi a primeira entrevista realizada no dia 21 de fevereiro de 2005 as 13h30minh. O local foi escolhido pelo entrevistado, que sugeriu sua própria casa para realização da entrevista.

O participante foi indicado por uma pessoa conhecida da entrevistadora que participa semanalmente da comunidade católica.

A entrevista durou 50 minutos aproximadamente e só foi finalizada quando o entrevistado disse que precisaria sair para trabalhar.

André tem aproximadamente 41 anos, é casado, tem dois filhos e trabalha numa empresa multinacional como gerente de recursos humanos.

A entrevistadora começou com a pergunta disparadora (“estou fazendo um trabalho sobre religião e crescimento pessoal, o que você pode me disser sobre isso de acordo com a sua experiência?”) e permitiu que o entrevistado relatasse sua experiência religiosa. Este começou falando sobre sua infância, família e sobre a questão religiosa dentro de sua casa. Falou também sobre sua adolescência e dos envolvimento amorosos que teve nesta época de sua vida.

Quando estava com aproximadamente 20 anos, conheceu sua atual esposa a qual participava da comunidade católica. Para conquistá-la, André começou a freqüentar a igreja e dessa forma foi se aproximando cada vez mais da religião. André e a então namorada, casaram-se aos 21 anos e passaram por algumas dificuldades financeiras que afetaram o casamento no início. Afastaram-se da igreja durante um tempo e depois voltaram a freqüentar.

André relatou uma época em que teve uma promoção no emprego. Segundo ele, houve uma mudança muito rápida na sua condição social e financeira, o que mexeu profundamente com sua cabeça. Nesta época, seus filhos tiveram sérios problemas de saúde

(bronquite), e a partir disso, André começou a questionar muito sua vida religiosa e até mesmo sua fé.

Nesta época, André e a esposa começaram a freqüentar grupos de casais dentro da igreja católica. Essa experiência segundo o entrevistado foi muito positiva e acabou despertando nele um antigo desejo: tocar bateria.

André relatou que sua experiência religiosa começou com a música e que muitas mudanças aconteceram depois dessa experiência que o fizeram crescer enquanto pessoas.

Apresentação do depoimento de Maria

Esta foi a segunda entrevista realizada no dia 06 de abril de 2005 as 16h00minh. O local escolhido pela entrevistada foi uma sala de atendimento psicoterapêutico. A entrevistada foi indicada por um padre da comunidade religiosa de um bairro em Campinas.

A entrevista teve duração de 1 hora e 15 minutos aproximadamente e foi finalizada quando a entrevistada relatou não ter mais nada a contar sobre a sua experiência religiosa.

Maria tem 26 anos, é solteira, não tem filhos e mora com os pais. É formada em Pedagogia e trabalha numa escola pública com crianças do maternal.

A entrevista teve início com uma breve explicação sobre o trabalho e o pedido de assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido. Posteriormente, a entrevistadora fez a pergunta disparadora: “estou fazendo um trabalho sobre religião e crescimento pessoal, o que você pode me dizer sobre isso de acordo com a sua experiência?”.

Maria começou a contar sobre sua experiência religiosa e como esta ocorreu ao longo de sua vida. Iniciou falando sobre sua família e como era a questão religiosa em sua casa. Relatou sentimentos de controvérsia entre os membros da família no que se refere às orientações religiosas, bem como nas práticas estabelecidas pela igreja católica. Falou

também sobre seu interesse pela religião desde criança e sobre como conseguiu amadurecer sua experiência religiosa até os 26 anos.

Durante sua adolescência, procurou participar de diversos grupos de jovens e sempre sentiu uma grande preocupação no que se refere à vida religiosa de sua família, desejando sempre manter a família unida dentro da igreja.

Segundo seu relato, seu desenvolvimento pessoal foi acontecendo junto com seu desenvolvimento religioso, ou seja, Maria percebia que quanto mais se desenvolvia espiritualmente, maior era o seu crescimento enquanto pessoa.

Ao final da entrevista, Maria disse que esta a ajudou a refletir sobre sua trajetória na vida religiosa, bem como em sua vida pessoal. Relatou se sentir bastante a vontade para falar sobre o assunto e se dispôs a colaborar mais com a pesquisadora caso fosse necessário.

Apresentação do depoimento de Fátima

Esta foi a terceira entrevista realizada no dia 29 de maio de 2005 as 10h00minh. O local escolhido pela entrevistada foi sua própria casa. Fátima foi indicada por um dos membros de uma comunidade religiosa de Campinas.

A entrevista teve duração de 1 hora aproximadamente e foi finalizada quando a entrevistada relatou não ter mais nada a contar sobre a sua experiência religiosa.

Fátima tem 40 anos, é casada, tem 2 filhos e mora com o marido e os filhos. Sua formação é em Farmácia, mas atualmente não está exercendo sua profissão. Fátima trabalha atualmente em casa cuidando dos filhos e também realiza trabalhos com crianças na comunidade religiosa a qual pertence.

A entrevista teve início com uma breve explicação sobre o trabalho e o pedido de assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido. Posteriormente, a entrevistadora fez a pergunta disparadora: “estou fazendo um trabalho sobre religião e crescimento pessoal, o que você pode me dizer sobre isso de acordo com a sua experiência?”.

Fátima iniciou me contando sobre sua história de vida familiar e sobre sua busca pela espiritualidade. Segundo seu relato, a família e principalmente a mãe, tiveram certa influência na sua experiência religiosa, pois cada membro da família tinha um ponto de vista

diferente sobre questões de religião. Fátima sentiu-se mais atraída pela religiosidade mística e oriental da mãe, e foi a partir desta influência que ela iniciou sua busca por um crescimento espiritual.

Fátima não relatou sua experiência religiosa relacionando-a com sua idade cronológica preferindo relatar sua experiência como um processo de amadurecimento que foi acontecendo ao longo de sua vida.

Algumas de suas colocações durante a entrevista mostraram que Fátima ainda está em processo de crescimento pessoal e que sua experiência religiosa é a base para que este desenvolvimento continue acontecendo.

Ao final da entrevista, pude observar que a experiência religiosa de Fátima está relacionada com seu esforço para ser uma pessoa mais madura, ou seja, ela realmente entende a religiosidade como um caminho para seu desenvolvimento pessoal.

Apresentação do depoimento de Dona Neuza

Esta entrevista foi realizada no dia 29 de junho de 2005 as 10h30minh. O local escolhido pela entrevistada foi sua própria casa. D.Neuza foi indicada por um padre de uma igreja católica de Campinas.

D.Neuza tem 75 anos, é casada, tem dois filhos também casados e mora com o marido. Seu grau de instrução é o 1^o grau incompleto (até a 4^o. série do ensino fundamental). Durante toda sua vida, trabalhou como vendedora, e agora que esta aposentada dá aulas de pintura, além de cuidar da casa.

A entrevista teve duração de 1 hora aproximadamente e foi finalizada quando a entrevistada relatou não ter mais tempo para continuar a falar sobre suas experiências religiosas.

D.Neuza a princípio, sentiu um pouco de dificuldade em compreender o que eu estava querendo saber, e por conta disso, pediu para eu não gravar a entrevista logo de início. Aceitei o pedido da entrevistada e resolvi explicar, mas detalhadamente, o que eu realmente estava precisando saber com aquela entrevista e, somente depois de ter certeza de que a entrevistada havia de fato entendido meus objetivos, é que dei início a gravação (com autorização de D.Neuza).

A entrevista com Dona Neuza começou com o relato de sua história vida. Percebi que houve uma necessidade, por parte da entrevistada, em descrever alguns aspectos de sua vida antes de falar sobre sua experiência religiosa. A maior parte da entrevista é marcada por

esse relato da história de vida e somente ao final do depoimento é que Dona Neuza falou sobre sua experiência religiosa e a relação/ compreensão que ele faz com seu crescimento pessoal.

Acredito que embora Dona Neuza tenha ‘utilizado’ a maior parte da entrevista para contar sua história de vida, seu depoimento sobre sua experiência religiosa foi demasiadamente rico e suficiente para uma boa análise do assunto.

Análise do depoimento de André (A)

Vivencia familiar na infância e juventude:

Ao pensar sobre sua infância e adolescência, André enfatiza sua família e as influências que recebeu dos pais sobre conduta de vida. Podemos compreender que tais opiniões foram significativas para seu comportamento durante a adolescência, pois sentia que deveria seguir as orientações dos pais com relação à maneira de se relacionar com as pessoas.

“# os pais, tentam posicionar para o filho alguma coisa no sentido religioso”.

Em relação a sua espiritualidade, André sente que a essência ou nascimento de sua religiosidade surgiu dentro da sua família e, que esta última, foi responsável por transmitir os primeiros ensinamentos religiosos. Sente esta questão como algo muito importante, mesmo que posteriormente tenha questionado muitos aspectos da vida religiosa dos pais, em termos de raízes, ele sente que sua família foi quem lhe transmitiu as primeiras experiências religiosas.

“# a questão religiosa nasce dentro da sua casa, de uma forma ou de outra”.

Ao contar sobre a religiosidade dos pais, André critica a forma de vivencia religiosa de sua família, sentindo-a, muitas vezes, como algo superficial e inconsistente.

“# e os meus pais, eles se diziam ser católicos. Mas assim..., dentro da minha casa, eu nunca vi o catolicismo #”.

Enquanto criança sentia certa ambigüidade entre a educação recebida em casa e os ensinamentos da igreja. Relata que a família lhe transmitia certos valores que não coincidiam com os recebidos na igreja, e que isso o fazia se sentir confuso quanto a sua religiosidade. *“# e ai começa a dar uma confusão#”.* Neste sentido, podemos entender que a experiência religiosa infantil de André, descrita por ele como confusa, mostra na verdade um sentimento de insegurança quanto aos valores de vida que foram recebidos. Ele sentia que seus referenciais de conduta de vida (família e igreja) não coincidiam entre si, pois de um lado recebia os ensinamentos oficiais da igreja (tais como aprendeu por ocasião da primeira

comunhão), e de outro havia as orientações dos pais sobre se divertir, aproveitar a vida, namorar sem compromissos. “# quando você faz a primeira comunhão, aquilo te dá certa concepção sobre a religião, e por outro lado, seus pais dizem outra coisa para você, coisas que não batem com a religião”.

Observamos que André não possuía uma orientação de vida coerente em um momento importante de sua vida, ou seja, na infância, fase na qual os valores são normalmente transmitidos. Neste sentido, podemos compreender as origens dos sentimentos de insegurança que acompanharam André durante sua infância, adolescência e até mesmo na fase adulta. Como resultado, observa-se que André sente necessidade, enquanto adulto, de ser coerente com aquilo que fala, ou seja, não basta se dizer católico como os pais, é preciso praticar a religião no seu dia a dia. “# eu chego aqui para você de uma forma e amanhã você me encontra na rua e eu estou de uma maneira totalmente diferente, você vai desacreditar em mim, vai dizer: esse cara não é católico nada! Então são as tuas ações que passam para a pessoa essa confiança. Não adianta nada eu vir aqui discutir com você, falar alguma coisa e sair daqui e não praticar aquilo que eu disse, #”.

André justifica sua vida amorosa passada, solta e sem compromissos, pela influência de opinião dos pais. À luz do que ele pensa hoje, entende que essas influências não foram positivas para seu desenvolvimento espiritual. Observamos também que, hoje André tem outra compreensão sobre o que seria ‘aproveitar a vida’, indo contra os argumentos dos pais, para os quais, ele deveria ‘aproveitar a vida’ sem responsabilidades e sem compromissos afetivos. Essa nova compreensão de relacionamentos demonstra mudanças em sua conduta de vida e também em seu desenvolvimento enquanto pessoa.

“# sempre fui muito influenciado pelos meus pais, nós sempre ouvíamos assim: que o homem precisa se divertir”, # namorar uma hoje, namorar uma outra amanhã. O homem tinha que casar bem mais tarde, tinha que aproveitar a vida #”.

Embora se sentisse em conflito com relação a sua orientação de vida, André continuou mantendo os comportamentos que lhe foram transmitidos pelos pais até conhecer a namorada, que posteriormente veio a se tornar sua esposa. André a sentia como uma pessoa muito religiosa, diferente das mulheres com quem já havia se relacionado. Seus sentimentos por ela, o fizeram retomar algo que estava perdido ou esquecido dentro de si mesmo, e isso ia contra o conceito de ‘aproveitar’ a vida colocado pelos pais. “# até o dia em que eu conheci a minha esposa. Ela era # diferente, ela vivia dentro da igreja, e aí eu me apaixonei por ela #”. Novamente observamos que André entra em conflito sobre seus valores, mas desta vez, o sentimento de paixão pela namorada, o ajudou a refletir sobre essa situação.

André fala sobre o início do namoro e relata que foi para conquistar a esposa que ele foi se aproximando e conhecendo mais a vida religiosa. Ele entende que foram os sentimentos pela esposa que o fizeram se aproximar da vida religiosa e conseqüentemente desenvolver sua espiritualidade a partir das atividades da igreja. “# e com aquela ânsia de conquistá-la, eu passei a freqüentar os locais que ela freqüentava, e aos poucos # eu fui me interessando pelas atividades”.

Ao se referir à esposa, observa-se que André tem um sentimento de admiração por esta, principalmente no que se refere a aspectos da vida religiosa. Podemos entender aqui, que André se sentiu apaixonado por esta mulher e, ao perceber que ela tinha atitudes e comportamentos diferentes das demais mulheres com quem ele havia se envolvido, algo mudou em relação a sua concepção de relacionamento afetivo. “# ela dava aulas de catequese, participava de grupo de jovens, tinha determinados compromissos religiosos que eu passei a admirar #”. André passou a valorizar o modo de vida da namorada e a se envolver cada vez mais com este estilo de vida, o qual, segundo seu relato, o fez crescer enquanto pessoa. “# e isso foi me levando assim como um hábito religioso”.

À medida que foi conhecendo e se envolvendo com o estilo de vida da namorada, André passou a sentir uma profunda admiração por pessoas que viviam a religião católica como parte efetiva de suas vidas. André compara o relacionamento que teve com outras mulheres com o namoro que teve com sua atual esposa, e isso o fez perceber a diferença de atitudes e valores de mulheres que não vivem a religião no seu dia a dia de outra que tinha a religiosidade como parte concreta de sua vida. Observamos que, embora André tenha citado os relacionamentos com outras mulheres como exemplo, pode-se perceber que ele, na verdade, considera sua própria orientação de vida na infância como exemplo de uma religiosidade superficial.

“# eu já tinha contato com outras mulheres #”, você percebe nitidamente a sutileza das ações, a sutileza do conversar, de uma pessoa que realmente considera a religião como parte da sua vida, de uma outra, # que usa a religião como rótulo .”

Experiência matrimonial:

Ao falar sobre o início de seu casamento, André lembra de uma época em que ele e a esposa se afastaram da igreja por motivos de desentendimentos dentro da comunidade religiosa. André considerou a decisão de se afastar da igreja uma atitude saudável, e isso, segundo seu depoimento, o ajudou a refletir e a entender melhor algumas de suas atitudes

dentro da comunidade, o que proporcionou um amadurecimento quanto a seus relacionamentos interpessoais dentro da igreja. De maneira ampla, podemos pensar que André encontrou um meio para lidar com questões de relacionamento interpessoal.

Casamos..., nos afastamos de religião, voltamos [para a igreja]..., quer dizer..., tudo isso é normal!

André sente que ele, diferente da esposa (a qual teve uma orientação religiosa desde a infância), ao se afastar da igreja, não conseguiu manter as orientações que lá havia aprendido. André acredita que a esposa foi capaz de continuar mantendo os ensinamentos católicos mesmo estando afastada da igreja, por esta ter tido uma orientação religiosa mais direcionada. Percebia que a mulher tinha uma maneira diferente de lidar com os problemas cotidianos, e segundo a concepção de André, isso se deve a prática dos ensinamentos católicos por parte da mulher. Tais percepções foram ajudando André em seu desenvolvimento pessoal, pois foi através dessas percepções que ele pode avaliar sua orientação de vida.

“# a minha mulher #, mesmo estando afastada da igreja #, ter uma percepção [em relação às coisas da igreja] diferente de como lidar com as situações, e aí entra a influência da religião, de acreditar naquilo que o catolicismo prega” # “algumas coisas..., ela sabia conduzir muito bem..., os problemas..., #”.

André sentia que era importante estar próximo de pessoas religiosas para poder receber influências destas pessoas. Assim como foi influenciado pelos pais durante sua adolescência, poderia ser agora influenciado positivamente pelas pessoas da igreja. Ele sentia uma necessidade de receber influências coerentes em relação a religião (o que aconteceu na infância) para poder se desenvolver nesta questão.

“# a oportunidade de estar perto de pessoas que te transmitem segurança em relação aos aspectos religiosos..., é isso que começa a motivar você cada vez mais a se dedicar a uma vida religiosa”.

Dificuldades emocionais e religiosas:

Em um determinado momento de sua vida, André passou por uma experiência de questionamento em relação a sua fé. *“# comecei a fazer vários questionamentos...,” # eu passei a jogar os problemas para Deus e pensava: “Será que Deus gosta disso”? Porque Deus deixa acontecer isso?*

Este foi um período, segundo seu relato, em que sua vida profissional estava em ascensão e que os ganhos materiais passaram a ter muita importância para ele. *“# eu tive uma mudança de status muito grande, muito rápido. Com 28 anos eu era gerente, passei ter um trabalho melhor, ganhava mais”*. André justifica que, suas dúvidas em relação a religiosidade, foram causadas pelo excesso de trabalho e também pelo apego que passou a ter a coisas materiais. Sentia que, embora estivesse crescendo profissionalmente, estava se afastando cada vez mais de sua família e também de Deus, o que acabou prejudicando seu desenvolvimento espiritual. *“# eu passei não ligar muito pra religião”*. Ele se sentiu confuso com essa situação *“#, e isso tudo mexeu muito com a minha cabeça #”* e por isso passou a questionar a Deus.

André relata que esta foi uma fase difícil de sua vida, no entanto, ressalta que esta foi uma experiência importante para o seu crescimento pessoal, pois mesmo se sentindo confuso, ele foi capaz de refletir sobre o que estava acontecendo em sua vida naquele momento. *“# foi uma época muito dolorosa..., comecei ter dificuldades no casamento, # questionava Deus #”*.

André passou a sentir que o excesso de trabalho e o ganho de mais dinheiro eram incompatíveis com a vida religiosa que pretendia ter. Ele não conseguia lidar com o lado espiritual e material ao mesmo tempo.

Após refletir sobre sua situação, André decidiu se desapegar de coisas materiais e dedicar mais tempo para sua família e para Deus. Sentiu que ao colocar a religião e a família como prioridades em sua vida, algo mudou dentro dele mesmo. André dá alguns exemplos de como era apegado a coisas materiais e como tudo isso passou a não ter mais tanta importância na sua vida depois da experiência religiosa. Passou a sentir mais segurança em relação às pessoas que estavam próximas e essas o faziam se sentir seguro em relação a religião.

“# a partir do momento que eu me desliguei de coisas materiais, que essas coisas não iriam mais fazer parte da minha vida, que eu não iria mais dar tanta importância, as coisas começam a mudar#”.

Vivência Religiosa:

Ao longo de sua história, André relata como foi o início de sua experiência com Deus e como esta experiência o ajudou em seu crescimento pessoal.

André explica que tudo começou a partir de um antigo desejo de tocar bateria

“# mas o que me fez ficar mais assim próximo..., passar a acreditar profundamente na presença de Deus na vida, foi quando eu comecei a tocar [instrumento]. Eu sempre quis aprender a tocar bateria, e eu não tinha oportunidade #”.

Segundo André, foi através do instrumento que se deu a sua relação com o transcendente, ou seja, André sentia que ao tocar bateria na igreja, ele estava tendo uma ligação direta com Deus, ou seja, estava exercitando sua religiosidade.

Esta vivência de André, mostra que o instrumento musical foi o elo entre ele e o divino, possibilitando assim, um acesso concreto à sua religiosidade. André não teve a religião como consequência da vontade de aprender música, mas o oposto disso, ele tinha a religião como foco e a música como forma de expressá-la. Isso fica bem claro quando ele disse que ele e sua família são músicos católicos e não apenas músicos. *“# E aquilo ali então começou a fazer parte da minha vida. Meus filhos passaram a aprender música também, e hoje somos músicos católicos!”*

André sente que sua relação com Deus necessita de atitudes concretas para ter sentido em sua vida, e explica que além de tocar bateria, uma outra forma de exercitar sua relação com o divino, seria servindo ao próximo, pois desta, maneira estaria também servindo a Deus. André sente que não basta apenas praticar os rituais estabelecidos pela religião católica, para ele, o crescimento pessoal ultrapassa os limites da igreja. André explica que em sua vida, os rituais são importantes para fortalecer a relação com Deus, mas não são suficientes para gerar um encontro espiritual com o transcendente.

“Para mim, dedicar a Deus é servir a Deus. Como é que eu vou servir a Deus? Não é dentro de uma igreja, ir a igreja, é muito mais para você fortalecer a fé, #, servir a Deus é dedicar tempo para servir o próximo, tocar para Deus # e servir a Deus é servir ao próximo, #. Você pode ir à igreja todo dia..., não significa nada”.

Com relação a sua conduta de vida, André explica que utiliza a Bíblia (livro sagrado do Cristianismo) para se orientar em momentos de dúvidas. Ele encontra na Bíblia, diretrizes para sua vida, e esta serve como um guia de crescimento pessoal, uma vez que, é nela que ele encontra as respostas para suas questões existenciais.

“# uma vez, você realizando aquilo que está escrito na bíblia, seguindo os 10 mandamentos, # é um caminho para alcançar a salvação”.

Conseqüências da experiência religiosa para vida:

André conta que depois de sua experiência religiosa, ele passou a enxergar muitas

situações de sua vida de maneira diferente. Relata, por exemplo, que sentimentos como falta de paciência e intolerância, foram aos poucos diminuindo “# depois você começa a ficar mais paciente #”.

André sente como se sua experiência religiosa lhe tivesse proporcionado uma releitura de seus sentimentos, fazendo-o amadurecer quanto a sua intolerância para com seus filhos e a ter uma outra compreensão quanto ao que seria realmente importante em sua vida. Passou a se preocupar com a imagem que estaria transmitindo para seus filhos e resolveu mudar alguns comportamentos. “# olha a minha influência na cabeça dos meus filhos #”, e passou também a se preocupar com algumas atitudes que estava tendo em relação a si mesmo, e como consequência, deixou de dar tanta importância para algumas coisas que foram consideradas por ele como ‘bobas’. “Porque nada podia estar fora do lugar, # eles [os filhos] perdiam certo tempo com coisas bobas #”.

André também sentiu que sua maneira de se relacionar e até mesmo de enxergar a esposa mudou depois da experiência religiosa. “# e também o meu relacionamento com a minha mulher, eu passei a enxergá-la não somente como uma esposa, mas como uma coisa muito mais pura#”.

Ele sente a esposa, não somente como a mulher com quem estabeleceu um contrato matrimonial, mas passou a enxergá-la através daquilo que primeiramente os uniu, ou seja, o sentimento de amor. Passou a senti-la como sua companheira, não se importando com as consequências físicas que irão mudar em seu corpo por consequência do tempo. “# hoje eu sei que do lado da minha mulher eu vou ver estrias, que ela vai engordar porque teve filhos. Então o gosto é diferente! #”. Neste sentido, observamos que André desenvolveu e modificou sua percepção em relação aos sentimentos pela família.

No que se refere a sua vida profissional, André conta que sua experiência religiosa o ajudou a se relacionar de maneira diferente em seu ambiente de trabalho. Relatou que passou a enxergar sua equipe de trabalho com outros olhos, procurando compreender questões do seu dia a dia no trabalho numa dimensão mais humana do que simplesmente profissional. Neste sentido, podemos entender que André teve um crescimento quanto a sua sensibilidade para lidar com questões que antes o faziam olhar apenas para o lado profissional do problema, deixando, muitas vezes, de considerar o lado humano da questão.

“# e no meu trabalho eu senti uma diferença muito grande! # você começa a ter mais habilidade para tratar essas pessoas, desses assuntos ligados a pessoas, por que ai você não esta só no âmbito profissional, está no âmbito mais humano, aquele âmbito de contato, entende mais a vida, você consegue se colocar mais no lugar daquele profissional#”.

André fala também, de como a religião o ajuda a controlar alguns comportamentos no seu dia a dia, como a questão da fidelidade à mulher e à família. Podemos supor que para André conseguir controlar alguns comportamentos é algo muito difícil, e para isso ele precisa da ajuda de Deus. André sente que a religião pode ajudá-lo a ter um maior controle de seus próprios sentimentos e comportamentos, pois como já havia dito anteriormente, a religião serve como um guia para sua vida.

“# se você não quer que os males da vida te atinjam..., não faça algumas coisas”. # se eu sei que tudo isso vai me prejudicar, porque que eu vou atrás disso? Se eu sei que algo vai me deixar com a consciência pesada, porque eu vou atrás disso #”.

Observamos que André encontrou na experiência religiosa, um sentido para evitar fazer certas coisas que o poderão prejudicar futuramente. Sente que a religião o ajuda a ter autocontrole sobre sentimentos e comportamentos.

Crescimento pessoal a partir da experiência religiosa:

Quando fala de crescimento pessoal, André sente que a dedicação de momentos de sua vida para Deus faz com que ele amadureça enquanto pessoa, ou seja, há um crescimento pessoal, um crescimento subjetivo. *“Bom, a partir do momento que você começa a dedicar parte da sua vida para Deus, você tem crescimento pessoal”.* *“# Você cresce como pessoa #.”*

“# mas eu te digo que o salto maior que eu tive foi o desapego. Passei a servir mais [a Deus], dedicar tempo da minha vida, de colocar na agenda..., e dizer: nesse horário aqui vou me dedicar a Deus”. Pode-se observar aqui uma necessidade concreta de ter um horário para o exercício da espiritualidade. Sente que necessita da religiosidade no seu cotidiano.

Neste parágrafo, podemos entender que André não se permite envolver demais com coisas materiais, sente que Deus pode ajudá-lo, no entanto, ele precisa ter responsabilidades com aquilo que ganha de Deus, como o dinheiro, por exemplo. *“# O dinheiro é uma consequência. Ele não vai vir em cima daquilo que você faz. # agora esse dinheiro que você vai ganhar, # Vai fazer o que com ele, né?”*

Quando a entrevistadora pergunta a André se ele conseguiria encontrar uma palavra para definir sua experiência religiosa, este responde: “Espírito Santo”, e diz que não vai explicar porque escolheu essa palavra. Tal atitude demonstra que ele sente que sua espiritualidade não pode ser descrita em palavras, que esta é extremamente subjetiva e

particular, sendo difícil explicá-la. Ele se limita a dizer o que o fez crescer enquanto pessoa, e sente que foi o ‘Espírito de Deus’ quem proporcionou esta experiência, mas não deseja explicá-la, pois sente que é particular.

“Uma palavra?...., Vou dizer duas palavras, mas não vou te responder nada: “Espírito Santo”!”

André deixa claro em seus depoimentos, que seu crescimento pessoal aconteceu através de mudanças na sua maneira de lidar com as pessoas e também na maneira de lidar com alguns problemas do seu dia a dia que não dizem respeito apenas a área pessoal. Sentiu que seu crescimento pessoal ocorreu na mudança de percepção em relação ao mundo de uma maneira geral. Sentiu que cresceu enquanto pessoa a medida que mudou sua relação com as pessoas que o cercam. Além disso, sentiu que seu desenvolvimento pessoal ocorreu quando passou a sentir seu mundo de uma maneira mais humana. “Para mim crescimento pessoal é uma série de coisas.”

Observa-se que neste contexto, que houve uma mudança de sentido em relação a maneira de enxergar a vida, ou seja, houve uma transformação em seu interior que o fez sentir e entender o mundo de maneira diferente. Tal transformação é tão intensa, que ele consegue senti-la fisicamente. *“A religião permite um crescimento interior, um crescimento de sentimentos, uma mudança de sentimentos, de se colocar no lugar do outro, de entender um pouco mais a vida, de entender as dificuldades que a vida proporciona, #” e também ao mesmo tempo, te dá sabedoria para saber como lidar com as situações. “# eu sinto isso todos os dias!”*

Observamos que de uma maneira geral, André teve um crescimento interno que proporcionou mudanças de significado para sua vida, o que gerou conseqüentemente, mudanças de comportamentos que foram percebidos por outras pessoas.

Análise do depoimento de Maria (M)

Ao iniciar seu relato sobre experiência religiosa, M. se expressa da seguinte forma: *“Bom...,é uma longa história”*. Já nesta primeira expressão, observo que a entrevistada procura preparar-me para ouvir um relato que tomou um tempo significativo de sua vida.

Sua história começa a partir da religiosidade familiar e neste aspecto, podemos observar que M. sentia a religião como algo importante no contexto familiar. *“Minha família sempre foi muito religiosa”* e, mesmo os pais não pertencendo a mesma religião antes de se casarem, Maria relata que a espiritualidade, de maneira geral, era vivenciada em sua casa,

principalmente, por parte dos parentes maternos que eram católicos e com os quais ela se sentia mais próxima. “# *eu sou mais ligada com a família da minha mãe que tem esse lado [religioso] bem forte #*”. Essa religiosidade sentida por M. como ‘forte’, foi também para ela muito contraditória, pois, ao mesmo tempo em que observava os pais e avós maternos realizando alguns rituais e práticas da Igreja católica, ela também observava que algumas vezes esses rituais pareciam não ter tanta importância para família, principalmente se, para realizar tais rituais, eles precisassem deixar de trabalhar por algum período “# *por exemplo, semana santa, o que a Igreja diz é que não se trabalha na sexta #, mas eles estavam sempre trabalhando. De raiz, a religião era importante..., mas muita coisa não era o mais importante, era uma coisa mais formal*”.

Maria procura compreender as atitudes dos familiares e explica que tal comportamento tem origem numa história de vida cheia de restrições econômicas que acabaram gerando uma grande preocupação quanto ao trabalho. É importante observar aqui que, embora M. compreenda as atitudes dos avós, ela muitas vezes estranha tal comportamento, chegando a ficar confusa sobre sua própria idéia de religião. “# *era esquisito, minha avó tem muita fé # mas assim..., tradicional, e dependendo da situação, no caso do trabalho, por exemplo, isso era mais importante. Talvez pela própria história de vida deles # então trabalho era trabalho, sempre em primeiro lugar, mesmo que não precisasse de dinheiro*”.

Em relação aos parentes paternos M. relata que não tinha um contato direto com os avós, e que a única forma que encontrava de ficar próxima à eles era indo à igreja evangélica freqüentada pela avó “*as vezes quando eu era pequena, eu acabava indo com minha avó para a igreja, ficava na escolinha dominical # era tão pouco que eu ficava com a minha avó que eu acabava ficando, #*”. Observa-se neste relato, que M. somente freqüentava a igreja escolhida pela avó porque esta era a única oportunidade que tinha de ficar próxima da mesma. Nesta época, M. ainda não compreendia muitas coisas da vida religiosa porque era criança e, dessa maneira, acabava freqüentando diferentes templos religiosos para acompanhar a família. “*Eu não entendia porque eu ficava ali # não entendia direito # eu não via aquilo como religião, pra mim aquilo era um lugar, não entendia..., e eu acabava vivendo assim #*”.

Esses sentimentos em relação à religiosidade familiar encontram-se presente em todo depoimento de Maria e, sobre este aspecto, podemos pensar que de alguma maneira tais sentimentos tiveram influência na experiência religiosa e também no desenvolvimento pessoal de Maria.

A entrevistada se recorda de uma situação em sua vida (estava com aproximadamente sete anos) em que começou a freqüentar retiros religiosos junto com sua família. Ela considera esta, uma fase muito importante, pois, sentiu que neste período, sua família estava bastante unida na religião católica, o que significava para M. um direcionamento religioso único, ou seja, uma orientação religiosa mais direcionada, o que é fundamental para uma criança de sete anos. “# foi uma fase muito boa de vida que eu tive, a nossa unidade de família estava na religião, não só a unidade, mas também o equilíbrio. Foi uma fase muito diferente, muito!”. Além da união familiar M. começou a sentir que havia uma relação entre bem-estar na família e práticas da religião, principalmente quando o pai deixou de ser alcoólatra por causa da ajuda da igreja. “a gente já estava na religião, mas neste momento a gente começou a viver melhor, é como se fala né? Praticante! # Meu pai era alcoólatra, então esse período depois [quando o pai deixou de ser alcoólatra] foi muito gostoso, foi uma fase boa que a gente esteve unidos na igreja #”. Observa-se que M. sentiu que a união religiosa lhe proporcionou maior bem-estar familiar, além disso, a igreja também significava para ela, uma oportunidade de conhecer e se relacionar com pessoas novas, pois, segundo seu relato, ela não tinha contato com outras pessoas fora da sua família, o que a fazia se sentir excluída do contato com outras crianças. “# a gente não tinha muita amizade # fora da família não tinha amigos, era difícil ter # eu estudava mas não fazia educação física por que era de manhã, e de manhã eu trabalhava com minha mãe, e por isso e não tinha contato com as crianças, sabe com amigos? Pessoas da mesma idade? Eu não tinha, não podia ir à casa de ninguém, ninguém vinha em casa # e foi na igreja que eu comecei a me envolver com outras pessoas”. Dessa maneira podemos entender que para M a igreja representava a sua vida social, pois, era lá que ela se relacionava com outras crianças, realizava trabalhos, organizava e participava de festas, o que a deixava muito feliz. “# foi uma fase boa que a gente esteve unidos na igreja, levando pessoas, # se envolvendo # e se doando # ajudando os outros, # então era uma festa!, ia todo mundo junto #, os momentos de festa na igreja era momento de festa realmente #, era uma alegria verdadeira #”. Neste contexto podemos pensar que a atividade social, proposta pela igreja, teve influência no desenvolvimento pessoal de Maria.

Após esse período, que durou aproximadamente dois anos, M. passou por uma fase bastante difícil em relação a sua família. A entrevistada começou a perceber que os interesses particulares dos familiares passaram a serem outros que não mais os interesses religiosos. Seu irmão e seu pai começaram a praticar corrida de kart, e este esporte passou a exigir tempo e dedicação que antes eram destinados a igreja. Maria começou a sentir que o

afastamento do pai e do irmão acabou causando uma ruptura na unidade familiar, que foi sentida por ela como um abandono do pai em relação à família. *“Meu irmão começou a correr de kart e começou a competir # como meu pai também gostava, começou a separar a família. #. Então primeiro: separou a família, segundo: eles ficavam só nisso, e era direto treino, # então afastou bastante a família # eu senti assim # foi mudando totalmente a família, além de afastar da religião, das coisas da igreja e principalmente de Deus. Então foi uma ruptura de tudo quanto é lado.”* Como já havia mencionado anteriormente, M. fazia relações entre a igreja e a união familiar, dessa forma, é possível entender que ao sentir o afastamento do pai e do irmão na igreja, M. automaticamente relacionou este fato com um afastamento familiar, o que gerou nela um sentimento de magoa muito profundo em relação ao pai. *“Acabam ficando as magoas # do lado da minha mãe, meu também # e do lado de lá, [referindo-se ao pai e irmão] eu senti um gelo #, porque afastava #”*. É interessante observar que embora M. não se sentisse bem com tal situação, ela não questionava nada em sua família, o que fazia era apenas dizer aos pais que não gostava de praticar corrida de kart. Segundo sua compreensão enquanto adulta, M. relata que muitas vezes optava por não brigar com os pais e com o irmão para não precisar se revoltar com a própria família, ou seja, ela optava por se calar para não precisar ficar contra seus familiares. *“Eu lembro que eu vivia falando: pai eu não gosto de correr, # eu só via que aquilo era minha obrigação e aceitava, não questionava nada. Hoje eu sei que eu não eu tinha consciência na época. Eu usava isso como subterfúgio, acabava arrumando uma desculpa pra mim mesma para não me revoltar com aquela situação. Mas isso pensando hoje, eu sentia muita falta do meu pai, minha mãe, minha irmã, meu irmão.”* Enquanto adulta M. também é capaz de compreender melhor algumas situações que passou durante a infância (crescimento pessoal), isso fica claro em seu depoimento principalmente quando ela fala da maneira encontrada pela mãe para compensá-la da ausência do pai. Segundo M., sua mãe sempre lhe dava doces para manter a filha a seu lado, no entanto, tal comportamento da mãe gerou em M. um falso sentimento de conforto, pois, as conseqüências disso foi o aumento de peso da filha e uma dificuldade muito grande de M. em desassociar a comida com a sensação de conforto e segurança. *“A minha mãe acaba que me compensando, me dava muito doce, porque como eu ficava com ela eu tinha tudo o que eu queria. E foi aí que eu comecei a ficar gordinha, de comer doce # e eu acredito que pra ela também acabava sendo inconsciente, porque eu ficava com ela. E isso foi muito marcante! A gente acaba passando por cima, mas foi bastante marcante!”*. Nesta frase, observa-se certa dificuldade por parte da entrevistada em aceitar que esta foi uma fase difícil de sua vida, ela prefere dizer que foi uma fase ‘marcante’, mas podemos perceber que existe uma magoa muito grande em

relação aos pais, e que as conseqüências desta fase são sentidas por ela até hoje.

Ainda falando de sua infância, M. nos conta sobre uma séria doença que teve dos três aos treze anos. Quando estava com três anos, ela recebeu o diagnóstico de Epilepsia infantil, e em função desta doença foi obrigada a tomar diversos medicamentos. Nesta época sua avó materna fez uma promessa a Nossa Senhora de Fátima pedindo a cura da neta em troca de uma viagem à Portugal onde iria caminhar de joelhos em volta da igreja de Fátima em agradecimento a graça alcançada. Além disso, a avó também prometeu que a neta iria receber o sacramento da primeira eucaristia na igreja de Fátima. Essa última promessa, no entanto, não agradou a M. que na época estava com doze anos e queria receber a primeira eucaristia na igreja em que já estava desde os sete anos. Maria relata que se sentiu muito triste quando soube que não iria festejar a primeira eucaristia com seus amigos, além disso, disse ter ficado com raiva da avó por esta ter sido a responsável por tal sentimento. *“E eu cheguei a Fátima, fiz a primeira comunhão emburrada e ficava me perguntando por que eu não poderia fazer com meus amigos? Porque a gente não tinha muito contato com outras crianças, # e assim..., o curso de primeira comunhão era o lugar onde tinha mais criança, onde eu podia ter mais contato, e aí eu preciso fazer a primeira comunhão em Fátima. # e eu não queria de jeito nenhum, queria fazer com meus amigos”*. A partir do que foi dito por M. podemos compreender seus sentimentos se pensarmos numa criança de doze anos que não mantinha contato com outras crianças fora da igreja devido a super-proteção da mãe e que estava fora de seu ambiente social (igreja) sem compreender direito o motivo disso, além de tudo, M. novamente sentiu que por algum motivo fora de seu limite de compreensão, ela foi afastada da igreja e, conseqüentemente, foi afastada de um ambiente qual se sentia segura e acolhida.

Logo após a experiência da primeira eucaristia, M. conta que uma outra experiência religiosa também foi bastante marcante em sua vida. Maria relata que após a celebração da primeira comunhão ela se recusou a tomar os remédios para epilepsia e, a luz do que entende hoje, acredita que essa decisão de não tomar os remédios quando criança teve uma intervenção divina. Maria acredita que foi Nossa Senhora quem falou por ela. *“E ela [a mãe] insistiu para eu tomar o remédio e eu não tomei, e eu creio hoje que eu não falei por mim, eu era criança, ingênua de tudo, e eu não iria falar com tanta firmeza, com tanta convicção, fui muito teimosa! # E eu creio que foi pelas mãos de Maria, ela é como uma mãe, que cuida com carinho, dá atenção, sabe o que passa #”*. Maria relata que sua fé aumentou muito quando ela chegou ao Brasil, principalmente quando foi fazer os exames para saber em que grau estava sua doença e os médicos disseram que ela estava curada. *“E eu não tomei [os*

remédios] *durante o tempo que a gente ficou lá, não tomei quando cheguei aqui, e fui fazer os exames. Os resultados não mostram nada, eu não tinha mais nada!*”.

Nesta mesma época, outros acontecimentos foram fortificando ainda mais a religiosidade de M, entre eles, o afastamento do pai e do irmão em relação ao kart e a volta da união familiar dentro da igreja. “# *e a parti de lá a vida voltou normalmente, meu irmão foi parando com o kart, parou a minha epilepsia, e aconteceu um mundo de coisas de família sabe?*”

Maria sentiu que todos esses acontecimentos positivos em sua vida tiveram a intervenção divina de Nossa Senhora, e isso justifica o fortalecimento de sua fé e as conseqüências desta para seu desenvolvimento pessoal.

Um outro momento marcante da vida de M. aconteceu quando ela e sua mãe começaram a freqüentar um grupo de oração a convite de uma amiga da mãe. Essa amiga insistiu diversas vezes até que a mãe de M. aceitou o convite para ir ao grupo. Maria conta que conhecer essa mulher e freqüentar o grupo de oração foi uma das melhores coisas que já havia acontecido em sua vida “# *e pra mim isso foi uma das maiores graças da minha vida, porque a partir desse momento eu comecei a conhecer uma moça que começou a convidar a minha mãe para ir ao grupo de oração*”, no entanto, a mãe acabou deixando de freqüentar o grupo, o que geraram diversas brigas entre M. e sua mãe, pois, M dependia da autorização da mãe para ir até o local onde o grupo se reunia. Maria nos conta que mesmo sem a autorização da mãe ela acabava indo ao grupo, explica que desobedecia a mãe por não concordar com as alegações de que ela não poderia ir toda semana à igreja. Além disso, M. relata que sentia um grande vazio dentro de si mesma quando não podia freqüentar o grupo. Esse sentimento pode ser compreendido se pensarmos que para M. o sentimento de fé interior por si só não lhe basta, para que a religiosidade faça sentido em sua vida, ela necessita praticar, ou seja, precisa exteriorizar sua fé e isso somente era possível dentro da igreja ou do grupo de oração. “# *eu comecei a sentir que aquilo começou a fazer parte de mim, e quando eu não ia # aquilo fazia falta # eu chorava, sentia um desespero, sabe?! Um desespero para minha mãe me deixar ir # eu sentia que a quilo já fazia parte de mim. Deus me tocou de tal forma, que eu não podia mais não ir. È aquilo que diz na Bíblia: ‘tu me seduzistes e eu me deixei seduzir’, # aquilo fazia a minha vida ter sentido*”. Neste contexto entendemos que ir à igreja tinha um sentido muito profundo para M., pois, era na igreja que ela encontrava a verdade que dava sentido a sua vida, e indo mais a fundo em sua vivencia podemos pensar que é através desse ‘sentido a vida’ que ela consegue se desenvolver psicologicamente.

Embora as vivências religiosas já fizessem parte da vida de M. desde a infância,

ela coloca a etapa em que começou a freqüentar o grupo de oração e as demais atividades da igreja como marco inicial da sua experiência religiosa. “# e ai eu passei a participar, a fazer coisas na igreja, eu fazia teatro na escola e na igreja # e a partir daí eu comecei a marcar minha história #”. Maria relata que para conseguir autorização da mãe para freqüentar a igreja, ela começou a realizar trabalhos dentro da igreja “# ligava na escola para marcar teatro, porque ai a minha mãe me deixava ir, porque era escola, # se fosse para trabalhar, ela liberava, mas se fosse para eu ir à igreja ela não liberava, # foi uma época muito difícil nesse sentido, e eu brigava mesmo, principalmente se fosse para eu ir à igreja”. Observamos neste relato de M. que suas ações neste momento de sua vida foram diferentes das ações que costumava ter enquanto criança, agora ela optava por ‘brigar’ por questões que considerava importante para si mesma, diferente do que fazia em sua infância, quando preferiu se calar a ter que contrariar os pais. Esse comportamento, apesar de normal para a idade em que se encontrava (14 anos proximadamente), revela um progresso em seu crescimento pessoal, pois, ela conseguiu expressar seus sentimentos em relação à proibição dos pais para freqüentar a igreja e, além disso, encontrou estratégias para poder praticar sua religiosidade sem ignorar a autoridade dos pais. “# ligava na escola para marcar teatro e depois marcava também na igreja, porque ai a minha mãe me deixava ir #”.

Quando estava com 18 anos M. resolveu que iria fazer o curso para receber o sacramento da Crisma em uma outra igreja, que não era a mesma que ela estava até então. È interessante notarmos que M. sentiu a escolha dessa nova igreja como uma proposta divina em sua vida, ou seja, ela acredita que a escolha dessa nova igreja teve influencia de Deus e que este a inspirou a ficar nesta igreja porque havia um propósito para ela dentro desta igreja. “# e fui no domingo seguinte na missa e era o último dia de inscrição # comecei a fazer, e senti que Deus dá oportunidades para gente escolher o nosso caminho # ele sabe tudo, ele é tudo # eu só sei que é [risos]. E era para eu ter ido pra lá, já to lá há dez anos, então não foi assim a toa”. A luz do que entende hoje, M. sente que o período de dez anos que vivenciou sua religiosidade nesta nova comunidade lhe proporcionou um grande crescimento pessoal na medida em que pode participar da experiência religiosa e pessoal de muitas pessoas e sentir que muitas pessoas também participaram de sua experiência religiosa. “# e em dez anos eu fiz parte da história de muita gente e muita gente fez parte da minha história. E eu acredito que eu ter ido pra lá foi até um salvamento # então eu vejo como um livramento, como um motivo grande de crescimento #”. Maria percebeu que ao fazer parte da história de vida das pessoas que a cercavam, ela foi tendo um amadurecimento em sua concepção de mundo. Podemos perceber isso através de algumas situações descritas por ela que mostram um maior auto-

conhecimento. “# então eu vejo um grande de crescimento # por que na outra comunidade que eu tava [na primeira] era um povo totalmente diferente da segunda comunidade, era uma característica da comunidade, os jovens se vestiam muito bem, classe média alta, ou se não fossem tinham um padrão de vida bom # eu não tinha condições de acompanhar # eu não dava importância para as mesmas coisas # eram valores muito deferentes #”.

Observamos através do relato de M. que, embora ela tenha dito que não se importava em ter valores diferentes dos do grupo ao qual pertencia, algumas de suas colocações, no entanto, mostram que na verdade ela se sentia muito excluída dentro da comunidade religiosa “# a minha vida inteira eu sempre sofri muita humilhação por ser gordinha, por ser ingênua, por ser a diferente #”. Da maneira como compreende hoje, todo esse processo de exclusão que sofreu dentro da comunidade lhe proporcionou um crescimento pessoal significativo, pois, foi a partir de seus sentimentos em relação a situação que vivenciou que ela pôde ampliar sua identidade pessoal. “# porque me fez ser quem eu sou, # claro que eu sofri # chorei, muitas vezes me senti sozinha”. Observamos também que apesar do sentimento de exclusão por parte do grupo, M. conta que muitas vezes se sentiu acolhida e amparada espiritualmente. “# eu me sentia só em relação às pessoas, mas eu não me sentia só, porque eu tinha encontrado o meu caminho # e foi uma fase boa em outro sentido, porque eu me apeguei muito a Nossa Senhora, como nunca tinha me apegado tanto. Então foi muito bom porque eu senti o colo dela, e eu falava assim: ‘mãezinha vem-me por de dormir’ e eu chamava: ‘ Maria vem-me por de dormir’”. Neste sentido observa-se que, assim como na infância, também na fase adulta ela encontra segurança em sua religiosidade e a utiliza como auto-apoio para situações difíceis.

Apesar de considerar sua participação no grupo religioso como algo de grande importância para seu crescimento pessoal, M. relata que muitas vezes se incomodava ao perceber que além de se sentir excluída dentro do grupo, este também excluía outras pessoas. “# tinha uma amiga minha que todos excluía, # eu não gostava que ficassem discriminado ela, não gostava!, e nunca gostei # é que eu, a minha vida inteira eu sempre sofri muita humilhação por ser gordinha, por ser ingênua, por ser a diferente, então eu não gostava e não gosto até hoje [que discriminem as pessoas]”. Esse incômodo descrito por M., pode ser entendido como uma identificação de sentimentos, ou seja, M. se incomodava com a exclusão da amiga porque ela mesma se sentia excluída, ou seja, o sentimento de raiva que sentia em relação à exclusão da amiga, era na verdade um sentimento de raiva pela sua própria exclusão.

Maria conta que houve um momento em sua vida em que ela resolveu se mobilizar diante das situações que não concordava dentro da igreja. “# e aí eu comecei uma

outra revolução #". Essa atitude de M. demonstra que em determinadas situações, o sofrimento pode ser o 'combustível' necessário para que a pessoa resolva tomar alguma atitude para mudar situações desagradáveis e gerar crescimento pessoal. "*# eu sou uma pessoa e eu quem faço a minha história, por isso eu posso colher e posso pensar. E foi na igreja que eu comecei a pensar e a viver tudo isso #*". Neste sentido, podemos entender que M. se sente responsável por suas ações e acredita que são essas ações que irão determinar sua história vida.

Como exemplo de atitudes concretas rumo ao crescimento pessoal, M. destaca uma ocasião em que precisava resolver um assunto importante dentro do grupo religioso e este não a permitia falar sobre o problema. Para que pudesse ser ouvida pelo grupo M. falou em voz alta e usou palavras que conseguiram expressar aquilo que ela estava sentindo em relação ao grupo. "*# e ninguém prestava atenção em mim, até que eu dei um berro: eu quero falar, dá para me escutar, # será que dá para a gente para um minuto e sermos verdadeiros uns com os outros? Dá para a gente parar de encenar algumas coisas aqui? #*". Tal atitude foi sentida por M. como algo composto de dois sentimentos ambíguos, pois, ela disse que chorou muito e ficou bastante ansiosa "*# eu chorei um monte #*" o que demonstra sentimentos vivenciados por ela negativamente. No entanto, M. também sentiu que tal atitude foi muito positiva e benéfica para seu bem-estar psicológico, pois, foi através desta atitude que ela percebeu que poderia expressar aquilo que estava sentindo como algo incomodo dentro de si e mesmo assim ser aceita pelo grupo "*# foi muito bom porque foi um crescimento, mas foi doido porque eu fiquei exposta, mas no final me deram razão #*".

Maria sente que só encontrou força dentro de si mesma para conseguir tomar esse tipo de atitude dentro do grupo porque entende que a fé só tem sentido em sua vida se esta for praticada em seu dia a dia "*# para mim a fé só tem sentido na vida, porque se não, não tem sentido #*". Maria sente que para ser coerente com aquilo que considera verdadeiro, é necessário colocar o que aprende dentro da igreja no seu cotidiano. "*# tem que ter uma coerência entre o que você acredita e o que você faz #*". Ainda sobre essa questão de fé, Maria entende que muitas de suas dificuldades emocionais poderiam ser resolvidas por Deus através de sua fé, no entanto, M. se permite errar algumas vezes, pois, se sente na condição de humana e dessa forma, poderá pedir ajuda à Deus quando se perceber fazendo algo errado. "*# eu posso cair na mentira, # eu sei que vou pecar, que vou cair no pecado, porque se eu não fosse pecadora, Deus não seria Deus, só ele é que é perfeito, não tem jeito. Então eu vou cair no pecado, mas não faz sentido eu não querer procurar melhorar, não quero buscar a salvação #*".

O relato de M mostra-nos que sua experiência religiosa lhe trouxe crescimento pessoal em diversas áreas, mas uma em especial é destacada por ela. Maria diz que sua religiosidade lhe trouxe equilíbrio emocional. “# a fé te dá um equilíbrio, e hoje eu tenho um melhor equilíbrio de saber que você vai errar #” Aqui podemos entender que M. sente que sua fé lhe ajuda a enfrentar as dificuldades de seu dia a dia, com maior segurança. Ela sente que o transcendente lhe oferece apoio incondicional “# você pode errar, mas você tem a certeza, a verdade do seu lado, não que você esteja certo, mas sente muita segurança #” e isso lhe parece muito importante para seu crescimento pessoal. “# e eu vivi esses dez anos assim..., crescendo enquanto pessoa, conversando comigo #”.

Durante esses dez anos em que fez parte da comunidade a qual pertencia M. pode conhecer diversas pessoas, inclusive pessoas de outras comunidades religiosas. No entanto, é preciso destacar que embora participasse de diversos grupos religiosos M. nunca se sentiu presa a esses grupos, seu relato demonstra que ela apenas se sentia presa a sua fé, e que a participação nesses grupos era apenas consequência desta fidelidade religiosa e não o contrário disso. “# eu fui conhecendo um monte de gente, criando laços, arrumei emprego pro pessoal lá do teatro, então eu não me prendia a um só grupo, eu me prendia a minha fé # esse foi um período bom de crescimento, de dor e sofrimento, mas de muitas alegrias também”. Esse sentimento de M. mostra que sua religiosidade é experienciada por ela de maneira plena e que ela não tem fé para se inserir num grupo social (no caso a igreja), mas sim que ela se insere num grupo social porque tem fé. Maria define sua religiosidade como algo extremamente subjetivo e particular. “E eu vi Deus assim, uma experiência que você pode chamar de única, só minha, especial #.” ela sente que sua experiência de crescimento pessoal não pode ser comparada com nenhuma outra experiência porque esta pertence a ela unicamente.

Em um determinado momento da entrevista M. pede para rezarmos juntas e explica que as vezes se sente confusa para falar e expressar aquilo que realmente quer dizer e, neste sentido, a fé e a oração a ajudam a se sentir mais segura. “# é que eu sou meio confusa para falar #, às vezes me sinto assim, e a fé me ajuda, me ajuda bastante #”.

Durante toda sua entrevista M. demonstra que sua experiência religiosa a ajudou muito em seu crescimento pessoal e entende que sua história de vida foi construída junto com essa experiência religiosa. Sente também que sua espiritualidade a ajudou e ainda esta ajudando a compreender de maneira mais clara algumas questões de cunho existencial. “# eu disse para o padre: ‘padre, eu não sei quem eu sou!, padre eu não sei quem eu sou, eu quero saber quem eu sou! Eu não sei o que eu espero, eu não sei quem eu sou #”. Maria sente que

foi dentro da igreja e através de sua fé que ela está conseguindo algumas respostas para questões subjetivas e bastante profundas dela mesma. “# e eu acredito que sozinha eu não teria nem chegado a perceber que eu não sabia quem eu era #”.

Durante a entrevista M. conta que foi através de uma oração que ela começou a perceber que não tinha resposta para muitas perguntas sobre ela mesma “# foi na oração que eu percebi que eu não sabia quem eu era #”. Neste momento, a fé de M. foi fundamental, pois, foi através dela que M. encontrou segurança para procurar ajuda. “# o padre que me falou para procurar uma psicóloga # e até para criar coragem para dar os passos foi difícil, quer dizer, primeiro eu fui falar com padre, olha eu não sei quem eu sou. Porque falar isso para uma pessoa é difícil, né? porque se você não sabe nem quem você é, o que você sabe então? Você não sabe o básico! E se não fosse o padre me encaminha eu não ia atrás, mas como ele me encaminhou, eu fui atrás. Então na religião eu encontrei a força para agir.” Esta última frase de M. é bastante significativa para esta pesquisa. A partir dela podemos entender que foi através da experiência religiosa que M. encontrou forças para tomar decisões importantes em sua vida, o que reflete um grande amadurecimento do ponto de vista psicológico.

Ao final do nosso encontro, solicitei a M. que tentasse resumir sua experiência religiosa em poucas palavras. Sua resposta foi: “# animo no sentido de vida. No sentido de Espírito Santo. Espírito no sentido original da palavra que quer dizer animo. # Espírito é o que leva a gente para frente! E foi Ele, [o Espírito Santo] quem me tocou #”. Maria explica que foi o Espírito Santo de Deus quem lhe proporcionou um crescimento pessoal, pois, a maneira com que ela entende, foi Deus quem lhe deu força e coragem para enfrentar os desafios que a vida lhe proporcionou e isso, para ela, foi fundamental para seu desenvolvimento psicológico/pessoal.

Análise do depoimento de Fátima (F)

Quando inicia o relato de sua experiência religiosa, F. começa contando sobre sua percepção, enquanto criança e, posteriormente enquanto adulta, sobre a religiosidade da própria família. De acordo com sua compreensão, seu desenvolvimento religioso, dentro da comunidade católica, ocorreu dentro daquilo que é esperado em termos de prática da vida religiosa na igreja. “# começou como um processo natural. Fui batizada na igreja católica, tive uma família católica participante, nós participávamos da missa aos domingos, depois eu fiz primeira comunhão #”. No entanto, alguns aspectos da religiosidade de seus pais a

chamavam a atenção devido à incongruência que estes a transmitiam. Fátima sentia que os pais estavam constantemente buscando a Deus, no entanto, essa busca era feita em diversas religiões. “# existia certo misticismo dentro da minha família #”. Observa-se aqui, que a palavra ‘misticismo’ tem uma conotação negativa para a entrevistada.

Fátima, enquanto criança percebia o pai como um homem muito religioso, isso porque, segundo sua compreensão, ele sempre procurava ajuda do divino para solucionar seus problemas. “# meu pai sempre foi um homem muito fiel a Deus, e quando ele passou por um problema de saúde, ele buscou outras religiões, principalmente dentro do espiritismo, ele recebia passe e aquelas coisas todas #”.

Ao falar sobre a mãe, F. também a descreve como uma pessoa religiosa, no entanto, sentia que a espiritualidade da mãe não era semelhante a do pai, pois esta primeira constantemente se envolvia com outras religiões, diferente do pai, que era católico e só se envolvia com outras religiões em ocasiões específicas, como no caso do problema de saúde que teve. “# ela [a mãe] se dizia católica, mas recebia muita influência desse negócio de esoterismo, ela buscava Deus em outras coisas, em coisas mais imediatas #”.

Fátima acredita que, durante sua infância e juventude, foi mais influenciada pelo tipo de religiosidade da mãe do que do pai. “# meus irmãos e eu também, recebemos uma grande influência dela [da mãe] nesta questão # meu pai continuava chamando a gente [os filhos] para irmos à missa aos domingos #”.

Fátima relata ainda que, embora tivesse tido uma instrução religiosa dentro da igreja católica por ocasião da primeira eucaristia, ao chegar à adolescência ela já não se sentia tão atraída em manter os hábitos e costumes que havia aprendido. “# a gente já estava na adolescência e não queria mais ir [à igreja], íamos raramente, mais para fazer um agrado para o meu pai do que por nós mesmos #”. A luz do que compreende hoje, isso ocorreu devido à má formação religiosa que recebeu dentro da igreja católica. “# Eu nem sabia direito o valor daquilo, me lembro que a minha primeira eucaristia teve uma formação muito fraca, faltou muito sedimento, fundamento na religião e doutrina #”. Essa questão da má formação religiosa dentro da igreja é muito importante para compreendermos a experiência religiosa de F., pois, esta está, diretamente, ligada a seu desenvolvimento pessoal.

Para que se possa compreender a relação existente entre a experiência religiosa e o desenvolvimento pessoal da entrevistada é preciso, primeiramente, entender que esse processo de desenvolvimento ocorreu, paralelamente, a uma busca pela espiritualidade. Neste sentido, se faz extremamente necessário compreender como foi essa experiência de busca pelo transcendente na vida de Fátima.

Seu relato sugere que, tudo começou a partir da forte influência religiosa que a mãe exercia sobre ela. Fátima sentia-se seduzida em relação a busca pelo sagrado e, como não conseguia senti-lo dentro de sua religião de origem (católica), ela acabava por procura-lo em outras crenças. “# como eu não encontrava Deus dentro do catolicismo, # eu ia buscar nos cristais, nos duendes, nessas coisas #”. Fátima entende hoje que, na verdade, essa necessidade de encontro com o sagrado estava muito relacionada com sentimentos íntimos e, segundo sua análise, essa busca por Deus em diversas religiões na verdade revelava um profundo sentimento de insegurança pessoal. “# acho que era uma insegurança que existia na família, # eu analisando agora acho que era isso, a insegurança faz você procurar alguma coisa que seja mais forte do que você, para que você encontre alguma coisa em que se agarrar #”. Neste sentido, podemos compreender que para ter uma relação mais direta e concreta com seu transcendente, F. precisava de objetos e instrumentos que lhe transmitissem segurança, daí a necessidade de possuir cristais e duendes. Fátima procura ressaltar que, embora tenha passado por diversas dificuldades durante essa busca por Deus, ter vivenciado tal experiência foi muito importante naquele momento de sua vida, pois, através de tal experiência, ela pode ter um grande crescimento pessoal. “# aquele era um momento necessário, até para o crescimento da família e tal”.

Uma outra etapa muito importante, no que se refere ao desenvolvimento pessoal de F., foi seu casamento. Ao descrever como foi a realização de seu matrimônio, F. revela que, embora tenha se casado na igreja católica, não vivenciou o sacramento do matrimônio no sentido religioso. Para ela, a cerimônia teve um sentido muito mais social e, portanto ritualístico, do que espiritual. “# Casei na igreja católica, mas eu não convidei Jesus e Maria para o meu casamento, eu não sabia a importância disso na época como eu sei hoje. Então foi aquela coisa mais da cerimônia, do social, porque o matrimônio, o sacramento em si eu achei muito superficial”. Fátima justifica a superficialidade de seus sentimentos religiosos durante seu casamento, atribuindo-os à forte influência que ainda mantinha das religiões nomeadas por ela como místicas. “# e nesta época eu ainda estava muito envolvida nestas coisas esotéricas, sempre buscando à Deus, mas nisso #”.

Durante alguns anos da vida de casada, F. continuou sua busca pelo transcendente, mas, segundo seu relato, essa busca não a ajudava superar alguns sentimentos negativos que a perturbavam. “# eu sentia que mesmo com essa busca, eu estava sempre vazia, me sentia muito infeliz, largada, deprimida, mesmo tendo um marido maravilhoso, uma família maravilhosa, nossa condição financeira estava boa. #”. Neste sentido, podemos refletir sobre a busca espiritual de F. e pensar que, para ela, a busca pelo sagrado não foi

suficiente para seu bem estar psicológico e, segundo sua compreensão atual, esse bem estar emocional estaria relacionado a um verdadeiro encontro com o divino.

Sobre sua conduta de vida, F. revela que, embora não tenha seguido até então, uma orientação religiosa católica, muitos valores e princípios cristãos, foram introjetados por ela durante sua infância. “# apesar de eu não ter ido buscar a Deus dentro da religião católica eu sempre tive os princípios, seguia os mandamentos # de ser honesto, e coisas assim # Nos livros que eu lia, tinha um que estava escrito assim: Jesus viveu na Índia. Ai começou umas coisas tão estranhas, falava de Nossa Senhora de uma maneira tão mundana, falando assim que Ela tinha interesse que Jesus tivesse certa repercussão política, e coisas tão horríveis que eu ainda nem tinha me convertido para o catolicismo, mas já achei um horror aquele livro, então isso se deve aos fundamentos que sempre existiram em mim #”. Neste relato, observamos uma forte influência da cultura religiosa católica sobre as crenças de Fátima.

Ainda sobre seu casamento, F. coloca que sentiu algumas dificuldades ao se adaptar a vida do marido, principalmente no que se referem as constantes transferências de cidades devido a sua profissão. “# eu morei em Mato Grosso, morei em Recife, e eu sempre fui acompanhando meu marido. Abri mão da minha carreira, eu era farmacêutica e gostaria de ter ido para área de formação, área universitária, mas não deu para ir devido a essas mudanças que aconteciam na minha vida. Então eu fui abrindo mão de algumas coisas #”. Fátima relata também que, durante essas transferências de cidade, ela sentia necessidade de freqüentar a igreja católica mais próxima de sua casa, no entanto, essa necessidade logo acabava depois de algumas idas a igreja. “# às vezes quando eu ia à missa, principalmente quando ocorriam essas mudanças de cidade, eram momentos difíceis, porque eu não queria, porque eu era muito imatura, e ai eu ficava pensando só em mim, e quando eu ia a missa, porque tinha uma igreja na frente da minha casa, eu chorava muito, me emocionava muito, mas não tinha uma continuidade, sabe? eu ainda não tinha sentido aquele toque de Deus na minha vida #”. Podemos pensar que, F. vivia uma época de grande instabilidade emocional em sua vida devido às dificuldades em estabelecer ‘raízes’ e relacionamentos estáveis em um único lugar. Dessa maneira, podemos supor que, a necessidade em freqüentar a igreja católica num momento de instabilidade emocional, estava relacionada também a sentimentos de insegurança carregados desde a sua infância e que a não continuidade de freqüências poderia ser explicada pela falta de significados que aquele ambiente estaria proporcionando a ela.

Os sentimentos de insegurança e a busca constante pelo transcendente, continuaram durante algum tempo até que F. resolveu, a convite de uma prima do marido, ir a

um seminário religioso católico. Segundo sua avaliação, este seminário foi fundamental para seu desenvolvimento pessoal, pois, nele, ela pode refletir e debater sobre temas espirituais, que antes não era capaz compreender. “# essa experiência foi muito boa, porque ai eu comecei a contestar, # eu colocava questões de reencarnação, vida após a morte, e aquilo para mim era real, verdadeiro, não tinha como não acreditar #”. Fátima sentiu que, esta foi uma oportunidade de crescimento pessoal, à medida que passou a sentir-se mais segura em relação à sua religiosidade, e pode, assim, conhecer mais profundamente as vivências práticas e doutrinárias do catolicismo. “# quando eu falava sobre reencarnação, vidência, essas coisas: elas me mostravam com ‘A Palavra’ o que Deus pensava sobre isso. E eu comecei a entender que Deus abominava essas coisas, # e tudo isso foi me penetrando sabe? #”. Neste sentido, é importante destacar que, esta foi a primeira vez, em toda a história de busca pelo transcendente, que F. encontrou respostas que realmente tiveram sentido para sua vida “# e aquilo veio de encontro com algumas explicações que eu precisava saber, então essa questão da reencarnação, sabe? isso eu precisava saber que eu estava negando a ressurreição de Jesus. Porque se ele morreu por nós, para nos salvar, eu não preciso voltar numa outra vida para me salvar #” e, de acordo com sua compreensão, somente depois dessa experiência é que F. começou a ter mais clareza sobre suas crenças “# essas coisas você vai tendo consciência #”. Além de sentir-se mais segura e confiante, F. revela que, ao final do seminário, ainda passou por uma experiência corporal de sua espiritualidade “# teve uma hora que eles chamam de: ‘a presença do espírito santo’. Nesse momento eu senti uma coisa muito diferente, uma sensação que eu nunca mais senti..., foi como se fosse uma energia dentro de mim, que vinha das pontas dos meus pés e corria por dentro. Sabe aquela sensação de formigamento nos pés e nas mãos? Quando parece que fica adormecido? Era mais ou menos isso, eu não sei te explicar direito, só sentindo para você entender. Eu sentia aquilo no meu corpo inteiro, principalmente no peito, e depois senti meu coração disparar. Eu sei que essa foi uma manifestação física que eu senti naquele momento durante a missa #”.

Após essas vivências dentro do seminário, F. sentiu que muitas coisas mudaram em sua vida. Percebeu que seus sentimentos eram outros e que a sua maneira de compreender o mundo também era outra, no entanto, seus sentimentos, embora positivos, a faziam sentir medo por serem novos. “# no começo eu fiquei um pouco com medo, com receio de ler ‘A Palavra’ [Bíblia] todos os dias, era um medo de não entender talvez #”. Neste momento de sua vida, os sentimentos de medo e insegurança relatados por F., já não estavam mais relacionados a uma busca pelo sagrado. Nesta etapa, podemos pensar que, a causa de seu medo e insegurança, era, na verdade, um receio de ter um encontro profundo com Deus, ou

seja, a busca havia terminado e agora, o próximo passo seria estabelecer uma relação mais profunda com algo que antes, ela apenas procurava e não se relacionava.

Durante essa nova fase de sua vida, algumas questões de cunho moral e orientação de vida foram introjetadas por F., assim com outras questões foram rejeitadas por ela, ou seja, muitos de seus antigos valores e crenças foram abandonados para que novos valores pudessem fazer sentido e serem coerentes com sua nova maneira de compreender as questões existenciais. “# *a partir desse dia [em que ela teve as experiências na igreja] todos os livros que eu tinha de esoterismo eu não quis mais, joguei fora, não quis dar para ninguém, joguei fora. Duendes, tudo o que eu tinha e que, pudesse me ligar de alguma forma a minha vida passada eu joguei fora #*”.

Conforme foi se aprofundando na religião católica, F. começou a sentir que suas necessidades de contato com Deus foram aumentando. Ela já não sentia mais vontade de procurar o divino porque parecia já o ter encontrado. Sua necessidade, naquele momento, passou a ser o estabelecimento de uma relação mais íntima com o sagrado. “# *o que eu sei é que eu sinto muita necessidade de ir [à igreja] # e hoje eu sei que a comunhão diária faz você ter uma relação muito profunda com Deus #*”.

A partir desse momento, F. passou a ter uma grande preocupação com a religiosidade dos filhos. “# *eu gosto de ficar explicando sobre a missa para eles [os filhos] entenderem o porquê que eles estão lá. Eu gosto de colocar alguns momentos importantes como na hora da consagração, eu me preocupo em fazer com que eles aproveitem mais do que eu aproveitei #*”. A justificativa de F. para o sentimento de preocupação com a orientação religiosa dos filhos é baseada em sua própria experiência de vida. Dessa forma, ela procura transmitir uma educação religiosa bastante estruturada para que os filhos possam sentir-se seguros quanto a sua espiritualidade. “# *hoje eu entendo como a família é importante em termos de religiosidade, principalmente para os filhos, que precisam de uma segurança dentro da família. Eles precisam saber qual religião pertence a família, então é aquela coisas assim: minha família e eu somos católicos, ou eu sou evangélico, ou eu sou mulçumano, #, o que importa é eles terem uma definição. Não importa qual a religião, mas eles precisam saber qual é a religião deles e da família, porque eles irão crescer sabendo que a minha família é da religião tal. Isso não vai impedi-los de buscarem outras coisas, outras religiões, mas vai dar uma base mais sólida para eles, e assim eles não ficarão tão perdidos como eu fiquei #*”.

Ao analisar sua experiência religiosa, F. enfatiza que sentiu uma grande mudança em relação a seus sentimentos. Seu desenvolvimento pessoal ocorreu, neste sentido, à medida

que ela conseguiu encontrar novas soluções, baseadas em novos sentimentos, para lidar com seus problemas cotidianos. “# nesse período a minha vida mudou muito, meu estado de espírito mudou, embora eu continue até hoje às vezes me sentindo um pouco ‘down’, sabe? Mas isso é porque eu tenho uma tendência muito forte de carregar os problemas dos outros. Se tem alguém com algum problema eu já quero resolver, mesmo o problema não tendo nada a ver comigo e isso me deixa muito sem energia, meia cabisbaixa, mas não é uma coisa assim que me deixa vulnerável porque hoje eu tenho o apoio de Jesus #”. Em termos de desenvolvimento psicológico, podemos pensar que, no caso de F., o envolvimento com a religiosidade promoveu um maior auto-apoio, condição necessária para que F pudesse enfrentar as dificuldades cotidianas. Neste contexto, F. entende que, embora tenha sofrido com a busca pelo transcendente, esse caminho de espiritualidade lhe proporcionou um grande crescimento em termos de amadurecimento psicológico. “# eu acho que essa minha busca pela espiritualidade me trouxe, principalmente, amadurecimento. Porque eu acho que você só se desenvolve se você começa a conhecer, a entrar em contato com as coisas #”. Segundo sua compreensão, foi somente ao vivenciar plenamente a presença de Deus em sua vida que ela pode sentir que havia, de fato, encontrado o que estava procurando desde a juventude, em termos de espiritualidade. “# você cresce quando você entende aquilo e tem sentimentos envolvidos. Então, foi nesse momento de busca, de sofrimento, de mudanças que eu acabei crescendo #”.

Fátima entende que, toda sua busca rumo a uma religiosidade que lhe oferecesse uma aproximação maior a Deus foi necessária para que ela pudesse viver a experiência do sagrado como vive hoje. “# toda essa minha busca foi necessária # antes eu era uma pessoa mais insegura, ainda sou, mas hoje eu tenho Jesus do meu lado, hoje eu sinto o meu anjo da guarda me dando a mão. Então eu não sou uma pessoa super segura de tudo o que eu faço, eu tenho os meus medos, meus defeitos, mas hoje eu luto, não fujo com tanta facilidade como eu fazia antes, e tudo isso mudou porque eu sinto que tem alguém mais forte lutando ao meu lado, junto comigo #”. Ao fazer essa comparação sobre como se sentia antes e como se sente depois dessa experiência religiosa, F. entende que, a sua ‘essência’ não mudou, ou seja, algumas características psicológicas não mudaram o que mudou foram seus sentimentos para lidar com a vida. Neste sentido, observa-se que a crença em algo superior ao humano, fortalece os sentimentos responsáveis pela transformação do comportamento. O que pode, sem dúvida, resultar num avanço do desenvolvimento pessoal.

Fátima conta que hoje é capaz de avaliar os diversos aspectos de sua experiência religiosa e, segundo sua conclusão, essa experiência foi muito rica em termos de crescimento

peçoal, no entanto, para que pudesse chegar a esse crescimento, ela passou por algumas etapas de aprendizado que valem a pena serem descritas.

Durante os primeiros anos de vivência religiosa dentro do catolicismo, F viveu o que os outros chamam de ‘fanatismo religioso’. “# nos primeiros momentos de conversão você fica sendo a chata, começa a pegar no pé de todo mundo, fica querendo que todo mundo siga aquilo que você acha que é o certo, você é a dona da verdade e a chata. Então, imagina uma pessoa como eu que era totalmente esotérica e de repente começa a pregar? # Você começa a querer converter a família inteira, só que aí as pessoas começam a te excluir, né? Aí, aí vem a Fátima vamos cortar o assunto. Mas eu sei que eu era muito chata mesmo! #”. Através deste depoimento, pode-se observar que F. foi capaz de perceber que, além de comprometer a relação com seus familiares e amigos, seu comportamento estava, também, prejudicando sua relação com o marido e filhos. “# o meu marido ficava triste quando eu dizia que amava a Deus a cima de qualquer coisa, ele ficava muito triste, então, esse tipo de coisa eu também não faço mais #”. É importante destacarmos que todo esse processo de reflexão e mudança de comportamento, evidência um grande progresso no desenvolvimento pessoal de Fátima.

Durante toda a entrevista, F. procurou demonstrar que o significado mais importante que ela atribui a sua experiência religiosa foram as mudanças de sentimentos em relação às pessoas que estão ao se redor, bem como as mudanças na sua percepção de mundo. “# o que realmente mudou, o que fez eu mudar foi o amor. Esse sentimento de amor pelas pessoas tomou conta de mim, às vezes eu acho que ele é até exagerado, anormal # hoje eu me sinto bem mais segura nas coisas que eu falo e que eu faço # todos os sentimentos que eu acho que não são bons, eu tento cortar, eu tento lutar #”.

Fátima revela que a estratégia encontrada, através de sua experiência religiosa para solucionar seus problemas, foi não mais pensar por si mesma, mas ao invés disso, seguir o exemplo de vida de Jesus. “# eu penso como Jesus iria reagir naquela situação X e o coloco no meu lugar. É como se a Fátima saísse de campo para Jesus entrar. Eu me anulo mesmo! Não no sentido de me anular para ser usada pelos outros, mas no sentido de permitir a entrada de Jesus. E eu falo assim: entrar aqui em mim e faça aquilo que eu Senhor quer que eu faça #”. Essa conduta adotada por F. revela uma necessidade de parâmetros e modelos a serem seguidos quanto a sua espiritualidade, o que é aceitável e incentivado dentro do catolicismo, que sendo uma religião Cristã, adota o exemplo de vida de Jesus de Nazaré como um modelo a ser seguido pelos fieis.

Ao final da entrevista, F resume em poucas palavras como foi sua experiência

religiosa e diz: “# eu diria que eu nasci de novo! Porque hoje eu sou uma outra pessoa e tudo isso por causa das coisas que eu te falei, da minha busca e tal #”. Neste sentido, podemos entender que as palavras de Fátima revelam um profundo sentimento de mudança interior, que é tão subjetivo e particular que, a faz sentir já não ser a mesma pessoa que antes, daí a utilização do termo ‘nascido de novo’.

Análise do depoimento de Dona Neuza (DN)

A estratégia escolhida por Dona Neuza para relacionar sua experiência religiosa com seu crescimento pessoal foi através de sua história de vida. Neste sentido, a análise do depoimento será realizada de acordo com cada etapa da história de vida até chegarmos na experiência religiosa.

Percepção e vivências da infância e adolescência:

Dona Neuza descreveu sua infância como uma etapa muito difícil de sua vida. Segundo seu depoimento, as lembranças que possui da infância estão, na sua maioria, relacionadas ao trabalho e a carência de afeto que sentia em relação aos pais. “# eu nasci numa família de imigrantes italianos, era um ambiente muito pobre, no qual a luta pela sobrevivência foi muito dura. Tive uma infância triste, pobre, sofrida, com muito trabalho # eu era muito carente! Carente de carinho de pai e de mãe, de irmão, mas como era aquela luta, era cada um por si, não dava para meus pais ficarem dando atenção para todos os filhos.”

Seus sentimentos com relação à família e ao trabalho, muitas vezes, se mostram ambíguos, pois, no início da entrevista, ela coloca a seguinte frase: “# eu trabalho desde os meus cinco anos de idade, mas, veja bem, eu não estou me queixando #” e ao meio de depoimento ela diz: “# a possibilidade de eu poder sair daquele ambiente em que eu vivia, influenciou muito na minha decisão de me casar, quando eu pensava que eu iria poder ser mais livre, que eu poderia trabalhar menos # e eu pensava: graças a Deus agora, depois do casamento, eu vou ter um lugar só para mim.”. Neste sentido, podemos observar que existe uma preocupação em não aceitar tais sentimentos como queixa, mas sim como fatos.

Além das limitações afetivas que teve com relação à família, Dona Neuza sentia que também possuía limitações em relação à comunicação e, segundo sua compreensão, tais limitações foram consequência de uma instabilidade emocional inata. “# eu era extremamente gaga por causa do emocional, mas, eu sei que eu nasci assim: muito sensível # E por causa

disso, eu quase não falava, sofri humilhações na escola e eu chorava muito, e quando eu ia me queixar para minha mãe, ela dizia: ah, para com isso menina!, que bobagem, tanta coisa mais importante para a gente se preocupar! E aí eu me lembro que eu me recuava, ficada ainda mais calada #". Podemos pensar que a defesa utilizada por Dona Neuza para lidar com tais questões foi à repressão de seus sentimentos e a conseqüente somatização disso tudo na fala. Neste sentido, podemos pensar que tal fato esteja relacionado a gagueira "*# e aí eu me lembro que eu me recuava, ficada ainda mais calada #*".

Com relação a sua adolescência, Dona Neuza revela que seus sentimentos não foram muito diferentes de sua infância. Ela continuou trabalhando bastante para ajudar a família, porém, nesta fase, sentia que suas necessidades passaram a ser outras. "*# o trabalho de adulto só começou quando eu fiz onze anos, e como meus pais estavam passando por muita dificuldade financeira por causa da guerra, e como ele era imigrante, a situação ficava ainda pior. E eu não via a hora de começar a trabalhar de verdade para ajudá-los, aí eu fui ser pajem, que hoje chama de baba, né? De um menino filho de um amigo dele [do pai], aí depois eu ainda fui trabalhar em fabricas e em vários lugares que eram muito duros para minha idade*". Aqui observamos que, embora Dona Neuza na época fosse apenas uma criança, ela já se sentia na obrigação de ajudar os pais financeiramente, o que demonstra uma maturidade além da esperada para sua idade causada, provavelmente, pelas dificuldades enfrentadas na época.

Mas que eu me lembro que foi muito marcante, e aos finais de semana eu queria ir à matine, porque naquela época o cinema estava no auge e todo mundo queria ir na matine. Só que meu pai não deixa, ele dizia que aquilo não era ambiente bom e que eu precisava ajudar minha mãe a limpar a casa no final de semana. Dessa forma, eu não descansava, só trabalhava #". Neste trecho, novamente observamos que Dona Neuza não conseguia realizar seus desejos e reprimia suas vontades para trabalhar e ajudar a família.

Seu segundo emprego foi numa fábrica de chapéus e, neste novo ambiente de trabalho, Dona Neuza começou a perceber que possuía uma boa habilidade manual que a ajudava a realizar seu trabalho mais facilmente. No entanto, embora se sentisse feliz por essa habilidade, começou a perceber que este dom provocava sentimentos de inveja em seus companheiros de trabalho, o que a fazia se sentir excluída pelos mesmos. "*# eu sempre tive muita habilidade manual, habilidade para fazer trabalhos de bordado, pintura, acabamento e coisas assim. Mas sabe Thais, eu me lembro que tinha muita gente que trabalhava comigo, que não gostava dessa minha habilidade porque com isso, eu acabava fazendo os chapéus mais rápido dos que as outras e, conseqüentemente, ganhava mais por isso, já que o salário*

era por produção. E eu me lembro que, quando eu estava na escola, acho que eu tinha uns 7 ou 8 anos, eu sempre fazia desenhos muito bonitos, eu sempre tive muita habilidade para pintura, e a professora mostrava meus desenhos para todo mundo. Nossa!, as outras crianças me odiavam por causa disso. Então, eu notei que quando a gente tem muita habilidade com uma coisa, a gente ganha de um lado, mas perde de outro [referindo-se as pessoas a sua volta]”. Dona Neuza sentiu que sua habilidade manual a afastava das pessoas.

Experiências e sentimentos matrimoniais:

Um outro aspecto importante da adolescência de Dona Neuza, refere-se a sua vida afetiva. Ela relata que aos catorze anos começou a namorar um rapaz que posteriormente veio a ser marido. A compreensão deste relacionamento como um todo é muito importante para entendermos seu processo de crescimento pessoal através da experiência religiosa. “# *quando eu cheguei aos quatorze anos, eu encontrei um homem que se apaixonou perdidamente por mim e me prometeu céus e terras. Ele era de uma família que se dizia muito importante, mas hoje eu sei que nada são. E eu sabia que eu não gostava dele, eu queria largar dele. Eu namorei um ano e pouco e eu vi que a nossa relação não casava, que não arrepiava a pele. E você sabe que naquela época, sexo era um tabu tremendo e ninguém entendia que a energia sexual é uma energia brutal, muito forte, mas, dentro de uma sociedade hipócrita que nós vivíamos, com total restrição para mulher, àquela que não se casasse virgem, era considerada a mulher mais pecadora do mundo, e essa foi a minha época.* Neste trecho, Dona Neuza procura ressaltar que não tinha a intenção e nem vontade de se casar com o então namorado, mas, de alguma forma, ela se sentiu na obrigação de fazer isso por questões de ordem moral. Aqui, novamente observamos que seus sentimentos foram reprimidos e que ela não conseguiu fazer valer a sua vontade, optando por se casar para não ter de enfrentar alguns tabus sociais da época., além de enxergar no casamento, uma oportunidade de mudança de vida familiar. “ # *Eu me lembro que, apesar de não quero me casar com o homem com quem eu me casei, na época, a possibilidade de eu poder sair daquele ambiente em que eu vivia, influenciou muito na minha decisão de me casar. Nossa!, quando eu pensava que eu iria poder ser mais livre, que eu poderia trabalhar um pouco menos, tudo isso influenciou muito # Se na época eu pudesse enxergar as coisas como eu enxergo hoje, saberia que aos olhos de Deus, nada escapa, mas eu era muito inexperiente para entender isso #*”. Segundo sua compreensão hoje, se na época ela já tivesse tido sua experiência religiosa, talvez tivesse tido uma outra opção de vida.

Ao falar de seus sentimentos em relação ao marido num período pós-casamento, Dona Neuza expressa uma profunda mágoa e um sentimento forte de traição no sentido de se sentir enganada pelas promessas do marido. “# *eu me casei e me dediquei muito a esse homem, mesmo sem amá-lo, eu nunca deixei de ser uma boa esposa para ele. # antes de casar, eu sempre falava para ele que eu não gostava dele, que talvez eu até pudesse um dia gostar dele, mas que naquele momento, eu não gostava. E ele dizia: não! Eu vou te fazer feliz, eu tenho tudo para te oferecer e coisas assim. E eu acreditei, eu era muito ingênua, era uma menina semi-analfabeta # E eu nem imaginava as pancadas que a vida iria me dar.*” Podemos observar que Dona Neuza se sentiu enganada, realmente traída pelas promessas de felicidade feitas pelo então namorado.

“# *Esse homem, que antes me prometeu céus e terras, me agredia muito, não fisicamente, mas verbalmente, que é muito pior do que a agressão física porque ela te mata. Te ferem locais que não cicatrizam nunca. Eu acho que ele mudou assim depois do casamento, porque ele viu que, de fato, eu não o amava, embora eu me dedicasse muito a ele*”. Aqui podemos observar que os sentimentos de mágoa e ressentimento do casal estão vinculados a uma forte frustração de ambas as partes, tanto do marido que esperava obter o amor da esposa depois do casamento, quanto da esposa que não conseguiu ter tal sentimento pelo marido e esperava que o mesmo pudesse lhe proporcionar uma vida diferente da que teve com sua família de origem. “# *eu fui percebendo que ele queria fazer de tudo para se vingar de mim, como se eu tivesse obrigação de amá-lo. Hoje eu sei que quem se casou enganada fui eu, não ele, porque ele sabia, desde o início que eu não o amava, mas ele sim fez promessa a mim que não foi capaz de cumprir. Ele queria que eu sentisse amor por ele, mas eu não conseguia, eu não tinha nem atração física por ele, então tudo ficava mais difícil #*”. A compreensão que Dona Neuza tem, sobre as atitudes do marido para com ela, esta relacionada a um sentimento de vingança, uma vez que, ela se sente culpada por não amar o marido e acredita que ele deseja se vingar dela por causa disso.

Embora não conseguisse sentir amor pelo marido, Dona Neuza teve dois filhos com este homem e procurou poupa-los das brigas que tinha com o marido. Para que os filhos não vivessem num ambiente de brigas como o que ela havia vivido, Dona Neuza optou por ouvir as reclamações do marido em silêncio para que assim a discussão não se prolongasse. “# *eu sempre procurei poupa-los das nossas brigas. Eles nunca presenciaram nenhuma briga minha com o pai deles porque eu sempre acabava engolindo sapo para que eles não sofressem, # Deixava o pai deles me xingar e ficava quieta para não prolongar a briga. Eu*

não queria que eles sentissem o que eu senti na minha infância, não queria que eles vissem os pais brigando #”.

Nesta época, a vida profissional de Dona Neuza estava em crescimento. Ela trabalhava numa loja de roupas como vendedora e estava recebendo um salário suficiente para manter a família. No entanto, assim como na adolescência, também neste momento ela sofreu muita discriminação por ter muita habilidade com público. *“# e eu estava trabalhando numa loja como vendedora de roupas. Nesse trabalho, novamente eu encontrei muita gente que não gostava de mim porque eu vendia muito e ganhava bem mais do que quem vendia pouco, eu sempre tive muita habilidade para trabalhar com público. Novamente eu comecei a sentir que, quando alguém não gosta de mim, eu me sinto mal, como acontecia quando eu trabalhei na fabrica de chapéus. Mas eu sei que foi com o salário que eu ganhava nessa loja, que eu consegui juntar dinheiro para comprar essa casa que eu moro hoje #”.* Podemos observar que, embora sofresse com a exclusão dos companheiros de trabalho, ela se sentiu recompensada por que foi capaz de comprar a casa em que mora atualmente. Após conseguir comprar esta casa, Dona Neuza teve que enfrentar um outro problema: o sentimento de inferioridade por parte do marido. *“# ele não se sentia bem porque eu ganhava mais do que ele, você imagina que naquela época, mulher trabalhar já era uma vergonha para o marido, ganhar mais do que ele então, nossa! Era terrível! E ele se sentia mal por causa disso, mas o que eu podia fazer?, eu tinha que trabalhar! Então era uma baita pressão no trabalho e uma baita pressão em casa. Ele não se conformava, ele sentia raiva de mim porque eu ganhava mais do que ele, eu percebia que ele, inclusive, não queria que eu guardasse dinheiro para comprar esta casa, porque isso seria muito humilhante para ele.*

Diante de todos os conflitos que experienciou em sua vida, Dona Neuza relata que não conseguia encontrar nenhum tipo de apoio que a ajudasse a enfrentá-lo. *“# Nesta época, eu não freqüentava igreja, me dizia católica porque a minha família era católica, mas não sentia a presença de Jesus comigo, # eu sofri muito, sofri feito um cão!, não tinha no que me apoiar, principalmente no meu casamento.”*

Experiência Religiosa:

Dona Neuza sentiu necessidade de revelar alguns aspectos de sua vida e os diversos sentimentos que a acompanharam durante muitos anos para que pudéssemos compreender em que sentido sua experiência religiosa lhe trouxe crescimento pessoal.

A primeira vez que Dona Neuza teve um contato mais íntimo com a religião foi numa viagem a Portugal onde ela conheceu a cidade de Fátima. Dona Neuza revela que, a princípio, não teve vontade de conhecer a cidade e que só concordou com o passeio por insistência do guia turístico. “# *Chegamos a Lisboa e encontramos um guia que nos ofereceu um pacote que incluía um passeio de duas horas em Fátima. Na hora eu pensei: o que eu vou ficar fazendo duas horas em Fátima? Nem imaginava como seria importante para eu conhecer aquela cidade #*”.

Segundo o relato da entrevistada, ao chegar próximo da igreja de Fátima, Dona Neuza começou a observar a fé das pessoas que ali estavam e isso lhe mobilizou uma emoção que antes não havia sentido. “# *chegamos naquela praça e eu vi aquela multidão, aquela gente toda rezando, # você não imagina a energia que tem naquele lugar, é uma coisa inexplicável, a fé daquelas pessoas é contagiante #*”. Podemos pensar aqui que, o termo ‘contagante’ utilizado por Dona Neuza significa que ela pode intrometer uma emoção, nunca sentida anteriormente, através da observação da emoção de outras pessoas, ou seja, foi através da espiritualidade alheia que ela entrou em contato com a sua própria espiritualidade.

Esta experiência em Fátima é sentida por Dona Neuza como um marco inicial de sua vida religiosa. “# *eu não sei te disser o que, mas eu senti que alguma coisa dentro de mim estava diferente. Era uma força passava dentro do meu corpo, algo que me deixa inquieta, mas o que eu sei é que eu entrei em Fátima de um jeito e sai de outro. E foi aí que começou a minha experiência com Deus, com Jesus e Nossa Senhora #*”.

Neste passeio à Fátima, Dona Neuza comprou um tercinho religioso e o guardou na bolsa. Depois de conhecer Portugal, Dona Neuza foi viajar para Espanha e nestes países ela vivenciou uma outra experiência que fortaleceu ainda mais sua fé. Segundo seu relato, sua bolsa havia sido roubada na cidade de Barcelona, que na época estava em guerra. Tal fato deixou Dona Neuza bastante abalada, uma vez que, iria precisar encerrar a viagem e ter diversos problemas por causa de seu passaporte. “# *Eu fiquei desesperada, como eu iria ficar num país estrangeiro sem passaporte, ainda mais em guerra? # Bom, fomos até uma delegacia de polícia fazer um boletim de ocorrência e eu lembro que o policial me perguntou o que eu tinha dentro da minha bolsa. Eu me lembrei de tudo, falei até de um batom que eu havia comparado lá, mas não tinha me lembrado de falar do terço, só no final é que eu lembrei e pedi para o policial registrar que tinha um tercinho de Fátima dentro da bolsa também. # voltamos para Lisboa e eu resolvi entrar numa igreja e pedir para Nossa Senhora de Fátima que me ajudasse a encontrar a minha bolsa, eu me lembro que ainda estava com um sentimento de desconfiança, e pensei: se essa santa for poderosa mesmo, a*

minha bolsa vai aparecer # Ficamos mais uns dois dias em Portugal, e quando já estávamos prestes a voltar para o Brasil, a embaixada entrou em contato comigo dizendo que a minha bolsa havia sido encontrada #”.

A explicação encontrada por Dona Neuza para justificar o aparecimento de sua bolsa foi religiosa. Tal explicação veio acompanhada de muitos sentimentos novos para Dona Neuza. “*# na hora eu me ajoelhei no chão e comecei a chorar. Eu não podia acreditar que a minha bolsa havia sido encontrada e que eu tinha duvidado do poder de Nossa Senhora. Naquela hora eu senti que eu já não era mais a mesma pessoa. Eu chorei tanto de arrependimento por ter duvidado de Nossa Senhora e também por não ter dado valor quando o guia me ofereceu o passeio em Fátima, nossa!, não sei te explicar como foi o sentimento que estava dentro de mim naquela hora, o que eu sei é eu era uma nova pessoa.*” Podemos entender que essa experiência foi sentida por dona Neuza como uma relação direta com o transcendente, ou seja, ela sentiu que de alguma maneira Nossa Senhora queria ter um contato mais íntimo com ela e por isso auxiliou no aparecimento da bolsa. Neste sentido, pode-se entender que o fator que mais mobilizou o fortalecimento da fé foi, na verdade, o sentimento de desconfiança e posterior sentimento de culpa para com a santa “*# eu não podia acreditar que a minha bolsa havia sido encontrada e que eu tinha duvidado do poder de Nossa Senhora #”.* Dona Neuza sentiu que essa desconfiança havia rompido uma relação recém-formada com Nossa Senhora e que o sentimento de culpa e a crença na religião católica havia de alguma forma, restaurado essa mesma relação. “*# naquela hora eu senti que eu já não era mais a mesma pessoa # eu chorei tanto de arrependimento por ter duvidado de Nossa Senhora e também por não ter dado valor quando o guia me ofereceu de ir para Fátima, nossa! Não sei te explicar como foi o sentimento que estava dentro de mim naquela hora, o que eu sei é eu era uma nova pessoa. #”.* Ao sentir que era uma nova pessoa, Dona Neuza revela que sua experiência religiosa foi tão intensa e propulsora de mudanças subjetivas, que ela já não se reconhecia mais como a mesma pessoa de antes. Aqui se entende que, embora Dona Neuza não estivesse conseguindo compreender o que de fato estava acontecendo em seu interior, ela era capaz de sentir que sua percepção em relação a si mesma não era mais as mesmas.

Ao retornar para o Brasil, Dona Neuza continuou tendo outras experiências com o divino que, em muito, reforçaram sua fé e a fez crescer psicologicamente à medida que aprendeu a lidar com seus problemas de maneira mais equilibrada. “*Eu tive e ainda tenho muitas experiências de Deus na minha vida # quando eu voltei para o Brasil, eu já não era mais a mesma pessoa, a minha fé havia tomando conta de mim, eu não tinha mais controle. Desde então, eu frequento a igreja e sigo os costumes do catolicismo. A minha vida foi*

mudando cada vez mais, eu fui sentindo que aquele sentimento de fé me fortalecia me fazia ser diferente, não sei se é diferente, mas foi me fazendo agir de outra maneira #". Ao revelar que essas experiências religiosas a fizeram sentir e agir de maneira diferente pode-se pensar numa possível relação com seu crescimento pessoal.

Crescimento pessoal:

Ao final da entrevista, Dona Neuza procurou colocar a sua compreensão sobre o tema deste estudo e diz: "*# eu tenho 75 anos e vou te dizer uma coisa muito importante: a gente só cresce enquanto pessoa quando a gente realmente sente que tem algo mais forte nos ajudando a crescer #*". Esse algo mais forte colocado por Dona Neuza é entendido como a presença de uma força transcendente que, segundo sua compreensão, a faz crescer enquanto pessoa e que é responsável pelo seu amadurecimento psicológico. "*# você pode ter muitas experiências na sua vida que te ensinem a resolver problemas ou a melhor maneira de ganhar dinheiro ou coisas assim, mas nenhuma destas experiências te ajuda a amadurecer os seus sentimentos, nenhuma te ensina a olhar para uma pessoa que te fez sofrer durante uma vida toda com olhos de perdão e compreensão. Sente que nenhuma outra experiência poderia ter proporcionado essa mudança interior, subjetiva e extremamente pessoal. Nesse sentido, pode-se dizer que a experiência religiosa de Dona Neuza, lhe proporcionou desenvolvimento psicológico. # Porque foi exatamente esse crescimento que a religião me proporcionou. Eu aprendi a sentir o mundo de outra maneira, eu não aprendi a me comportar da maneira mais adequada para ter uma boa consequência por isso, não! Eu aprendi a sentir as pessoas, as situações de outra forma. Neste trecho observamos que Dona Neuza tem uma compreensão muito clara sobre seu processo de crescimento pessoal, ela é capaz de compreender exatamente quais as mudanças que lhe proporcionaram esse crescimento e entende que seu amadurecimento psicológico ocorreu à medida que ela passou a entender e a sentir o mundo de maneira menos pesada e com a ajuda de uma força superior a ela. Depois da experiência religiosa, ela já não sentia que precisar resolver seus problemas, sozinha, pois, agora, havia aprendido a compartilhar suas dificuldades com Deus. # eu enxergo o mundo com os olhos que Deus quer que eu enxergue # eu não preciso ficar me preocupando com o 'porque' das coisas, eu simplesmente entrego tudo para Deus e deixo com que ele me deixe apenas a parte que é minha responsabilidade cuidar, o resto, eu deixo nas mãos Dele. Observamos aqui um amadurecimento a medida que ela não deixa de resolver seus problemas, mas procura gastar energia emocional apenas com o que é de sua responsabilidade. # hoje eu sigo o que Jesus*

fala: Seja uma nova criatura., perdoe, perdoe sempre. “Mas antes eu era uma pessoa triste, revoltada, não aceitava a vida que eu estava levando e sofria muito com isso”.

Ao resumir em poucas palavras como entende toda a sua história de vida, Dona Neuza pontua: “# eu te garanto, quem experimenta a Deus, nunca mais é a mesma pessoa # Apesar de eu não ter nada, eu sinto que eu tenho tudo, eu sou muito feliz porque não me deixo mais atingir por problemas do dia a dia, eu encontrei outras maneiras de lidar com eles, quando tem alguém que me faz mal, eu rezo muito por essa pessoa para que o Espírito Santo toque o coração dela assim como tocou o meu #”. Esse relato novamente vem confirmar que, segundo a compressão de Dona Neuza, foi somente através da experiência religiosa que ela conseguiu encontrar outras maneiras lidar com seus problemas e assim, crescer enquanto pessoa.

RESUMO GERAL DOS DEPOIMENTOS

Ao entrar em contato com as quatro entrevistas realizadas, pode-se perceber que todas possuem semelhanças quanto a sua estrutura, ou seja, os participantes seguiram a mesma linha de raciocínio para relatarem suas experiências religiosas. Todos procuraram identificar, através de suas histórias de vida, como ocorreu o processo de crescimento pessoal relacionando-o com suas experiências religiosas. Neste sentido, todos os entrevistados optaram por começar seus depoimentos relatando as vivências da infância para chegar até suas experiências atuais.

Nos depoimentos de André, Maria e Fátima, é possível perceber que, a questão da religiosidade familiar se fez presente e que, esta questão, é muito importante para a compreensão do crescimento pessoal quando relacionado com a experiência religiosa de cada entrevistado. Os três participantes relataram terem vivenciado, de maneiras diferentes, a experiência religiosa dentro do contexto familiar e, atribuem à família os primeiros contatos com a religiosidade. “# os pais, tentam posicionar para o filho alguma coisa no sentido religioso#”. [depoimento de André].

“# começou como um processo natural. Fui batizada na igreja católica, tive uma família católica participante #”. [depoimento de Fátima].

“# Minha família sempre foi muito religiosa #” [depoimento de Fátima].

Ainda em relação a esses depoimentos, observamos sentimentos de incoerência percebidos pelos entrevistados com relação às orientações religiosas por parte de seus familiares, sendo que, para todos eles, embora a família tenha sido a primeira fonte de contato com a religiosidade, esta se mostrou muito incoerente e desestruturada no que se refere às questões religiosas, o que gerou, em todos, sentimentos de desorientação espiritual durante a infância e também na idade adulta.

“# e os meus pais, eles se diziam ser católicos. Mas assim..., dentro da minha casa, eu nunca vi o catolicismo # quando você faz a primeira comunhão, aquilo te dá certa concepção sobre a religião, e por outro lado, seus pais dizem outra coisa para você, coisas que não batem com a religião”. [depoimento de André].

“# meu pai sempre foi um homem muito fiel a Deus, e quando ele passou por um problema de saúde, ele buscou outras religiões, principalmente dentro do espiritismo, ele recebia passe e aquelas coisas todas #”. [depoimento de Maria].

De raiz, a religião era importante..., mas muita coisa não era o mais importante, era uma coisa mais formal. # e aí começa a dar uma confusão #” [depoimento de Fátima].

Neste sentido, André e Fátima procuram transmitir para seus filhos, um tipo de vivência religiosa diferente da que tiveram em suas famílias de origem, os entrevistados se mostram muito preocupados em conseguir passar para os filhos, uma religiosidade mais estruturada e direcionada. No relato de Fátima, em especial, podemos perceber que esta falta de estrutura religiosa, dentro da família, gerou uma busca particular em direção ao encontro com o transcendente, e segundo seu depoimento, essa busca só ocorreu porque ela não se sentia segura com os ensinamentos religiosos que recebeu dos pais e também na igreja enquanto criança. “# eu gosto de ficar explicando sobre a missa para eles [os filhos] entenderem o porquê que eles estão lá. Eu gosto de colocar alguns momentos importantes como na hora da consagração, eu me preocupo em fazer com que eles aproveitem mais do que eu aproveitei #”.

O depoimento de Dona Neuza, neste sentido, se fez diferente dos demais. Nele podemos notar uma outra direção para se falar sobre a experiência religiosa. A entrevistada procurou enfatizar seus sentimentos nas diversas etapas de sua vida, no entanto, só veio a falar de suas experiências religiosas ao final da entrevista e, diferente dos outros entrevistados, só teve contato com a religião católica na fase adulta, o que deixou seu depoimento diferenciado no que se refere a estrutura de conteúdo. Pode-se notar que Dona Neuza sentiu necessidade de contar uma parte de sua história de vida, mesmo essa não estando relacionada diretamente com a experiência religiosa em um determinado período de sua vida, o que nos faz pensar que tal depoimento, diferente dos demais, teve um enfoque mais terapêutico para a entrevistada, pois, ela pode contar sua história e só ao final da entrevista relaciona-la com sua experiência religiosa para então pensar no seu crescimento pessoal. Diferente das demais entrevistas, nas quais as experiências religiosas estavam presentes durante todas as etapas de vida.

No que se refere a vida social, podemos perceber que os relatos de André e Maria se assemelham, uma vez que, ambos encontraram na religião um suporte para vida social, ou seja, para o relacionamento com outras pessoas. André encontrou na igreja a namorada que posteriormente veio a se tornar sua esposa e, segundo seu relato, foi importante que ele encontrasse a namorada dentro da igreja, pois, foi somente ao compará-la com outras mulheres, fora da igreja, que André pode perceber a importância que ele dava para mulheres que tinham uma orientação religiosa no seu dia a dia. “# até o dia em que eu conheci a minha esposa. Ela era # diferente, ela vivia dentro da igreja, e aí, eu me apaixonei por ela # eu já tinha contato com outras mulheres #”, você percebe nitidamente a sutileza das ações, a sutileza do conversar, de uma pessoa que realmente considera a religião como parte da sua vida, de uma outra, # que usa a religião como rótulo”.

No caso de Maria, a igreja também era o lugar onde ela poderia se socializar. Era somente na igreja que ele encontrava crianças para brincar, pois, devido a super-proteção da mãe, ela não tinha permissão para brincar com outras crianças. Aqui, observamos que a experiência religiosa dos participantes estava muito misturada com outros aspectos de sua vida, inclusive o social, o que pressupõe um desenvolvimento pessoal baseado na religiosidade, ou seja, um crescimento psicológico ocorrendo junto com o desenvolvimento espiritual. “# a gente não tinha muita amizade # fora da família não tinha amigos # eu estudava, mas não fazia educação física por que era de manhã, e de manhã eu trabalhava com minha mãe, e por isso e não tinha contato com as crianças, sabe com amigos? Pessoas da mesma idade? eu não tinha, não podia ir na casa de ninguém, ninguém vinha em casa # e foi na igreja que eu comecei a me envolver com outras pessoas”.

Um outro aspecto bastante importante para entendermos o crescimento pessoal dos entrevistados, é a sua prática religiosa. Nós quatro depoimentos, percebe-se a importância de se praticar a religiosidade no dia a dia. Todos os entrevistados enfatizaram que a experiência religiosa não faz sentido sem uma prática religiosa. Para André, tocar bateria na igreja é um meio de se encontrar com Deus, de ter um relacionamento real com o transcendente, ou seja, é uma forma concreta de exercitar sua religiosidade. “# mas o que me fez ficar mais assim próximo..., passar a acreditar profundamente na presença de Deus na vida, foi quando eu comecei a tocar [instrumento]. Eu sempre quis aprender a tocar bateria, e eu não tinha oportunidade #”.

Para Maria, o encontro com Deus ocorre através do relacionamento com outras pessoas e por isso, ela precisa colocar em prática as condutas de vida que aprende na igreja para que sua religiosidade faça sentido. “# para mim a fé só tem sentido na vida, no dia a dia, porque se não, não tem sentido #”.

Fátima vivencia sua espiritualidade através das crianças da igreja, desse modo, sente que ao ensinar as crianças sobre religião, está vivenciado o encontro com Deus. Sua preocupação está em transmitir uma religiosidade mais coerente para as crianças durante a catequese e também para os próprios filhos.

Dona Neuza vivencia a religiosidade através de orações. Para ela, freqüentar as missas diariamente e seguir o exemplo de Jesus Cristo é o que torna sua religiosidade mais prática. “# hoje eu sigo o que Jesus fala: Seja uma nova criatura. , perdoe, perdoe sempre#”.

As experiências religiosas dos participantes também se assemelham muito quanto as vivências corporais da fé. Todos eles relataram terem sentido, fisicamente, sensações estranhas ao corpo durante a vivência da religiosidade. Para todos os entrevistados, essas

sensações foram entendidas como uma forma de comunicação com Deus, ou seja, uma forma que Deus encontrou de se manifestar para eles.

“E ela [a mãe] insistiu para eu tomar o remédio e eu não tomei, e eu creio hoje que eu não falei por mim, eu era criança, ingênua de tudo, e eu não iria falar com tanta firmeza, com tanta convicção, fui muito teimosa! # E eu creio que foi pelas mãos de Maria, ela é como uma mãe, que cuida com carinho, dá atenção, sabe o que passa#” [depoimento de Fátima].

“# eu não sei te disser o que, mas eu senti que alguma coisa dentro de mim estava diferente. Era uma força passava dentro do meu corpo, algo que me deixa inquieta, mas o que eu sei é que eu entrei em Fátima de um jeito e sai de outro. E foi aí que começou a minha experiência com Deus, com Jesus e Nossa Senhora #”. [depoimento de Dona Neuza].

Eu senti uma coisa muito diferente, uma sensação que eu nunca mais senti..., foi como se fosse uma energia dentro de mim, que vinha das pontas dos meus pés e corria por dentro. Sabe aquela sensação de formigamento nos pés e nas mãos? Quando parece que fica adormecido? Era mais ou menos isso, eu não sei te explicar direito, só sentindo para você entender. Eu sentia aquilo no meu corpo inteiro, principalmente no peito, e depois senti meu coração disparar. Eu sei que essa foi uma manifestação física que eu senti naquele momento durante a missa #” [depoimento de Fátima].

Após relatarem suas histórias de vida, os entrevistados procuram relacioná-las com seu desenvolvimento pessoal e, neste sentido, muitos aspectos do crescimento psicológico mostraram-se semelhantes, sendo que, todos enfatizaram a questão da mudança de vida e visão de mundo, como resultado de um crescimento pessoal.

André relatou que, após ter vivenciado sua religiosidade, o maior crescimento que teve enquanto pessoa foi a mudança de percepção em relação à família e ao trabalho. Na prática, sentiu que seus comportamentos foram se modificando e isso fazia com que ele se sentisse bem, ou seja, teve uma maior qualidade de vida *“A religião permite um crescimento interior, um crescimento de sentimentos, uma mudança de sentimentos, de se colocar no lugar do outro, de entender um pouco mais a vida, de entender as dificuldades que a vida proporciona, # e também ao mesmo tempo, te dá sabedoria para saber como lidar com as situações. “# eu sinto isso todos os dias!”*.

Maria enfatizou que seu desenvolvimento pessoal ocorreu principalmente no campo do auto-conhecimento, pois, ao entrar em contato com a espiritualidade, ela começou a refletir sobre questões existenciais e sente que sem a religião essas questões, que são muito importantes para ele, ficariam sem respostas. *“# E eu vivi esses dez anos assim..., crescendo*

enquanto pessoa, conversando comigo # e eu acredito que sozinha eu não teria nem chegado a perceber que eu não sabia quem eu era # foi na oração que eu percebi que eu não sabia quem eu era # na religião eu encontrei a força para agir#’.

Fátima sente que, seu crescimento pessoal ocorreu através de uma busca pelo transcendente e que sem essa busca, ela não conseguiria enxergar o mundo como enxerga hoje. Sente que sua experiência religiosa lhe proporcionou uma nova maneira de lidar com os problemas cotidianos, e a luz do que compreende hoje, foi somente ao entrar em contato com uma religiosidade que fazia sentido em sua vida, que ela pode transformar seus comportamentos e sentir o mundo de outra maneira. “# eu acho que essa minha busca pela espiritualidade me trouxe, principalmente, amadurecimento. Porque eu acho que você só se desenvolve se você começa a conhecer, a entrar em contato com as coisas você cresce quando você entende aquilo e tem sentimentos envolvidos. Então, foi nesse momento de busca, de sofrimento, de mudanças que eu acabei crescendo #. “# toda essa minha busca foi necessária # antes eu era uma pessoa mais insegura, ainda sou, mas hoje eu tenho Jesus do meu lado, hoje eu sinto o meu anjo da guarda me dando a mão. Então eu não sou uma pessoa super segura de tudo o que eu faço, eu tenho os meus medos, meus defeitos, mas hoje eu luto, não fujo com tanta facilidade como eu fazia antes, e tudo isso mudou porque eu sinto que tem alguém mais forte lutando ao meu lado, junto comigo # eu diria que eu nasci de novo! Porque hoje eu sou uma outra pessoa e tudo isso por causa das coisas que eu te falei, da minha busca e tal #”.

Para Dona Neuza, seu desenvolvimento pessoal ocorreu junto com seu desenvolvimento religioso e, de acordo com sua compreensão, esse desenvolvimento só ocorreu quando ela pode sentir que na religião encontraria apoio para lidar com suas dificuldades emocionais. Nesse sentido, pode-se entender que Dona Neuza cresceu enquanto pessoa à medida que, conseguiu desenvolver um auto-apoio para lidar com questões de sua história de vida, que não estavam resolvidas. “# a gente só cresce enquanto pessoa quando a gente realmente sente que tem algo mais forte nos ajudando a crescer # você pode ter muitas experiências na sua vida que te ensinam a resolver problemas ou a melhor maneira de ganhar dinheiro ou coisas assim, mas nenhuma destas experiências te ajuda a amadurecer os seus sentimentos, nenhuma te ensina a olhar para uma pessoa que te fez sofrer durante uma vida toda com olhos de perdão e compreensão # foi exatamente esse crescimento que a religião me proporcionou. Eu aprendi a sentir o mundo de outra maneira, eu não aprendi a me comportar da maneira mais adequada para ter uma boa consequência por isso, não! Eu aprendi a sentir as pessoas, as situações de outra forma #”.

ANÁLISE GERAL DOS DEPOIMENTOS

A análise dos depoimentos possibilitou verificar que, a experiência religiosa dos entrevistados envolve elementos comuns e incomuns no processo de desenvolvimento pessoal.

Ao entrar em contato com as quatro entrevistas realizadas, pode-se perceber que todas possuem semelhanças quanto a sua estrutura, ou seja, os participantes seguiram a mesma linha de raciocínio para relatarem suas vivências religiosas. Todos procuraram identificar, através de suas histórias de vida, como ocorreu o processo de crescimento pessoal relacionando-o com suas experiências religiosas. Neste sentido, todos os entrevistados optaram por começar seus depoimentos relatando as vivências da infância para chegar até suas experiências atuais.

Nos depoimentos de André, Maria e Fátima, é possível perceber que, a questão da religiosidade no núcleo familiar se fez presente e que, esta questão, é muito importante para a compreensão do crescimento pessoal quando relacionado com a experiência religiosa de cada entrevistado. Os três participantes relataram terem vivenciado, de maneiras diferentes, a experiência religiosa dentro do contexto familiar e, atribuem à família os primeiros contatos com a religiosidade. “# os pais, tentam posicionar para o filho alguma coisa no sentido religioso#”. [depoimento de André].

“# começou como um processo natural. Fui batizada na igreja católica, tive uma família católica participante #”. [depoimento de Fátima].

“# Minha família sempre foi muito religiosa #” [depoimento de Maria].

Ainda em relação a esses depoimentos, observamos sentimentos de incoerência percebidos pelos entrevistados com relação às orientações religiosas por parte de seus familiares, sendo que, para todos eles, embora a família tenha sido a primeira fonte de contato com a religiosidade, esta se mostrou muito incoerente e desestruturada no que se refere às questões religiosas, o que gerou, em todos, sentimentos de desorientação espiritual durante a infância e também na idade adulta.

“# e os meus pais, eles se diziam ser católicos. Mas assim..., dentro da minha casa, eu nunca vi o catolicismo # quando você faz a primeira comunhão, aquilo te dá certa concepção sobre a religião, e por outro lado, seus pais dizem outra coisa para você, coisas que não batem com a religião”. [depoimento de André].

“# meu pai sempre foi um homem muito fiel a Deus, e quando ele passou por um problema de saúde, ele buscou outras religiões, principalmente dentro do espiritismo, ele

recebia passe e aquelas coisas todas #". [depoimento de Maria].

De raiz, a religião era importante..., mas muita coisa não era o mais importante, era uma coisa mais formal. # e aí começa a dar uma confusão #" [depoimento de Fátima].

Neste sentido, André e Fátima procuram, em sua vida adulta, transmitir para seus filhos, um tipo de vivência religiosa, diferente da que tiveram em suas famílias de origem, os entrevistados se mostram muito preocupados em conseguir transmitir para os filhos, uma religiosidade mais estruturada e direcionada. No relato de Fátima, em especial, podemos perceber que esta falta de estrutura religiosa, dentro da família, gerou uma busca particular em direção ao encontro com o transcendente, e segundo seu depoimento, essa busca só ocorreu porque ela não se sentia segura com os ensinamentos religiosos que recebeu dos pais e também na igreja enquanto criança. "*# eu gosto de ficar explicando sobre a missa para eles [os filhos] entenderem o porquê que eles estão lá. Eu gosto de colocar alguns momentos importantes como na hora da consagração, eu me preocupo em fazer com que eles aproveitem mais do que eu aproveitei #*".

O depoimento de Dona Neuza, neste sentido, se fez diferente dos demais. Nele podemos notar uma outra direção para se falar sobre a experiência religiosa. A entrevistada procurou enfatizar seus sentimentos nas diversas etapas de sua vida, no entanto, só veio a falar de sua experiência religiosa ao final da entrevista e, diferente dos outros entrevistados, só teve contato com a religião católica na fase adulta, o que deixou seu depoimento diferenciado no que se refere a estrutura de conteúdo. Pode-se notar que Dona Neuza sentiu necessidade de contar uma parte de sua história de vida, mesmo essa não estando relacionada diretamente com a experiência religiosa, o que nos faz pensar que tal depoimento, diferente dos demais, teve um enfoque mais terapêutico para a entrevistada, pois, ela pode contar sua história e só ao final da entrevista relaciona-la com sua experiência religiosa para então pensar no seu crescimento pessoal. Neste sentido, a entrevista de Dona Neuza se diferenciou das demais entrevistas, no que se refere à organização de idéias para o relato da experiência religiosa.

No que se refere a vida social, podemos perceber que os relatos de André e Maria se assemelham, uma vez que, ambos encontraram na religião um suporte para vida social, ou seja, para o relacionamento com outras pessoas. André encontrou na igreja a namorada que posteriormente veio a se tornar sua esposa e, segundo seu relato, foi importante que ele encontrasse a namorada dentro da igreja, pois, foi somente ao compará-la com outras mulheres, fora da igreja, que André pode perceber a importante que ele dava para mulheres que tinham uma orientação religiosa no seu dia a dia. "*# até o dia em que eu conheci a minha esposa. Ela era # diferente, ela vivia dentro da igreja, e aí eu me apaixonei por ela # eu já*

tinha contato com outras mulheres #”, você percebe nitidamente a sutileza das ações, a sutileza do conversar, de uma pessoa que realmente considera a religião como parte da sua vida, de uma outra, # que usa a religião como rótulo”. (depoimento de André).

No caso de Maria, a igreja também foi o lugar onde ela pode se socializar. Foi somente na igreja que, durante sua infância, ela encontrou crianças para brincar, pois, devido a super-proteção da mãe, ela não tinha permissão para brincar com outras crianças. Aqui, observamos que a experiência religiosa dos participantes estava muito misturada com outros aspectos de sua vida, inclusive o social. No caso de Maria, em especial, podemos observar que a sua religiosidade favoreceu o seu desenvolvimento pessoal, ou seja, um crescimento psicológico (sociabilidade) ocorrendo junto com o desenvolvimento espiritual (participação em atividades da igreja). *“# a gente não tinha muita amizade # fora da família não tinha amigos # eu estudava, mas não fazia educação física por que era de manhã, e de manhã eu trabalhava com minha mãe, e por isso e não tinha contato com as crianças, sabe com amigos? Pessoas da mesma idade? eu não tinha, não podia ir na casa de ninguém, ninguém vinha em casa # e foi na igreja que eu comecei a me envolver com outras pessoas”. (depoimento de Maria)*

Um outro aspecto bastante importante para entendermos o crescimento pessoal dos entrevistados, é a sua prática religiosa. Nos quatro depoimentos, percebe-se a importância de se praticar a religiosidade no dia a dia. Todos os entrevistados enfatizaram que a experiência religiosa não faz sentido sem uma prática religiosa. Para André, tocar bateria na igreja é um meio de se encontrar com Deus, de ter um relacionamento real com o transcendente, ou seja, é uma forma concreta de exercitar sua religiosidade. *“# mas o que me fez ficar mais assim próximo..., passar a acreditar profundamente na presença de Deus na vida, foi quando eu comecei a tocar [instrumento]. Eu sempre quis aprender a tocar bateria, e eu não tinha oportunidade #”. (depoimento de André)*

Para Maria, o encontro com Deus ocorreu através do relacionamento com outras pessoas e, por isso, ela precisou colocar em prática as condutas de vida que aprendeu na igreja para que sua religiosidade fizesse sentido. *“# para mim a fé só tem sentido na vida, no dia a dia, porque se não, não tem sentido #” (depoimento de Maria).*

Fátima pratica sua espiritualidade através de aulas para as crianças da igreja e, desse modo, sente que ao ensinar as crianças sobre religião esta tendo um encontro verdadeiro com Deus. Sua preocupação está em transmitir uma religiosidade coerente e estruturada para as crianças durante a catequese e também para os próprios filhos.

Dona Neuza pratica sua a religiosidade através de orações e, para ela, freqüentar

as missas diariamente e seguir o exemplo de Jesus Cristo é o que torna sua religiosidade mais concreta. “# hoje eu sigo o que Jesus fala: Seja uma nova criatura, perdoe, perdoe sempre#”.

As experiências religiosas dos participantes também se assemelham muito quanto às sensações físicas, entendidas pelos participantes como manifestações concretas da presença de Deus. Todos eles relataram terem sentido, fisicamente, sensações estranhas no corpo durante a experiência da religiosidade. Para todos os entrevistados, essas sensações foram entendidas como uma forma de comunicação com Deus, ou seja, uma forma que Deus encontrou de se manifestar concretamente para eles.

“E ela [a mãe] insistiu para eu tomar o remédio e eu não tomei, e eu creio hoje que eu não falei por mim, eu era criança, ingênua de tudo, e eu não iria falar com tanta firmeza, com tanta convicção, fui muito teimosa! # E eu creio que foi pelas mãos de Maria, eu era só uma criança, não iria conseguir sozinha, foi ela quem falou por mim, ela foi a minha boca. Ela é como uma mãe, que cuida com carinho, dá atenção, sabe o que passa#” [depoimento de Fátima].

“# eu não sei te disser o que, mas eu senti que alguma coisa dentro de mim estava diferente. Era uma força passava dentro do meu corpo, algo que me deixa inquieta, mas o que eu sei é que eu entrei em Fátima de um jeito e sai de outro. E foi aí que começou a minha experiência com Deus, com Jesus e Nossa Senhora #”. [depoimento de Dona Neuza].

“# eu senti uma coisa muito diferente, uma sensação que eu nunca mais senti..., foi como se fosse uma energia dentro de mim, que vinha das pontas dos meus pés e corria por dentro. Sabe aquela sensação de formigamento nos pés e nas mãos? Quando parece que fica adormecido? Era mais ou menos isso, eu não sei te explicar direito, só sentindo para você entender. Eu sentia aquilo no meu corpo inteiro, principalmente no peito, e depois senti meu coração disparar. Eu sei que essa foi uma manifestação física que eu senti naquele momento durante a missa #” [depoimento de Fátima].

Após relatarem suas histórias de vida, os entrevistados procuram relacioná-las com seu desenvolvimento pessoal e, neste sentido, muitos aspectos do crescimento psicológico mostraram-se semelhantes, sendo que, todos enfatizaram a questão da mudança de vida e visão de mundo, como resultado de um crescimento pessoal, ou seja, todos os entrevistados entenderam que suas experiências religiosas trouxeram mudanças de comportamentos e sentimentos, fatores estes que, para esta pesquisa, foram entendidos como crescimento psicológico.

Podemos entender também que, em todos os relatos observa-se uma religiosidade latente, colocada pela família durante a infância. Esta religiosidade um dia foi vivenciada de

forma explícita e, isso colaborou de certa forma, para que os entrevistados tivessem um amadurecimento emocional, ou seja, um desenvolvimento pessoal a partir de mudanças subjetivas e comportamentais.

André relatou que, após ter vivenciado sua religiosidade, o maior crescimento que teve enquanto pessoa foi a mudança de percepção em relação à família e ao trabalho. Na prática, sentiu que seus comportamentos foram se modificando e, isso fazia com que ele se sentisse bem, ou seja, teve uma maior qualidade de vida *“A religião permite um crescimento interior, um crescimento de sentimentos, uma mudança de sentimentos, de se colocar no lugar do outro, de entender um pouco mais a vida, de entender as dificuldades que a vida proporciona, # e também ao mesmo tempo, te dá sabedoria para saber como lidar com as situações. “# eu sinto isso todos os dias!”*.

Maria enfatizou que seu desenvolvimento pessoal ocorreu principalmente no campo do auto-conhecimento, pois, ao entrar em contato com a espiritualidade, ela começou a refletir sobre questões existenciais e sente que sem a religião essas questões, que são muito importantes para ele, ficariam sem respostas. *“# E eu vivi esses dez anos assim..., crescendo enquanto pessoa, conversando comigo # e eu acredito que sozinha eu não teria nem chegado a perceber que eu não sabia quem eu era # foi na oração que eu percebi que eu não sabia quem eu era # na religião eu encontrei a força para agir#’*.

Fátima sente que, seu crescimento pessoal ocorreu através de uma busca pelo transcendente e que sem essa busca, ela não conseguiria enxergar o mundo como enxerga hoje. Sente que sua experiência religiosa lhe proporcionou uma nova maneira de lidar com os problemas cotidianos, e a luz do que compreende hoje, foi somente ao entrar em contato com uma religiosidade que fazia sentido em sua vida, que ela pode transformar seus comportamentos e sentir o mundo de outra maneira. *“# eu acho que essa minha busca pela espiritualidade me trouxe, principalmente, amadurecimento. Porque eu acho que você só se desenvolve se você começa a conhecer, a entrar em contato com as coisas você cresce quando você entende aquilo e tem sentimentos envolvidos. Então, foi nesse momento de busca, de sofrimento, de mudanças que eu acabei crescendo #”*. *“# toda essa minha busca foi necessária # antes eu era uma pessoa mais insegura, ainda sou, mas hoje eu tenho Jesus do meu lado, hoje eu sinto o meu anjo da guarda me dando a mão. Então eu não sou uma pessoa super segura de tudo o que eu faço, eu tenho os meus medos, meus defeitos, mas hoje eu luto, não fujo com tanta facilidade como eu fazia antes, e tudo isso mudou porque eu sinto que tem alguém mais forte lutando ao meu lado, junto comigo # eu diria que eu nasci de novo! Porque hoje eu sou uma outra pessoa e tudo isso por causa das coisas que eu te falei, da minha busca*

e tal #”.

Para Dona Neuza, seu desenvolvimento pessoal ocorreu junto com seu desenvolvimento religioso e, de acordo com sua compreensão, esse desenvolvimento só ocorreu quando ela pode sentir que na religião encontraria apoio para lidar com suas dificuldades emocionais. Nesse sentido, pode-se entender que Dona Neuza cresceu enquanto pessoa à medida que, conseguiu desenvolver um auto-apoio para lidar com questões de sua história de vida, que não estavam resolvidas. “# a gente só cresce enquanto pessoa quando a gente realmente sente que tem algo mais forte nos ajudando a crescer # você pode ter muitas experiências na sua vida que te ensinam a resolver problemas ou a melhor maneira de ganhar dinheiro ou coisas assim, mas nenhuma destas experiências te ajuda a amadurecer os seus sentimentos, nenhuma te ensina a olhar para uma pessoa que te fez sofrer durante uma vida toda com olhos de perdão e compreensão # foi exatamente esse crescimento que a religião me proporcionou. Eu aprendi a sentir o mundo de outra maneira, eu não aprendi a me comportar da maneira mais adequada para ter uma boa consequência por isso, não! Eu aprendi a sentir as pessoas, as situações de outra forma#”.

Através da descrição dos aspectos comuns e não comuns dos depoimentos, penso que, de maneira geral, as análises revelaram que a experiência religiosa dos participantes está relacionada com um desenvolvimento pessoal no sentido de mudanças subjetivas em suas vidas. Neste contexto, podemos pensar que, todos os participantes atribuíram mudanças de sentimentos e comportamentos em relação a diversos aspectos de suas vidas à experiência religiosa que tiveram. Esse assunto será mais refletido na parte “discussão do trabalho”.

DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Este estudo teve como objetivo compreender fenomenologicamente, a experiência religiosa de católicos em sua relação com o desenvolvimento pessoal, ou seja, compreender em que sentido as experiências religiosas, relatadas pelos entrevistados, lhes proporcionou crescimento psicológico.

Por se tratar de uma pesquisa fenomenológica qualitativa, procurei focar a experiência religiosa dos colaboradores através de suas vivências primeiras, ou seja, procurei ir além da descrição material das experiências, aproximando-me o máximo possível da vivência dos sujeitos.

Para enriquecer esta discussão, é importante aprofundar e confrontar alguns pontos de relevância da análise dos depoimentos com afirmações e teorias de outros estudiosos deste assunto.

Amatuzzi (1998a) descreve seu conceito de experiência como sendo um conhecimento adquirido no dia a dia, na prática cotidiana, no lidar concretamente com os objetos, e não através dos livros ou do exercício da razão.

Valle (1998) entende que, a palavra experiência esta relacionada à percepção empírica e imediata das coisas, das pessoas, do mundo, de Deus ou do sagrado. A experiência religiosa seria um conhecimento diferente que nos toca diretamente e que atinge o mais fundo do nosso ser.

Neste contexto, se a palavra experiência, de maneira geral, é entendida como um conhecimento obtido na prática e não nos livros, que atinge o indivíduo no seu centro mais profundo e o leva a estabelecer relações com aquilo que o toca, o que pensar então de uma experiência bem específica: a experiência religiosa? Podemos pensar também em que sentido essa experiência específica pode contribuir para um desenvolvimento psicológico.

Foram estas as questões que deram início a este estudo e, para discuti-las procurei analisar cada depoimento não apenas como um relato verbal, mas como a manifestação das vivências de um sujeito que, ao falar, relata uma totalidade dinâmica e única.

Experiência Religiosa

Amatuzzi (2001) em seu trabalho: “Esboço de teoria do desenvolvimento religioso”, traz importantes contribuições quanto a alguns conceitos dentro da Psicologia da

Religião. Dentre eles, destaca-se, para este estudo, o conceito de experiência religiosa que, segundo o autor, vem a ser a experiência da pessoa no campo das indagações pelo sentido último. O autor explica que cada um pode ter uma história a contar quanto a isso, no entanto, para alguns, nessa história ocorreram experiências religiosas num sentido mais específico. Trata-se de acontecimentos marcantes ou transformadores no campo religioso, que foram assumidos com esse significado, ou seja, relacionados com o sentido último. Nessa acepção mais específica, uma determinada experiência religiosa corresponde à vivência de um encontro pessoal com outra dimensão da realidade de onde decorre a compreensão mais radical de todas as coisas, e que é, em geral, referida a um pólo transcendente do sentido, denominado Deus.

Foi nesse sentido de experiência religiosa, descrito por AmatuZZi, que se baseou o presente estudo. Nos quatro depoimentos, observamos que a relação entre experiência religiosa e crescimento pessoal é abordada a propósito de acontecimentos concretos, vivenciados no campo religioso e, compreendidos pelos participantes como um encontro com o transcendente.

É interessante observar que envolvendo o divino, o transcendente ou o mais profundo do Eu, a experiência religiosa aparece como algo que ultrapassa o plano das idéias, sendo difícil para os sujeitos descrevê-la tal e qual como foram vivenciadas. Por ir além do plano das idéias, usar apenas a linguagem verbal ou escrita para transmiti-la, é como reduzi-la a um contexto empobrecido de significado. Dessa forma, não podemos atribuir à experiência religiosa um caráter passivo ou uma relação mágica de causa e efeito na qual, por acaso, o sujeito vivencia algo diferente, novo e de repente não é mais o mesmo. A respeito desse caráter dinâmico, Meslin (1992) revela que a experiência religiosa é procurada pelo homem e se concretiza a partir da imitação voluntária de um modelo.

AmatuZZi (1997) procura explicar alguns conceitos de Martin Buber sobre a religiosidade humana e diz o seguinte: “*A experiência religiosa pode, em primeiro lugar, ser entendida como inquietação religiosa. Esta é a experiência das dimensões do vazio que nos habita, seja ele aceito como mola propulsora de uma busca que não sabemos onde vai dar, seja ele negado por um raciocínio simples, de que se trata no fundo de uma sensação ilusória decorrente basicamente de nossa própria capacidade de pensamento abstrato*” (p.32). Sobre essa inquietação religiosa, observamos que o depoimento de Fátima revela bem o conceito do autor citado a cima, uma vez que, foi para encontrar respostas para essa inquietação espiritual que a participante iniciou sua busca religiosa, ou seja, foi por uma inquietação subjetiva de ordem religiosa, que Fátima deu início a sua vivência espiritual.

Neste mesmo artigo, AmatuZZi (1997) faz uma lista com doze pontos que lhe pareciam ser um pensamento de estilo buberiano sobre a experiência religiosa e dentre eles, gostaria de destacar dois que corroboram com os depoimentos colhidos neste estudo. Primeiro o autor diz que existem qualidades características da experiência religiosa e que, uma delas é a qualidade abrumadora desta experiência, isto é, ela é uma experiência que faz o sujeito vivenciar uma realidade totalmente diferente do cotidiano, da qual resulta também um olhar totalmente diferente sobre si mesmo ou sobre o significado da própria vida. Esta questão aparece em todos os depoimentos colhidos e é o foco deste estudo, pois, foi ao vivenciar a sua religiosidade no dia a dia que os participantes modificaram seus olhares sobre si mesmo e sobre suas vidas de maneira geral. “*Diante da grandeza do experienciado, os participantes se sentiram como nublados, infinitamente pequenos e entregues*” (AmatuZZi, 1997 p.33). Podemos entender que os participantes, nesse sentido, se sentiram entregues ao transcendente e a conseqüente sensação de mudança interior que a experiência religiosa lhes proporcionou.

O segundo ponto colocado por AmatuZZi (1997) é que: “*a experiência religiosa tem uma repercussão direta na vida da pessoa. Ela é tal que transforma ou modifica a vida*” (p. 35). Esta colocação vem explicar o sentido de mudança subjetiva relatado pelos sujeitos deste estudo, ou seja, as transformações internas, vivenciadas por eles foram tão significativas que a conseqüência desta foi um crescimento pessoal no sentido de mudança de visão de mundo com a conseqüente modificação de suas ações cotidianas. “*A experiência religiosa abre a pessoa para um mundo inteiramente novo e diferente do cotidiano, do qual só é possível dar conta a partir de dentro dele mesmo* (AmatuZZi 1997 p.37)”. Essa colocação de AmatuZZi vem explicar esse sentido de mudanças subjetivas relatadas pelos participantes, ou seja, a experiência religiosa proporcionou a eles uma mudança de visão de mundo que só pode ser compreendida a partir de dentro da própria vivência da pessoa (diretamente ou por compreensão empática).

Analisando os depoimentos nesta perspectiva, verificamos que os quatro sujeitos abordam a experiência religiosa como algo procurado, uma experiência que exige investimento pessoal, pois, implica em busca e continuidade. Portanto, não aparece como uma prova sofrida pelo sujeito e, revela também a imitação voluntária de um modelo. Esta questão fica bastante evidente no depoimento de Fátima, no qual, a participante relata que em momentos difíceis de sua vida, ela deixa de pensar por si mesma e procura pensar o que Jesus faria para resolver seu problema.

Religiosidade e Crescimento Pessoal

Para AmatuZZi (1997), o senso religioso ou religiosidade latente seria aquilo que em nós, seres humanos concretos e históricos, está na base das questões de sentido que colocamos enquanto questões que podem ser radicalizadas até à ultimidade do sentido.

Isso foi verificado no presente estudo ao observarmos que em todos os depoimentos, encontramos uma religiosidade latente, anterior às experiências religiosas relatadas pelos sujeitos. Esta religiosidade latente um dia foi vivenciada de forma explícita e isso colaborou de certa forma, para que os entrevistados tivessem um amadurecimento emocional, ou seja, um desenvolvimento pessoal a partir de mudanças subjetivas que trouxeram como consequência mudanças comportamentais.

Para André, a principal mudança ocorreu em relação à maneira dele enxergar a família e o trabalho. Segundo seu relato, foi somente após um contato mais íntimo com o transcendente que ele passou a ter mais paciência com os filhos e a sentir a esposa de maneira mais afetiva. Em seu trabalho, passou a se colocar no lugar de seus funcionários (empatia) e a estabelecer uma relação mais humana com os mesmos.

Para Maria, a experiência religiosa lhe ajudou a sentir-se mais segura em suas ações. Seu depoimento mostra que, a crença em Deus a fortalece e a auxilia a tomar decisões difíceis, além de ajudá-la a refletir sobre suas questões existenciais.

Para Fátima, vivenciar a religiosidade lhe proporcionou uma sensação de paz, de encontro com uma espiritualidade que sempre procurou, mas não havia encontrado até então. Essa sensação de encontro com Deus dentro do catolicismo fez com que ela sentisse as pessoas a sua volta de maneira mais amorosa.

Para Dona Neuza, a experiência religiosa proporcionou a oportunidade de viver uma vida sem mágoas e ressentimentos do passado. A consequência dessa experiência foi, principalmente, um novo olhar em relação a seu marido e uma nova maneira de lidar com seus problemas cotidianos.

AmatuZZi (2001) supõe ainda que, se formos fiéis ao movimento de indagação pelo sentido, deixando-nos conduzir pela busca que ele contém, acabaremos formulando a pergunta pelo sentido último, mais radical. O senso religioso acaba se concretizando assim, e a forma como isso acontece varia de pessoa para pessoa. Algumas pessoas podem ir desde o assumir de uma religião já sistematizada externamente até uma tomada de posição a-religiosa ou atéia, passando por formas mais exclusivamente pessoais ou individuais de vivência de espiritualidade. Neste sentido, podemos pensar que a busca pelo transcendente relatada por

Maria, foi uma busca por respostas de sentido ultimo em relação á sua existência, ou seja, Maria foi fiel ao movimento de indagação pelo sentido, deixando-se conduzir pela busca que ele contém, e com isso acabou formulando a pergunta pelo sentido ultimo “# foi na oração que eu percebi que eu não sabia quem eu era # eu disse para o padre: ‘padre, eu não sei quem eu sou! # e eu acredito que sozinha eu não teria nem chegado a perceber que eu não sabia quem eu era #”. Maria só veio a encontrar as respostas para suas questões dentro do catolicismo, e foi por esse motivo que ela permaneceu adepta a essa religião, ou seja, foi porque o catolicismo respondeu a suas questões existenciais que Maria o adotou como sua religião de escolha.

Para reforçar a compreensão de mudanças subjetivas relatadas pelos participantes, cito Catalan (1999). Este autor ressalta que uma experiência religiosa autêntica, tende a ser transformadora. Esta experiência poderia ser entendida como uma conversão que não tem nada de mágico e que possibilita ao indivíduo um voltar-se para Deus e um desviar-se de tudo o que possa interferir negativamente nessa relação.

Destaco ainda que, tanto como uma experiência inesperada (como no caso de Dona Neuza) com elementos de revelação ou como uma experiência trabalhada (como no caso de Fátima e André), os depoimentos confirmam os benefícios decorrentes da experiência religiosa, propostos por Argyle (1990), ou seja, a presença de um bem-estar subjetivo e uma sensação de significado interior. Neste sentido, fica evidente que a experiência religiosa possibilitou aos sujeitos uma mudança muito mais existencial do que meramente cognitiva. É o que Denne e Thompson (1991), denominam de experiência de transição de uma falta de sentido e propósito na vida para uma vida com significado e propósito. Essa transição acarreta assumir maiores responsabilidades por si mesmo, por uma vida ativa e autoconfiante; acarreta também maior conscientização de aspectos da experiência, decisões marcantes, e progresso em direção a uma relação mais equilibrada consigo mesmo e com mundo.

Psicologia e Experiência Religiosa

Vergote (2001) em seu texto: ‘Necessidade e desejo da religião na ótica da Psicologia’, levanta a questão: *é a religião necessária psicologicamente?* (p.15). Este mesmo autor explica que essa questão, até alguns anos atrás, não tinha sentido e não era aventada, mesmo havendo pessoas que zombassem da religião. Vergote diz também que, quando a *“Psicologia coloca a questão de saber se a religião é necessária, então a palavra*

‘necessário’, nesse contexto, está relacionada ao bom funcionamento psicológico do homem” (p.15).

Para este mesmo autor, a religião seria importante segundo dois pontos de vista diferentes: primeiro do ponto de vista da Psicologia Social e segundo do ponto de vista da Psicologia Clínica.

No que se refere ao ponto de vista social, podemos entender que a religião se faz necessária, uma vez que, ajuda a controlar alguns comportamentos que são socialmente inadequados, tais como: adultério, criminalidade, entre outros. Neste sentido, a religião atua como uma auxiliadora nas questões morais, o que com certeza é muito importante para se viver em sociedade.

Nos depoimentos analisados para esta pesquisa, podemos encontrar dados que corroboram com o ponto de vista de Vergote. André relatou que a religião o ajuda a manter-se fiel à sua esposa e família mesmo num ambiente que proporciona dificuldades para isso. Segundo seu relato, é na religião que ele encontra motivação para manter uma conduta socialmente adequada.

No que se refere à Psicologia clínica, Vergote explica que ainda existe muita divergência quando a questão religiosidade se faz presente. Para alguns autores, a religião é prejudicial à saúde mental, uma vez que, esta está relacionada a psicopatologias. Como argumentos, alguns autores citam a questão dos delírios religiosos, a culpabilização da sexualidade e as neuroses coletivas de culpa que dela resultam, o encorajamento de experiências suspeitas e perigosas como visões e aparições. Com opiniões opostas, encontramos autores que defendem a religião e a considera importante do ponto de vista psicológico. Vergote (2001) afirma também que a fragmentação de aspectos socialmente importantes para o homem, tais como: família, economia, ciência, entre outros, é desumanizadora e, nesse sentido, produz doenças psíquicas, como a depressão. Não se pode curar psicologicamente esses estados sem se dar um sentido a vida. É preciso também restaurar o homem em sua unidade e apoiar a terapia numa visão global do homem e, nisso, a religião tem muito a oferecer. O depoimento de Dona Neuza vem confirmar as afirmações acima, pois, segundo ela, foi somente quando encontrou sentido para sua vida dentro da religião católica que ela pode curar suas mágoas de uma vida, até então, cheia de tristezas e más recordações.

Relação com outra pesquisa da área

Os resultados desta pesquisa corroboram com o estudo de Linares (2001) quanto ao significado de mudança interior que a experiência religiosa provoca na vida das pessoas. Apesar de a citada autora ter estudado o significado da experiência religiosa em pessoas de diferentes denominações religiosas, ela encontrou resultados semelhantes a este estudo (que enfatizou somente a experiência religiosa de católicos) no que diz respeito aos benefícios que a experiência religiosa trás para a vida das pessoas, ou seja, em sua pesquisa, Linares observou que não importa qual a denominação religiosa que a pessoa pertença, pois, o significado subjetivo que a experiência religiosa trás, é o mesmo.

Concluindo

É importante ressaltar que os resultados dessa pesquisa não sugerem uma relação simples e direta entre experiência religiosa e transformação existencial, nem apontam, exclusivamente, para uma relação geral e positiva entre experiência religiosa e comportamento saudável. O que podemos concluir deste estudo é que a experiência religiosa dos participantes contribuiu para uma mudança subjetiva com conseqüente modificação de comportamentos. Tais mudanças podem ser entendidas como uma faceta do crescimento pessoal. Podemos afirmar com segurança que a vivência religiosa proporcionou uma melhora na qualidade de vida dos participantes na medida em que estes modificaram suas maneiras de enxergar e compreender o mundo a sua volta. Concordo com Hill e Butter (1995) quando dizem que *tanto a experiência religiosa como a prática do comportamento saudável são entidades de multi-facetas, cada uma envolvendo, uma variedade de crenças, valores, atitudes e comportamentos* (p.141).

Termino esta conclusão destacando que, a legitimação da experiência religiosa como uma variável de pesquisa nos revela que desprezar a centralidade e a importância dessa variável na vida humana, seria negligenciar uma faceta da nossa própria existência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo mostrou que a experiência religiosa dos participantes está relacionada com o desenvolvimento pessoal. Esta relação ocorre num sentido de mudanças subjetivas, particulares e singulares que trouxeram como consequência, mudanças no comportamento dos participantes, os quais relataram sentir uma melhora na qualidade de vida. Dessa maneira, podemos entender que a experiência religiosa proporcionou, para estes sujeitos, crescimento pessoal.

A pesquisa fenomenológica da experiência religiosa é um esforço de retorno à experiência básica para além de suas sistematizações. É um esforço de dizer sempre de novo a pureza original dessa experiência e seus desdobramentos. Neste sentido, vale a pena reforçar a grande importância de continuação dos estudos dentro desta área para que se possa conhecer melhor este valioso aspecto da dimensão humana: o religioso.

Neste sentido, considero que é dever da Psicologia, enquanto ciência que se preocupa com as dimensões psíquicas do homem, compreender as questões de ordem religiosa e auxiliar o homem em suas questões de sentido último.

Considero importante também destacar que, este estudo contou com número pequeno de participantes e, sendo assim, outros aspectos podem ser enriquecidos com novas pesquisas de aprofundamento do tema. Além disso, temos que levar em conta que para esta pesquisa, todos os sujeitos estavam envolvidos seriamente com uma prática religiosa, ficando abertas as questões: será que se os sujeitos fossem escolhidos aleatoriamente, independente de estarem ou não, envolvidos com a religião católica, o resultado seria o mesmo? Será que existiria semelhança de resultados se essa pesquisa fosse realizada com participantes de outras religiões cristãs e não cristãs. Será que as experiências religiosas relatadas pelos sujeitos poderiam ao invés de contribuírem para um crescimento pessoal estarem contribuindo para uma alienação da realidade que os cerca, ou seja, as mudanças subjetivas relatadas pelos

participantes estarem servindo como um tipo de defesa para não entrarem em contato com uma realidade dura e de difícil acesso? Podemos pensar ainda que a religiosidade foi somente um meio para que os sujeitos obtivesse crescimento pessoal e que poderia haver outros caminhos que os levassem a ter esse mesmo crescimento sem, no entanto, estar relacionado com um experiência religiosa?

Diante dessas questões, penso se não haveria alguma maneira de explorarmos a profundidade de reflexões psicológicas desses sujeitos a respeito de suas experiências religiosas? Ou seja, seria possível que a Psicologia promovesse um tipo de acompanhamento reflexivo no sentido de um aprofundamento psicológico do alcance da experiência religiosa?

Acredito que pesquisas sistemáticas envolvendo essas questões possam contribuir, e muito para que as questões levantadas neste primeiro trabalho sejam aprofundadas, pois cada vez mais, me convenço de que a dimensão espiritual faz parte da natureza humana, da mesma forma que a física e a psíquica e, como tal, necessita igualmente ser investigada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Amatuzzi, M.M. (1996). Apontamentos acerca da pesquisa fenomenológica. **Estudos de Psicologia PUC-Campinas**, 13(1): 5-10.
- Amatuzzi, M.M. (1997). A experiência religiosa: uma pesquisa em andamento. **A psicologia e o Senso Religioso: Anais do Seminário**. Ribeirão Preto-SP.
- Amatuzzi, M.M. (1998a). Experiência Religiosa: busca de uma definição. **Estudos de Psicologia PUC-Campinas**, 15 (1): 49-65.
- Amatuzzi, M.M. (1998b). A Experiência religiosa: estudando depoimentos. **Estudos de Psicologia**, Campinas, 17 (1): 15-30.
- Amatuzzi, M.M. (1999). Abordagem fenomenológica no atendimento psicoterápico. **Psicologia em estudo**, 4 (1): 67-81.
- Amatuzzi, M.M. (2001). Esboço de teoria do desenvolvimento religioso. Em: Paiva, G.J. (org). **Entre a necessidade e Desejo: diálogos da Psicologia com a Religião**. (pp. 25-51). São Paulo: Ed Loyola.
- Amatuzzi, M.M. (2003). Pesquisa Fenomenológica em Psicologia. Em: M.A.T. Bruns & A. F. Holanda (Orgs). **Psicologia e Pesquisa Fenomenológica: reflexões e perspectivas**. (pp. 19-25) São Paulo: Ed Alínea.
- Argyle, M. (1990). The psychological explanation of religious experience. **Psyke and Logos**, 11(2): 267-274.
- Auhagen, A.E. (2000). On the psychology of meaning of life. **Swiss Journal of psychology**. v.59 (1), 34-48.
- Benkö, A. (1981). **Psicologia da religião**. São Paulo: Ed. Loyola.
- Bíblia de Jerusalém (2003). Coordenação da tradução: Gilberto da Silva Gorgulho, Ivo Storniolo, e Ana Flora Anderson. São Paulo: Paulus. (Original das notas e introduções em francês, 1998)
- Brantl, G. (1964). **Catolicismo** (A. Cabral, Trad) Rio de Janeiro: Zahar editores. (original

publicado em 1961).

Bowker, J. (2000). **Para entender as Religiões**. São Paulo: Editora Ática.

Catalan, J.F. (1999). **O homem e a sua religião: enfoque psicológico**. Trad. Magno José Vilela. São Paulo: Paulinas.

Catecismo da Igreja Católica. (1993). Petrópolis: Ed Vozes.

Comstock, G.W., & Partridge, K.P.(1972). Church attendance and health. **Jornal of Chronic Disease**, 25.

Croatto, J.S. (2001). **As linguagens da experiência religiosa: uma introdução à fenomenologia da religião**. São Paulo: Ed. Paulinas.

Dencker, A.F.M. (2001). **Pesquisa empírica em ciências humanas (como ênfase em comunicação)**. São Paulo: Futura.

Denne, J.M., & Thompson, N.L. (1991). The experience of transition to meaning and purpose in life. **Journal of Phenomenological Psychology**, 22 (2), p.109-133.

Mackenzie, L.J. (1983). **Dicionário bíblico**.(Cunha. A., e outros Trad). São Paulo: Paulinas.

Martinez, M.M. (1994). **Comportamiento humano: nuevos métodos de investigación..** Mexico:Trillas.

Frankl, V.E. (2002). **Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração**. Petrópolis: Ed. Vozes.

Frankl, V.E. (2003). **A presença ignorada de Deus**. Petrópolis: Ed. Vozes.

Forghieri, Y.C.(1993). **Psicologia Fenomenológica: fundamentos, método e pesquisas**. São Paulo: Ed. Pioneira.

Fowler, J. (1980). **Stage six and the kingdom of God**. **Religion Education**, 75 (3), p 231-248.

Gaarder, J., Notaker, H., & Hellern, V. (2001). **O livro das religiões**. São Paulo: Ed Cia das letras.

Giovanetti, J.P. (1999). O Sagrado e a Experiência Religiosa na psicoterapia. Em: Mahfoud, M.; Massimi, M. (Orgs). **Diante do mistério: psicologia e senso religioso**. São Paulo, Ed. Loyola. P87-96.

Goldstein, L.L. (1993). Desenvolvimento do adulto e religiosidade: uma questão de fé. Em: Néri, A. L (Org), **Qualidade de vida e idade madura**. (pp 83-108). Campinas-SP: Ed Papyrus..

González Rey, F.L. (2002). **Pesquisa qualitativa em psicologia**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning.

Kohlberg, L., & Power, C.(1981). **Moral development, religious thinking, and the question of a seventh stage**. Em: Kohlber, L. Essays in moral development, vol I. San Francisco: Harper & Row.

Küng, H. (2004). **Religiões do mundo: em busca dos pontos comuns**. Campinas-SP: Ed Versus.

Hill, P.C., & Butter, E.M. (1995). The role of religion in promoting physical health. **Journal of Psychology and Christianity**, 14 (2) 141-155.

Linares, R. (2001). **O significado da experiência religiosa na vida das pessoas**. Dissertação de Mestrado, PUC-Campinas, Campinas.

Monteiro, A.C. (2003). **Sentido da vida para mulheres jovens adultas: um estudo psicológico qualitativo**.Dissertação de Mestrado, PUC-Campinas, Campinas.

Meslin, M. (1992). **A experiência humana do divino: fundamentos de uma antropologia religiosa**. Petrópolis- RJ: Vozes.

Otto, R. (1981). O sagrado. Em: **Psicologia da Religião**. São Paulo: Ed. Loyola.

Paiva, G.J. (1989). Algumas relações entre Psicologia e Religião. **Psicologia-USP**, 1 (1), 25-33.

Richardson, R.J. (1999). **Pesquisa social: métodos e técnicas**. São Paulo: Ed Atlas.

Rogers, C.R. (2001). **Tornar-se Pessoa** (M.J.C. Ferreira.,& A. Lamparelli. Trad). São Paulo: Ed. Martins Fontes. (original publicado em 1961).

Valle, E. (1998). **Experiência religiosa: enfoque psicológico**. São Paulo: Ed. Loyola.

Vaz, H.C.L. (1986). A experiência de Deus. Em: **Escritos de Filosofia I**. São Paulo-SP: Ed Loyola.

Vergote, A. (2001). Necessidade e desejo da religião na ótica da psicologia. Em: Paiva, G. J (Org). **Entre a necessidade e o desejo: diálogos da Psicologia com a Religião**. (pp. 09-24). São Paulo: Ed Loyola.

ANEXOS

ANEXO I

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu _____ nacionalidade _____, estado civil _____, portador do RG _____ Residente à Rua _____ nº _____ na cidade de _____, através do presente instrumento autorizo a realização e gravação de entrevista pela Psicóloga Thais de Assis Antunes CRP 06/73769, para fins exclusivos de pesquisa. Estou ciente de que esta pesquisa pode contribuir para um maior conhecimento na área da Psicologia da Religião, especialmente para profissionais que trabalham com pessoas religiosas. O estudo tem como objetivo compreender a experiência religiosa de católicos na sua relação com o desenvolvimento pessoal. Estou ciente também de que o presente estudo não oferece riscos para seus participantes. Poderei, sempre que quiser entrar em contato com a pesquisadora para maiores esclarecimentos, pelo telefone (19) 97209589.

Campinas, _____ de _____ 200_

Assinatura da pesquisadora

Assinatura do participante

ANEXO III

TABELA DE PONTUAÇÃO ESCRITA

Linguagem oral	Código utilizado
Pausa breve	...
Pausa longa
Silêncio	(silêncio)
Palavras do entrevistado	Itálico
Palavras da entrevistadora	<i>Times new roman</i>
Explicações da entrevistadora	[]
Frases interrompidas	#

Anexo IV

1ª. Entrevista: André.

T: Thais (Entrevistadora)

A: André (entrevistado)

T: A. eu estou fazendo um trabalho sobre Psicologia e religião. Gostaria que você me contasse um pouco sobre a sua experiência religiosa, enfocando como se deu esse processo, como que você começou a vivenciar a sua vida religiosa, desde a sua infância, com seus pais, sua família. O que você entende por experiência religiosa e se você acha que a sua experiência religiosa te trouxe crescimento pessoal e em que sentido.

A: Olha ..., a questão religiosa, na minha opinião, ela nasce dentro da sua casa, de uma forma ou de outra. Os pais..., de maneira geral, tentam posicionar para o filho alguma coisa no sentido religioso. O que difere de uma família para outra, é que cada pai passa uma coisa. E os meus pais..., assim como muitos pais, não eram..., eles se diziam ser católicos, porém iam a centros espíritas, freqüentavam outras igrejas, mas assim..., eram católicos! Colocaram-me na primeira comunhão, primeira eucaristia, essa coisa toda normalmente. Mas assim..., dentro da minha casa, eu nunca vi o catolicismo..., eles diziam que eram [católicos] como todo mundo diz hoje, quando alguém pergunta qual é a religião e a pessoa não tem nenhuma, ai ela diz que é católica.

T: É mais ou menos como um rótulo?

A: É..., quando a pessoa não faz nada, ela diz que é católica. Meus pais, no entanto, nunca se confessaram, nunca participaram de uma missa, e faziam coisas..., digamos assim..., que não são permitidas pela igreja católica.

Muito bem..., eu cresci e sempre fui muito influenciado pelos meus pais, e como éramos três irmãos, nós sempre ouvíamos assim: que o homem precisa se divertir..., e se divertir pra eles é namorar uma hoje, namorar uma outra amanhã. O homem tinha que casar bem mais tarde, tinha que aproveitar a vida, vamos dizer assim. E ai começa a dar uma confusão, porque quando você faz a primeira comunhão, aquilo te dá certa concepção sobre a religião, e por outro lado, seus pais dizem outra coisa para você, coisas que não batem com a religião e ai você começa a perceber que a vida, que a vida religiosa não é bem aquilo..., você começa

aperceber isso... Que os seus pais, que os meus pais no caso, não queriam passar isso pra mim.

Bom...., como eu era muito influenciado pelos pais, eu namorava..., trocava de namorada como se trocava de camisa, se uma namorada terminasse comigo, aquilo não me afetava em nada. Por quê? Por causa da influência dos meus pais.

Muito bem, até o dia em que eu conheci a minha esposa. Ela era um pouco diferente, ela vivia dentro da igreja, e aí eu me apaixonei por ela, e com aquela ânsia de conquista-la, eu passei a freqüentar os locais que ela freqüentava, e aos poucos..., com isso, eu fui me interessando pelas atividades. Ela dava aulas de catequese, participava de grupo de jovens, tinha determinados compromissos religiosos que eu passei a admirar. E isso foi me levando assim como um hábito religioso. Comecei a valorizar a mulher que se guarda para uma pessoa, sabe...? eu achei aquilo incrível! A minha mulher casou virgem, para você ter uma idéia! E aí as suas ações são diferentes, porque como eu já tinha contato com outras mulheres..., você percebe nitidamente a sutileza das ações, a sutileza do conversar, de uma pessoa que realmente considera a religião como parte da sua vida, de uma outra, que como você mesmo disse..., usa a religião como rótulo.

Bom....., e isso foi me envolvendo. E eu fui indo, né? Casamos..., nos afastamos de religião, voltamos [para a igreja]..., quer dizer..., tudo isso é normal! As vezes você não concorda com certas coisas, principalmente quando começa a conviver em comunidades. Aí você diz que não aceita isso e que vai sair. Beleza! só que você precisa se explicar [explicar porque vai sair da comunidade]..., é assim na comunidade e na sua casa, lá tem pessoas de todo jeito.

Muito bem...., casamos, tivemos filhos. Nós nos casamos muito cedo, eu tinha 21 anos e ela 20. Os problemas começaram a aparecer, as dificuldades não são mais aquelas de solteiro, são outras.

Muito bem...., isso é um pouco assim..., da minha adolescência. Agora eu vou falar um pouco sobre depois do casamento. A minha mulher, principalmente, ela é uma mulher que mesmo estando afastada da igreja..., [ela continua atuando com se estivesse dentro da igreja]. O fato de ela ter certa percepção [em relação as coisas da igreja] diferente de como lidar com as situações, e aí entra a influência da religião, de acreditar naquilo que o catolicismo prega, sabe? Detectar aquilo que o catolicismo prega..., detectar que algumas coisas..., ela sabia conduzir muito bem..., os problemas..., essas coisas todas.

Até o tempo em que nós nos mudamos pra cá , pra Campinas, e eu tive uma mudança de status muito grande, muito rápido. Com 28 anos eu era gerente, passei ter um trabalho

melhor, ganhava mais..., e isso tudo mexeu muito com a minha cabeça, até o ponto que..., eu passei não ligar muito pra religião. Sabe..., eu não tinha tempo..., comecei a fazer vários questionamentos..., meus filhos quando eram pequenos tinham muito problema de bronquite. E diante dos problemas eu passei a jogar os problemas para Deus e pensava: “Será que Deus gosta disso? Porque Deus deixa acontecer isso? E era aquela coisa assim..., desafiando mesmo, né? E aí..., foi uma época muito dolorosa..., comecei ter dificuldades no casamento, viajava muito..., questionava Deus..., ganhava bem, mas vivia sempre apertado..., não sabia economizar, as prioridades passaram a serem outras, muito mais uma prioridade material do que qualquer outra coisa. Até o ponto em que..., a gente começou a freqüentar grupos de casais, essa coisa toda..., mas o que me fez ficar mais assim próximo..., não vamos falar de religião..., mas assim..., passar a acreditar profundamente na presença de Deus na vida, foi quando eu comecei a tocar [instrumento]. Eu sempre quis aprender a tocar bateria, e eu não tinha oportunidade..., ai um dia eu falei: vou aprender a tocar bateria! Ai eu fui na igreja, vi que tinha uma bateria lá, e pensei: eu vou tocar essa bateria! Comecei a fazer aula. Quem me dava aula era uma pessoa de dentro da igreja, da própria comunidade que eu pertencço. E aquilo ali então começou a fazer parte da minha vida. Meus filhos passaram a aprender música também, e hoje somos músicos católicos!

T: Bom..., então deixa eu ver se entendi direito..., na verdade o ápice da sua experiência religiosa aconteceu junto com essa vontade de aprende música, então como se uma coisa fosse levando a outra.

A: Exatamente! Na realidade..., na vida da gente as coisas acontecem assim, de forma muito ocasional, né!, Você não esta esperando uma coisa e derepente aquilo acontece. Então..., a partir do momento que eu me desliguei de coisas materiais, que essas coisas não iriam mais fazer parte da minha vida..., não é que não iriam mais fazer parte..., é que eu não iria mais dar tanta importância, as coisas começam a mudar na minha vida. Você começa a se desapegar um pouco das coisas. E juntando isso a essa vontade de aprender e também as oportunidades que vão aparecendo na sua vida, e a oportunidade de estar perto de pessoas que te transmitem segurança em relação aos aspectos religiosos...,é isso que começa a motivar você cada vez mais a se dedicar a uma vida religiosa. Por exemplo, se você começa a se aproximar de mais pessoas..., de pessoas que realmente praticam, que se identificam com uma determinada religião, como no meu caso o catolicismo..., a tendência é você também começar a pensar, a acreditar em certas coisas. Você é mundo em que você vive! Você é o

seu mundo, você vive ali e vai ser como aquelas pessoas. Mesmo que você não queira ser daquela forma, você acaba que agindo mesmo que sem perceber iguais aquelas pessoas que estão no seu meio.

T: E assim..., o que mudou na sua vida?..., Porque você falou que teve vários processos, né? E eu percebi que foi a partir da música que você foi se aproximando mais, e foi ficando em comunidade e assim se aproximando mais da religião. E o que mudou na sua vida? No seu dia a dia, no seu cotidiano? Na sua cabeça? Como que ficou a sua vida? Teve alguma mudança perceptível?

A: *Muito..., a começar pela falta da paciência [ele tinha falta de paciência antes]..., depois você começa a ficar mais paciente, a aceitar um pouco mais as coisas. Por exemplo, eu era aquele tipo de pessoa que se na hora que eu chegasse em casa, as coisas estivessem desarrumadas, eu ficava louco! Na hora que meus filhos ouviam o barulho do carro, eles saiam desesperados para arrumar os quartos.*

Então veja bem!, Olha a minha influência na cabeça dos meus filhos. Porque nada podia estar fora do lugar. Então eu os levava a perderem certo tempo com coisas bobas. O que é que tem de mais o seu computador estar desarrumado? O que tem demais a sua cama estar desarrumada? Você não arrumou a sua cama hoje, e daí? Isso vai fazer mal a quem? Sabe como é? Então esse tipo de coisa mudou, e também o meu relacionamento com a minha mulher, eu passei a enxergá-la não somente como uma esposa, mas como uma coisa muito mais pura. Hoje eu sei que do lado da minha mulher eu vou ver estrias, que ela vai engordar porque teve filhos. Então o gosto é diferente! Tem aquilo que muitos falam né? O casamento começa a virar uma rotina! Até isso muda! O casamento não é uma rotina, porque você começa a ver a sua família diferente, o gosto pela sua esposa, pelos seus filhos, isso muda totalmente, e o mais importante é o desapego, você se desliga totalmente de dinheiro, de coisa materiais, de pessoas, porque às vezes a gente também se apega as pessoas e isso não é bom.

A religião te dá possibilidade, agora isso tudo tem que ter um equilíbrio sabe? Para você não radicalizar, para você não se fechar muito, porque quando você trabalha você vive no meio de um monte de pessoas, e você precisa saber conduzir isso e até entender cada pessoa. Mas eu te digo que o salto maior que eu tive foi o desapego. Passei a servir mais (a Deus), dedicar tempo da minha vida, de colocar na agenda..., e dizer: esse horário aqui, eu vou me dedicar a

Deus.

T: E esse tempo seria o que? Seriam os rituais? Ir à missa, ou ir ao grupo de oração? O que seria esse tempo?

A: Para mim..., não estou dizendo que na igreja católica é assim! Para eu, dedicar a Deus é servir a Deus. Como é que eu vou servir a Deus? Não é dentro de uma igreja, ir à igreja, a um grupo de oração, é muito mais para você fortalecer aquilo que as pessoas chamam de fé, essa coisa toda, comungar, essa coisa toda. Mas assim, servir a Deus é dedicar tempo para servir o próximo, tocar para Deus..., resolver uma situação que não está resolvida, ajudando uma pessoa. Então é isso..., é dedicar tempo para você servir a Deus, e servir à Deus é servir ao próximo, é nessa linha. Você pode ir à igreja todo dia..., não significa nada.

T: E essa experiência que você teve essa experiência religiosa..., porque muitas coisas mudaram..., a sua maneira de enxergar a vida, de enxergar a família, enxergar o trabalho.

A: Muitas..., até de aceitar algumas coisas. Por exemplo: morre um irmão seu, e aí? Você se prepara para isso, você fica mais preparado para isso, para lidar com uma situação dessas, você está mais preparado para lidar com uma doença, com a perda de um emprego. Porque aí é uma questão de fé. Fé é uma coisa assim: a palavra fé é muito complexa, tem pessoas para as quais a palavra fé está ligada muito ao positivismo, vamos dizer assim: pensar positivo!, Legal! Mas no âmbito religioso, a questão de ter fé é acreditar que você vai ter uma vida quando essa vida não for mais na Terra. É você alcançar a salvação, essa coisa toda, né! Então fé para mim é isso: é a fé religiosa. Esse outro lado de que a gente tem que ter fé de que a coisa vai ser boa, é um outro ângulo, pode ser que um padre não concorde comigo, que uma pessoa mais experiente na questão católica também não concorde comigo, mas hoje tem padre que tem dois tipos de fé..., tem fé nesse conceito [no religioso] e numa questão positivista, que segundo outras linhas, vamos dizer assim, isso é importante para vida. Então eu uso a fé não só por acreditar que um dia eu possa alcançar a salvação. E para alcançar a salvação, enquanto humano, você vai passar por uma série de aprovações.

T: O que seria salvação para você? O que você entende por salvação?

A: Salvação no mundo católico é o seguinte: você morre, e em razão dos seus atos, você vai

encontrar a salvação. Você vai ter um encontro com Deus, ou seja, você pode ir para o inferno ou para o céu, é uma coisa bem básica. Você quer ir para o céu ou para o inferno? Eu quero ir para o céu, e pra ir para o céu tem que alcançar a salvação e tem que seguir a sua religião, tem que seguir os 10 mandamentos, tem que não sei o que ..., tem tudo isso, né?

T: Então seria assim: a salvação é o ponto máximo. Tem diversas etapas que você vai passando pela vida, dificuldades....

A: É, não vamos dizer etapas, né? Toda religião tem seus princípios, seus valores, uma vez você realizando aquilo que está escrito na bíblia, seguindo os 10 mandamentos: não roubar, não matar, não adulterar, essa coisa toda, é um caminho para alcançar a salvação. No entanto, não significa que você, por exemplo: se você pegar na bíblia, tem vários exemplos..., o de Madalena, que era uma prostituta! Mas ela alcançou a salvação, né? Então, quantas pessoas muitas vezes são as piores pessoas possíveis, só que em determinados momentos elas olham pra dentro de si e vê aquilo tudo sujo e mudam.

T: Em relação a seus sentimentos, sensações. Como você sente a vida depois dessa experiência religiosa? Depois de ter percebido que através da religião a sua vida poderia ser de uma maneira diferente? Você conseguiria me descrever isso?

A: Sim, sim. Eu trabalho numa empresa, sou gerente de RH, e no meu trabalho eu senti uma diferença muito grande! Como eu trabalho com todo tipo de pessoa, desde pessoas extremamente intelectualizadas, até pessoas bem menos intelectualizadas..., você começa a ter mais habilidade para tratar essas pessoas, desses assuntos ligados a pessoas, por que ai você não esta só no âmbito profissional, está no âmbito mais humano, aquele âmbito de contato, entende mais a vida, você consegue se colocar mais no lugar daquele profissional. É mais um trabalho psicológico! Eu falo psicológico porque psicologia não é uma religião, né? Podemos falar assim..., mas assim, neste aspecto é fantástico, é fantástico! As pessoas começam a te ver diferente também, começam a acreditar em você. Agora a forma como você..., quer dizer..., você é aquilo que você apresenta ser. Então por exemplo: eu chego aqui para você de uma forma e amanhã você me encontra na rua e eu estou de uma maneira totalmente diferente, você vai desacreditar em mim, vai dizer: esse cara não é católico nada! Então são as tuas ações que passam para a pessoa essa confiança. Não adiante nada eu vir aqui discutir com você, falar alguma coisa e sair daqui e não praticar aquilo que eu disse

né? Como meu pai diz: não fale aquilo que você não consiga manter Então para mim foi fantástico, principalmente no campo profissional!

T: Tá, e assim, em termos de crescimento pessoal? Ocorreu esse processo de crescimento pessoal? De evolução psíquica?

A: Bom, a partir do momento que você começa a dedicar parte da sua vida para Deus, você tem crescimento pessoal. Porque que você trabalha? Eu te pergunto, porque você trabalha?

T: Bom..., é por dinheiro em primeiro lugar...

A: Por dinheiro! É isso que todo mundo faz, mas se as pessoas trabalham por dinheiro, porque que não estão todos ricos?

Bom, o que eu quero dizer com isso? Ai já é o que eu penso tá?! Se você desapega do seu trabalho, desapega das coisas materiais. Não é deixar de estudar, deixar de buscar formação, não é isso! É não deixar que aquilo torne para você o essencial, a prioridade. Tem que buscar um equilíbrio! A partir do momento que as coisas passam a ser mais importante do que Deus, a tendência é as coisas serem mais difíceis. Porque Deus não quer nada de ruim, você pode ser a pior pessoa na face da Terra, mas Deus não deseja mal para você. Mas a forma de você conseguir as coisas vão ser mais dolorosas, né?.

Então..., eu pergunto assim para você: "o que é mais importante, o seu trabalho ou Deus?"

T: Bom..., são coisas tão diferentes, né?

A: Exatamente! São diferentes. Os dois são importantes, você precisa saber equilibrar isso. O trabalho faz parte da sua vida, mas você não pode focar aquilo, viver com aquilo, não! Você fazendo a sua parte, não finalizando aquilo e dedicando parte da sua vida para Deus, sabe? Tem que ter tempo para as pessoas, entende?

T: Então é isso que é o crescimento pessoal que a religião trás para a pessoa, quer dizer..., você aprende a lidar com a sua vida de uma maneira diferente.

A: Diferente..., agora vou ficar mais rico, mais pobre tal..., não! Você cresce como pessoa. Se você ficar mais rico, tiver um patrimônio, isso é consequência das suas ações.

T: Então crescer como pessoa seria mudar hábitos? Mudar a maneira de se relacionar com outro, é isso?

A: *A maneira de se relacionar de enxergar a vida, a maneira de priorizar as coisas. O dinheiro é uma consequência. Ele [o dinheiro] não vai vir em cima daquilo que você prega, daquilo que você faz. Deus quer que você ganhe o maior dinheiro possível. Agora esse dinheiro que você vai ganhar..., você vai investir em que? Vai fazer o que com ele, né?*

T: Tá. E que seria, se é que você acha que existe, o lado ruim da experiência religiosa?

A: *Bom..., eu acho que a experiência religiosa passa a ser ruim a partir do momento que não tem um equilíbrio....*

Então..., eu conheço várias pessoas que são fanáticas e tal. Eu tenho medo de religião. Eu tenho medo, sabe? Quantos casos você não ouviu falar que fulano de tal conseguiu convencer não sei quantas pessoas a tomar um veneno porque o mundo ia acabar no outro dia e se não tomassem não iriam alcançar a salvação. Até onde chega a religião?! É complicado!

T: É..., isso tudo que você esta me dizendo é muito relevante! Realmente o equilíbrio é a palavra chave.

A: *É inacreditável o que as pessoas fazem em nome de Deus! E hoje, as pessoas no mundo em que vivem estão sujeitas a ficarem desempregadas, e tudo é Deus.*

T: E você acha que a igreja, a católica no caso, transmite esse equilíbrio? Pela sua experiência, você acha que isso é transmitido para as pessoas?

A: *No meu ponto de vista sim. Quem não passa isso, não são as pessoas dentro da igreja, os padres e tal. São as pessoas de fora, aquelas que estão entre a igreja e o povo...*

T: Seriam os líderes religiosos? Aqueles que não têm a religião como profissão, mas que trabalham com o povo, é isso?

A: *Sim, sim. São essas pessoas. Mas dentro da igreja não! O que existe são padres que*

seguem linhas diferentes, mas em nenhum momento eles irão discordar do que é certo e errado.

T: Ok..., e para a gente finalizar! Se você tivesse que escolher uma palavra para você me descrever a sua experiência religiosa, você conseguiria encontrar essa palavra?

A: Uma palavra?..., Vou dizer duas palavras, mas não vou te responder nada: “Espírito Santo”!

T: Ok, mas deixa-me ver se eu entendi: você esta me dizendo que foi a través do espírito santo que você pode sentir a sua espiritualidade, o seu crescimento pessoal, é isso?

A: Não só pessoal! Porque o que é crescimento pessoal? Para mim crescimento pessoal é uma série de coisas..., do âmbito dessa pesquisa que você esta fazendo, o que você chama de crescimento pessoal?

T: É..., realmente crescimento pessoal é algo muito abrangente, mas o que eu estou chamando de crescimento pessoal para este estudo é o que muda na vida da pessoa, o que muda com a experiência religiosa.

A: A religião permite isso mesmo, permite um crescimento interior, um crescimento de sentimentos, uma mudança de sentimentos, de se colocar no lugar do outro, de entender um pouco mais a vida, de entender as dificuldades que a vida proporciona, né?! E também ao mesmo tempo, te dá sabedoria para saber como lidar com as situações. Então isso é realmente fantástico! Eu sinto isso todos os dias!

T: É uma religiosidade que permite ser sentida todos os dias....

A: Exatamente, mas você precisa reservar momento para isso. Então por exemplo: quando eu tenho alguma dificuldade, eu paro e bato papo com espírito santo. E você poderia fazer isso..., conversar com espírito santo sobre a sua pesquisa.

Um exemplo é o seguinte: eu comprei uma casa há uns dois anos aqui no jardim chácara das arvores [nome fictício]. Eu comprei uma casa ali, e essa casa..., eu só vou terminar lá para

outubro. Comprei essa casa para vender. Bom..., se eu fosse uma pessoa totalmente apegada a essa casa que eu moro hoje, eu não iria ter paciência para vendê-la, eu iria perder dinheiro. Você tem que deixar as coisas acontecerem., não tem que ter pressa, não tem que ter aquela ganância para as coisas acontecerem.

Bom, e o que aconteceu? Passou um ano e meio e eu consegui vende-la, consegui vender no preço que eu queria. Agora eu preciso sair dessa casa, mas nem estou preocupado em quando eu vou conseguir terminar a outra casa, sabe aquela coisa? Porque se não você começa a colocar aquilo a cima de tudo, da sua família, da sua esposa, dos filhos, não pode! Isso não pode acontecer!. E outra, além disso, tudo, você tem que ser fiel, né? Ser fiel significa ficar de consciência tranqüila..., ficar de consciência tranqüila, para mim pode ser uma coisa, pra você pode ser outra. Então, tudo isso, são coisas que a religião vai te ensinando.

Sabe..., outro dia eu fui para o Rio de Janeiro. Cheguei no hotel, abri a gaveta e tinha um livro do Buda. Comecei a ler o livro. Minha mulher é muito religiosa e disse: nossa! eu não quero nem ver isso! Mas eu achei que não tinha nada de mais eu ler. Peguei abri e lá estava escrito assim: “se você não quer que os males da vida te atinjam..., não faça algumas coisas”. Então por exemplo: se eu sei que aquela comida faz mal para mim, porque eu vou comer? Se eu sei..., porque eu sou casado, que uma moça linda passa perto de mim, muito mais cheia de grana do que a sua mulher, me trata muito melhor do que a minha mulher, e eu fico cativado por aquela mulher..., ai eu começo a me envolver com ela e sou casado. Olha..., eu tenho dois filhos, um de 16 e outro de 15 anos. Imagina se o meu filho descobre que eu tenho uma amante! Muito mais bonita do que minha mulher, mais rica..., como eu vou explicar para eles que eu tenho uma amante? Sendo que em casa eu me dou bem com a minha mulher! onde eu vou enfiar a minha cara? Então..., se eu sei que tudo isso vai me prejudicar, porque que eu vou atrás disso? Se eu sei que algo vai me deixar com a consciência pesada, porque eu vou atrás disso? Eu acho muito interessante esses exemplos e quando eu vou para o âmbito religioso, o âmbito católico..., é isso também!

T: Ok, ok..., quer dizer, eu to entendendo tudo isso como um aprendizado, uma mudança muito grade na vida proporcionada pela experiência religiosa.

A: Não é uma filosofia, ta?! Não é uma filosofia! A religião católica não é uma filosofia! Filosofia é budismo, seicho no ye, coisas assim. É uma coisa que faz parte da vida mesmo, é

mais prático. Você é aquilo que você faz!

T: Bom A., como foi para você falar sobre isso?

A: Foi tranquilo. Eu acho que a entrevista me ajudou a resgatar um pouco minha história passada e a comparar com o meu presente. Não me preparei para a entrevista! Eu sabia que era uma pesquisa de mestrado, né? E que eu iria falar sobre religião. Agora eu aconselharia você a fazer uma pesquisa dessas com padres.

T: Poderia ser, talvez para um outro estudo..., focalizando outros aspectos.

A: Legal!

T: Bom A., a entrevista para mim foi muito boa! Eu consegui colher os dados e assim que eu terminar a análise, eu entro em contato com você novamente para lhe mostrar o que eu entendi e também para tirar alguma dúvida caso eu tenha.

A: Ok, você tem meu telefone e e-mail, né?

T: Tenho, eu entro em contato, até mais e muito obrigada.

ANEXO V

2ª. Entrevista: Maria

T: Thais (Entrevistadora)

M: Maria (entrevistado)

T: Maria, eu estou fazendo um trabalho sobre as relações entre religiosidade e crescimento pessoal. Gostaria que você me falasse um pouco sobre isso de acordo com a sua experiência religiosa. Queria que você me falasse sobre a sua história de vida em relação à religião, e em que sentido ela te trouxe crescimento pessoal. Você pode me contar sobre a sua família, a sua infância, como você começou a entrar na vida religiosa, enfim, como foi tudo isso para você?

M: Bom..., é uma longa história [risos]. Minha família sempre foi muito religiosa. Meu pai era da Congregação Cristã e a minha mãe era católica. A família da minha mãe também era católica, e aí, quando eles se casaram meu pai resolveu mudar de religião, e aí ficou todo mundo católico. Principalmente porque eu sou mais ligada com a família da minha mãe que tem esse lado bem forte. Mas acabava sendo assim..., muita coisa para colocar regra, católicos tradicionais, sabe? Missa todo domingo, não faltava e era tudo muito ligado ao trabalho..., então era muito misturado os nossos valores. Então por exemplo, semana santa, o que a Igreja diz é que não se trabalha na sexta feita tudo, mas eles estavam sempre trabalhando. De raiz a religião era importante..., mas muita coisa não era o mais importante, era uma coisa mais formal.

T: Era como se a religião fosse usada como um rótulo?

M: Era mais ou menos assim, porque era esquisito. Minha avó tem muita fé, muita mesmo, mas assim..., tradicional, e dependendo da situação, no caso do trabalho por exemplo, isso era mais importante. Talvez até pela própria história de vida deles. Porque meus avós vieram durante a guerra embaixo de um navio, sem nada, então acho que isso tem a ver, mas a fé dela era muito grande, mas acabava que o trabalho estava em primeiro lugar. Mas eu assim..., sempre fiquei muito com meus avós, então eu acredito que seja por causa disso. Tiveram que trabalhar muito, então trabalho era trabalho, sempre em primeiro lugar, mesmo que não precisasse de dinheiro, porque meus avós têm assim..., hoje eles têm casas, tem renda. Do lado da minha mãe era assim, do lado do meu pai era o inverso, eles eram muito

de família, eram evangélicos da Congregação. Então as vezes quando eu era pequena, eu acabava indo com minha avó para a igreja, ficava na escolinha dominical. Eu não entendia porque eu ficava ali, mas ficava, era tão pouco que eu ficava com a minha avó que eu acabava ficando, mas não entendia direito. Agora,, eu não via aquilo como religião, para mim aquilo era um lugar, não entendia..., e eu acabava vivendo assim..., muitas coisas da religião católica, mas sempre trabalhando nos feriados, festas, porque eu trabalhava com a minha mãe. Então tinha esse outro lado, esse viés da vivencia. E eu assim..., não julgo errado ou certo, e o tempo foi passando..., e por volta de quando eu tinha uns cinco ou seis anos, meu pai se envolveu muito com um senhor que trabalha para o padre Aroldo, ele tem uma chácara numa cidade no interior de São Paulo, e ele trabalha muito com os jovens. E eu me lembro que era assim..., a minha irmã mais velha ia para o retiro, mas ela não queria ir de jeito nenhum, e eu já queria ficar de qualquer jeito, só que eu não podia porque era a partir de sete anos. Eu chorei muito, dei um 'baile', e aí me convenceram que no outro domingo eu iria poder ir. Me passaram a perna, né?!, Só falaram aquilo para eu ir embora [risos]. Aí quando eu comecei a ir [quando já tinha idade para poder freqüentar o retiro], foi uma fase muito boa de vida que eu tive, a nossa unidade de família estava na religião, não só a unidade, mas também o equilíbrio. Foi uma fase muito diferente, muito!

T: Então assim, deixa-me ver se entendi: vocês estavam passando por uma fase muito boa da família, e você estava sentindo a família dentro de uma só religião, é isso? O que seria essa unidade de família?

M: *É, a gente já estava na religião, mas neste momento a gente começou a viver melhor, é como se fala, né? Praticante! Por que na religião católica tem aqueles que se dizem não praticantes, então tinha retiro direto, meu pai e minha mãe do lado, a gente não tinha muita amizade fora da família, não tinha amigos, era difícil ter. E foi na igreja que eu comecei a me envolver com outras pessoas, além disso, meus pais são muito diferentes, então assim, dava atrito! Meu pai já tinha separado da minha mãe um tempo antes. Meu pai era alcoólatra..., então esse período depois [quando pai deixou de ser alcoólatra] foi muito gostoso, foi uma fase boa que nós estivermos unidos na igreja, levando pessoas, mas assim: também se envolvendo, envolvendo e se doando..., porque, acabava se doando mesmo, ajudando os outros, até essa chácara que eu te falei, metade dela foi meu pai quem ajudou a construir, então era uma festa! ia todo mundo junto.*

T: Então eu estou entendendo que a religião, ou melhor, a sua experiência religiosa foi muito importante por causa dessa união familiar que você teve.

M: *É foi. Mas depois disso (silêncio) acho que eu tinha nove anos, meu irmão começou a correr de kart e meu pai gostou. Ele [o irmão] corria lá no taquaral, começou a competir e gastava muito dinheiro. Como meu pai também gostava, começou a separar a família. Minha mãe tinha que trabalhar para cobrir os gastos, minha irmã e meu irmão iam com meu pai e eu ficava com a minha mãe. Então primeiro: separou a família, segundo: eles ficavam só nisso e era direto, treino, treino, treino..., então afastou bastante a família. Antes a gente ia a retiros, tinha pelo menos 1 por mês, então dava pra gente ir, mas depois que ele começou a correr eu senti assim: [silêncio], é por isso que eu gosto de as vezes parar para pensar, porque é aí que a gente toma consciência das coisas. E foi mudando totalmente a família, além de afastar da religião, das coisas da igreja e, principalmente de Deus, foi uma ruptura de tudo quanto é lado. Fora isso, acaba ficando as magoas, né? Do lado da minha mãe, meu também, porque eu tinha que trabalhar, minha mãe não podia ficar sozinha e do lado de lá eu senti um gelo sabe? porque afastava, né? Bom, acho que nessa época eu já tinha uns 10 anos.*

T: E você lembra assim..., qual era o sentimento que ficava? Porque disse que ficou uma mágoa, né?, como era isso para você?

M: *Ah, eu posso assim..., especular algumas coisas. Por exemplo eu lembro que eu vivia falando: pai eu não gosto de correr, mas eu nem conhecia, então eu nem queria conhecer eu só via que aquilo era minha obrigação e aceitava, não questionava nada. Hoje eu sei que eu queria muito ter ido, mas eu não sei se eu tinha consciência na época. Eu usava isso como subterfúgio, acabava arrumando uma desculpa pra mim mesma para não me revoltar com aquela situação. Mas isso pensando hoje, eu sentia muita falta do meu pai, minha mãe, minha irmã, meu irmão. E por outro lado a minha mãe acaba que me compensando, dava-me muito doce, porque como eu ficava muito com ela eu tinha tudo o que eu queria. E foi aí que eu comecei a ficar gordinha, de comer doce, comer doce, e ela dava, e eu acredito que pra ela também acabava sendo inconsciente, porque eu ficava com ela. E isso foi assim..., muito marcante! A gente acaba passando por cima, mas foi bastante marcante!*

Depois disso, acho que foi com 12 anos..., eu fui fazer primeira comunhão, só que a minha avó. Bom., eu vou ter que voltar um pouquinho, tá?

T: tudo bem, sem problemas.

M: *Então, dos três aos onze ou doze anos eu tinha que tomar remédio neurológico porque eu tinha epilepsia infantil. E minha avó tinha feito uma promessa para Nossa Senhora de Fátima que se eu ficasse curada a gente iria para Portugal, e ela iria cumprir sabe aquelas promessas de andar de joelho em volta da igreja? dá umas mil voltas? Então, e eu fui fazer a primeira comunhão lá, fui com a família e fiz minha primeira comunhão lá. E antes de fazer a primeira comunhão a gente foi passando em algumas cidades lá em Portugal. Eu e toda minha família, meu pai, minha mãe, meus irmão, meus avós paternos e meus tios que são meus padrinhos. E nas cidades que a gente foi passando, tinha duas igrejas no caminho que a minha avó tinha feito promessa e ia cumprir: uma eu não me lembro o nome e a outra era em Fátima, que ela ia andar de joelho. Ela deu trilhões de voltas, nem sei quantas, ficou com o joelho todo em carne viva, mesmo com lenço machucou tudo, sabe?. E eu cheguei em Fátima, fiz a primeira comunhão emburrada e ficava me perguntando porque eu não poderia fazer com meus amigos? porque a gente não tinha muito contato com outras crianças, eu estudava mas não fazia educação física por que era de manhã, e de manhã eu trabalhava com minha mãe, e por isso e não tinha contato com as crianças, sabe com amigos? pessoas da mesma idade? eu não tinha, não podia ir na casa de ninguém, ninguém vinha em casa, então eu não tinha. E o curso de primeira comunhão era o lugar onde tinha mais criança, onde eu podia ter mais contato, e aí eu precisa fazer a primeira comunhão em Fátima. Porque eu fiz o curso aqui no Brasil e mandaram os papeis para Portugal para eu receber a comunhão lá, entende? e eu não queria de jeito nenhum, queria fazer com meus amigos, não tinha uma noção que assim..., Fátima! nossa! [risos], não tinha noção disso. E eu sei que eu fiz primeira comunhão, fiquei brava, emburrada, fui a primeira a comungar, um monte de gente olhando, e assim..., sai de lá [silêncio] e no caminho..., a minha mãe falou assim: vamos logo que você precisa tomar o remédio! e eu falei: eu não vou tomar o remédio! E ela insistiu para eu tomar o remédio e eu não tomei o remédio. E eu creio, hoje, que eu não falei por mim, eu era criança, ingênua de tudo, e eu não iria falar com tanta firmeza, com tanta convicção, fui muito teimosa! E eu não tomei durante o tempo que a gente ficou lá, não tomei quando cheguei aqui, e fui fazer os exames. Os resultados não mostram nada, eu não tinha mais nada! E eu creio que foi pelas mãos de Maria, ela é como uma mãe que cuida com carinho, dá atenção, sabe o que passa..., e a parti de lá, assim, a vida voltou normalmente, meu irmão foi parando com o kart, parou a minha epilepsia, e aconteceu um mundo de coisas de família sabe? problemas..., muitos problemas. E teve, logo depois, eu devia ter uns quinze anos, a*

minha mãe tinha uma barraca de vender roupas, tinha uma feira e teve um sorteio para um espaço que era muito bom! melhor do que o que ela já estava, e estava assim: a promessa! era a oportunidade única! e teve o sorteio. Meu pai foi o primeiro nome a sair, foi sorteado, e foi uma felicidade super grande! E para minha mãe foi uma escolha complicada porque o dia era de quinta-feira e nesse dia só tem feira ruim, e a que ela estava era de quarta, e a feira que ela estava era ótima, acho que uma das melhores, e aí ela teve que escolher. Ela escolheu a de quinta porque era uma feira nova. E pra mim isso foi assim, uma das maiores graças da minha vida, porque a partir desse momento eu comecei a conhecer uma moça que começou a convidar a minha mãe para ir no grupo de oração. E a minha mãe nunca ia, até um dia em que a gente foi. Começamos a ir, aí tinha uma semana que ia outra que não ia, eu comecei a sentir que aquilo começou a fazer parte de mim, e quando eu não ia, sabe? aquilo fazia falta, e eu comecei a ir, mas a minha mãe cansou. Mas aí alguns jovens começaram a ir junto e foi bom. Meu pai começou a ir à missa, ela [a mãe] voltou, aí confessou com o padre e tal, e eles voltaram a ir à missa, porque eles tinham meio que parado, né?

E eu queria sempre ir no grupo de oração, mas minha mãe não queria, e eu queria sempre porque antes ia eu, minha mãe, meu irmão e minha irmã, e eu queria ir e ela passou a não querer, e eu querendo muito, aí deu várias brigas, eu falava: não! eu quero ir, você não quer deixar eu ir para igreja, eu quero ir! E eu chorava, sentia um desespero, sabe?! um desespero para minha mãe deixar e ela não deixava, e falava: não, não vai hoje, não tem que ficar indo sempre na igreja, mas eu sentia que aquilo já fazia parte de mim. Deus me tocou de tal forma que eu não podia mais não ir. É aquilo que diz na Bíblia: ‘tu me seduzistes e eu me deixei seduzir’. E eu chorava, brigava sempre que ela não me deixa ir. E falava que eu ia de ônibus, teve uma vez que eu até cheguei a sair de casa. E eu queria ir, e a minha mãe não me dava uma explicação do porque eu não poderia ir, ela só dizia que não era para eu ir sempre. E a partir daí foi uma fase bastante marcante porque eu passei a ter consciência de que Jesus Cristo veio para isso. E aí eu passei a participar, a fazer coisas na igreja, eu fazia teatro na escola e na igreja e acho que desde que eu comecei a ir, quando eu tinha, acho que quatorze anos, eu comecei a ir em retiro de carnaval, nunca tinha participado de carnaval, nem visto na tv, isso era uma coisa nula para gente, porque a gente era muito reservado em casa, a gente vivia numa redoma de vidro!. Porque meu pai sempre foi muito de fazer bagunça e minha mãe sempre foi muito recatada. Meu pai casou com minha mãe porque ele queria uma mulher que fosse virgem, que fosse certinha, porque meu pai era da bagunça, né? quando ele começou a namorar a minha mãe, ele namorava mais seis moças, então com a minha mãe era o oposto, né?

Então foi a partir daí que eu comecei a participar de retiro do carnaval. O meu primeiro ano não foi participando, foi trabalhando com o teatro e depois eu dei uma ajuda na limpeza. Então eu nunca participei, acho que só um ano que eu participei, o resto foi só trabalhando. Acho que só uns dois anos depois eu peguei a coordenação da limpeza porque ninguém queria, aí eu resolvi assumir.

E a partir daí eu comecei a marcar minha história, comei a fazer. Ligava na escola para marcar teatro, porque aí a minha mãe deixava eu ir porque era escola, né? Se fosse para trabalhar ela liberava mas, se fosse para eu ir à igreja ela não liberava. Foi uma época muito difícil nesse sentido e eu brigava mesmo, principalmente se fosse para eu ir à igreja. Nunca briguei para ir para baladas, festas, nunca fui numa discoteca, shows acho que só vi dois, um da Marissa Monte e outro do Capital Inicial. Então foram dois, com vinte e seis anos. Eu nunca briguei por isso, nunca quis ir nestes lugares, mas se fosse para ir para igreja eu brigava mesmo, porque aquilo fazia a minha vida ter sentido.

Depois disso..., deixa- me lembra..., acho que eu tinha uns dezoito anos, eu estava no Menino Jesus de Praga e aí eu passei em frete a igreja do Liceu, nunca tinha prestado atenção na aquela igreja. Voltando da feira, eu e a minha mãe, nós passamos em frete daquela igreja e eu falei: mãe eu quero fazer Crisma aqui. Sabe quando as palavras vêm assim? mas acho que a minha mãe não estava entendendo, nem eu estava entendendo, porque assim do nada eu falei aquilo. Aí eu falei novamente: mãe quero fazer crisma aqui. E ela disse: mas e se acabaram as inscrições? Ah, não tem problema, eu espero o ano que vem. E fui no domingo seguinte na missa e era o último dia de inscrição. Comecei a fazer e senti que Deus dá oportunidades para gente escolher o nosso caminho. Só que não tem jeito..., Ele sabe tudo, Ele é tudo, é assim meio louco, mas é..., eu só sei que é [risos]. E era para eu ter ido pra lá, já to lá há dez anos, então não foi assim a toa. E em dez anos eu fiz parte da história de muita gente, muita gente mesmo, e muita gente fez parte da minha história. E eu acredito que eu ter ido pra lá foi até um salvamento, um livramento de uma outra situação que iria ser complicado pra mim. Lá no Menino Jesus de Praga, a comunidade foi andando, foi andando, você entende? Só uma pessoa que estava com o grupo de lá saiu de lá, e marcou assim a igreja aqui em Campinas porque acabou não seguindo a fé, desanda, sabe? Então foi um negócio assim..., bem complicado. Não sei se eu falo [risos].

T: você só precisa falar aquilo que você sentir vontade de falar, se você não estiver vontade não precisa falar.

M: Não, não. Acaba não vindo ao caso porque não precisa envolver outras pessoas, mas assim..., era uma situação muito difícil e precisou envolver o bispo para resolver esse problema. E se eu tivesse lá eu não sei como eu estaria hoje. Então eu vejo como um livramento, como um motivo grande de crescimento, por que na outra comunidade que eu estava [na primeira] era um povo totalmente diferente da segunda comunidade, era uma característica da comunidade, os jovens se vestiam muito bem, classe média alta, ou se não fossem, tinham um padrão de vida bom...

T: isso no Liceu, né?

M: É, no Liceu. E eu via que eu..., não é que eu não tinha condições de acompanhar, porque o tanto que eu trabalhava até dava pára acompanhar, mas eu não dava importância para as mesmas coisas. Então por exemplo: tinha pessoas lá que não tinham o que comer, mas a roupa delas precisavam ser de marca, entende? Éram valores muito deferentes, então isso foi um choque grande, mas eu não estava muito aí, acho que foi importante conhecer as pessoas da igreja, eles são muito bons de liturgia, sabe? muito conhecimento?. Fora isso, era um lugar que eu precisa estar, eu cresci muito, até talvez por exclusão das pessoas diferentes de mim, espiritualmente também, porque eles lá tinham um aprofundamento na fé, então mesmo que eu não vivesse totalmente, ou vivesse do modo deles, por que eu não posso julgar.

T: Então você entendia que mesmo numa exclusão poderia haver um crescimento pessoal nisso?

M: Sim, porque fez eu ser quem eu sou, e foi por causa disso.

Assim, claro que eu sofri,, chorei, muitas vezes me senti sozinha, e nas vezes que eu me sentia sozinha..., teve uma época que eu tive depressão, minha mãe tem depressão, então ela tem uma personalidade meio melancólica, sabe? tudo sofre, tudo é ruim, então tem esse tipo de coisa na família, mas eu não me sentia só, eu me sentia só em relação às pessoas, mas eu não me sentia só porque eu tinha encontrado o meu caminho. E eu chorava, chorava e dizia: ‘meu Deus do céu’, e via aquela imagem bonita de Nossa Senhora e dizia sempre: ‘ai mãezinha vem comigo’. E foi uma fase boa em outro sentido, porque eu me apeguei muito a Nossa Senhora, como nunca tinha me apegado tanto. Então foi muito bom porque eu senti o colo dela, e eu falava assim: ‘mãezinha vem me por de dormir’ e eu chamava: ‘Maria vem me por de dormir’.Então era fé sabe? A fé te dá um equilíbrio e hoje eu tenho um melhor

equilíbrio de saber que você vai errar, que você pode errar, mas que você tem a certeza, a verdade do seu lado, não que você esteja certo, mas sente muita segurança. E eu vivi esses dez anos assim, crescendo enquanto pessoa, conversando comigo. E eu tive algumas amigas muito boas, que precisavam de mim, que eu precisava delas também. E eu cresci tentando superar algumas coisas, porque eu sou assim: eu sou difícil de segurar, não paro quieta, não tem jeito, acho que eu era até hiperativa! [risos]. Mas eu corri Campinas, fui para a Catedral conhecer o povo de lá e através do barzinho de Jesus [reunião de Jovens católicos], eu fui conhecendo um monte de gente, criando laços, arrumei emprego pra pessoal lá do teatro. Então eu não me prendia a um só grupo, eu me prendia a minha fé. Esse foi um período bom de crescimento, de dor e sofrimento, mas de muitas alegrias também. E eu vi Deus assim, uma experiência que você pode chamar de única, só minha, especial assim.

E durante muito tempo eu vivi assim, só eu e a minha irmã, e eu ficava preocupada quando ela não ia a missa, ela assim: qualquer coisinha ela não queria ir, eu falava: não! vamos mesmo assim, e meu irmão era mais novo, ele sempre ficava muito preso com meus pais e não tinha vontade de ir à igreja. Ai eu levei minha irmã, e foi onde ela conheceu o marido dela. Não ficou nem um tempo lá, já conheceu, já namorou já ta casada, e assim, foi pouco tempo que ela ficou lá. Ai os momentos de festa na igreja era momento de festa realmente, então foi no natal, e no dia 29 de dezembro eles começaram a namorar. Então no natal, na véspera, dia 24 e 25 a gente ficava direto na igreja. Fica arrumando, fazia muita encenação, era festa para gente, era uma alegria verdadeira pode estar festejando o nascimento de Jesus. Então ficava aquele clima, sabe? aquele arzinho doce? E era assim muito bom. Mas ai a minha irmã casou e ficou meio capenga, sabe? Tem dia que vai, dia que não vai, mas ela não deixou a igreja, ela deixou a missa.

E depois disso a gente começou a formar uma comunidade de aliança, é tipo assim: tinha alguns jovens de 15 ou 20 pessoas que estavam com vontade de caminhar juntos na fé, tinha reunião em comum, tinha missa, e a gente ia sempre junto, era mais o pessoal da Renovação [Renovação Carismática da Igreja Católica]. E ai, com o tempo, essas coisinhas foram deteriorando [falando das diferenças de valores dentro do grupo], além disso, muita gente foi fazer faculdade e já não davam mais tanta importância para o grupo, e as pessoas foram saindo.

Eu tinha uma amiga que todos excluía, e ela era sempre de bem com a vida, tudo sempre estava bom pra ela, mas era assim, ao mesmo tempo em que tava tudo bom ela era meio encenqueira e mentirosa, era uma pessoa que a gente sempre tinha que ter um pé atrás, sabe? Mas eu não gostava que ficassem discriminado ela, não gostava! e nunca gostei. È que

eu, a minha vida inteira eu sempre sofri muita humilhação por ser gordinha, por ser ingênua, por ser a diferente, então eu não gostava e não gosto até hoje [que discriminem as pessoas]. E eu penso assim: ela pode até estar errada, mas não é por isso que você tem o direito de humilhar e rebaixar a pessoa. Então essas coisas na igreja foram fazendo com que eu pensasse dessa forma, foi me dando sentido ao que eu devo fazer. E eu não gostava, eles a ‘cutucavam’ sempre que podiam até durante a oração. Porque a renovação tem um estilo de oração próprio, e as vezes durante a oração eles davam uma indireta. Nossa! eu queria morrer! E aí eu comecei uma outra revolução, porque eu sou uma pessoa e eu quem faço a minha história, por isso eu posso colher e posso pensar. E foi na igreja que eu comecei a pensar e a viver tudo isso. E aí eu comecei a desencanta., não dá fé, da religião, mas daquele grupo, e até hoje eu gosto do Liceu, porque o dom do perdão é algo assim sobrenatural, porque você perdoar uma pessoa que te fez mal não é fácil. E as vezes eu fico muito ansiosa e não consigo me expressar, e teve um dia que me marcou muito: a gente foi na casa de uma pessoa que era do grupo e quando a gente tava indo para lá, a pessoa que era do canto [musical], foi embora, todo mundo foi embora e deixou eu, minha irmã e meu cunhado lá. O padre veio e ele tava pressionando muito e deu uma bronca na gente. Eu sei que ficou nos três para receber uma bronca que era para todo mundo. Ai a gente chegou lá na casa dessa pessoa e eu fiquei tentando falar, fiquei tentando falar..., minha irmã e meu cunhado brigando lá fora porque tinham levado bronca do padre, e todo mundo falando [ninguém a ouvia] e eu falava: ‘gente minha irmã tá lá fora brigando porque o padre brigou com a gente’, e eu fiquei repetindo isso um tempo e ninguém prestava atenção em mim, até que eu dei um berro: ‘eu quero falar, dá para me escutar? acabamos de sair da missa, vocês nos deixaram sozinhos e agora meu cunhado e minha irmã estão brigando lá fora por causa disso, será que dá para a gente para um minuto e sermos verdadeiros uns com os outros? dá para a gente parar de encenar algumas coisas aqui?’ Nossa! Eu chorei um monte, porque para eu fazer isso..., eu não consigo matar nem uma barata, só em caso de risco de vida se alguém for morrer por causa da barata, aí eu mato [risos]. E assim, foi muito marcante, foi muito bom porque foi um crescimento, mas foi doido porque eu fiquei exposta, mas no final me deram razão e falaram: ‘nossa é verdade a gente precisa parar para conversar’. E para mim isso tava me incomodando muito porque tava criando uma fantasia com a fé, e para mim a fé só tem sentido na vida, porque se não, não tem sentido. E se você escolher não ter sentido, escolher viver de qualquer jeito você vive, mas não me obrigue a viver junto, porque para mim a fé só tem sentido na verdade, isso é meio complicado! [risos]. É que as vezes tem gente que está no pé da fé, esta começando, e tem aquele entusiasmo, e isso é natural, mas

vai ter uma hora que ela vai ter que escolher um caminho, e não é fácil..., porque assim: é bom, a diferença é boa, porque aquele que está animado, que está começando te dá um animo para você que está lá na frente e já está cansado, que já está as vezes até perdendo a esperança, ele te dá um animo. E por isso que a unidade é o fundamento da igreja católica e a grande preocupação da igreja. E eu tinha força, e tenho ainda, só que eu pagar sozinha por uma responsabilidade que é de todos não dava não! Então é mais ou menos isso, não sei se eu expliquei direito?

T: Bom, Maria, é mais ou menos assim: você está me dizendo que para você a fé só tem sentido se ela é praticada no seu dia a dia, ou seja, você sente que precisa vive-la concretamente no seu dia a dia. É isso?

M: *É mais ou menos isso, então por exemplo, eu sei que mentir é errado. E não só é errado porque é errado, mas porque mentir é não falar a verdade, e se eu vou à igreja buscar a verdade, então não faz sentido eu mentir.*

T: quer dizer, precisa ter uma coerência.

M: *sim, tem que ter uma coerência entre o que você acredita e o que você faz. Mas por exemplo: nós somos pecadores, e nós caímos na mentira. Então é assim, eu posso cair na mentira, mas não faz sentido eu não querer sair da mentira (silencio). Eu sei que vou pecar, que vou cair no pecado, porque se eu não fosse pecadora, Deus não seria Deus, só ele é que é perfeito, não tem jeito. Então eu vou cair no pecado, mas não faz sentido eu não querer procurar melhorar, não quero buscar a salvação. Cada um entende de um jeito, dependendo da sua identidade, história de vida, personalidade, tem alguma coisa que constitui a pessoa. Cada pessoa é única e para mim a ansiedade é um trauma, porque me faz cair num monte de pecado. Sou preocupada demais, falta de confiança, medo, a gordura..., em vez de eu buscar..., eu sei que eu tenho que buscar a resolução da minha ansiedade em Deus, só que no dia a dia eu esqueço e vou para o doce, entende? Eu sei que vou cair, mas eu sei onde está a verdade, se eu sei que eu estou errando, não faz sentido eu querer por um pano e tentar mascarar..., então é preciso melhorar para mudar. E essa situação é muito forte para mim, e eu sei que muita gente depois me agradeceu por eu ter dado o berro que eu dei [se referindo ao acontecimento no grupo da igreja mencionada a cima] porque eu estava com a ansiedade à flor da pele e ninguém estava me escutando, aí eu queria pular no pescoço de um lá [risos].*

Continuo?

T: Pode falar até você sentir que já basta.

M: *A minha experiência foi assim muito louca, tem coisas que nem dá para contar se não ficaria aqui até amanhã [risos]. Mas tem uma coisa que eu queria te falar [risos].*

T: Pode falar.

M: *É que já faz uns 10 minutos que eu estou aqui me cobrando o porque que eu não pedi para a gente rezar primeiro. Porque é assim, ia me dar mais tranqüilidade, mas aí se desse para gente fazer no final...*

T: Ok, não tem problema, podemos fazer isso sim.

M: *[risos]. É que eu sou meio confusa para falar..., as vezes para as pessoas eu não sou, mas é que eu as vezes me sinto assim, e a fé me ajuda, me ajuda bastante. Porque as vezes você quer fala 'a' mas sabe que tem que dizer 'b' então acaba falando 'b', sabe? E eu sei que quero dizer 'a' mas acabando falando 'b' porque é conveniente.*

T: E isso você sente na sua vida ou você esta sentindo isso só agora?

M: *Não, não agora! agora eu realmente estou dizendo o que eu penso, o que eu quero dizer. [silencio].*

T: E assim M., se a gente for pensar em todo esse histórico que você me contou, toda a sua experiência, porque desde criança você tem todo um histórico de crescimento dentro da religião, e várias vezes você disse: 'eu cresci com isso, eu sofri mas eu cresci com isso', e tal. Hoje, atualmente, se você pegar tudo isso que você me contou e pensar em termos de crescimento psicológico, ou crescimento pessoal, o que você pode me disser sobre isso? Ou seja, como que a religião te trouxe crescimento pessoal? Teve alguma mudança? Como ficou a sua pessoa depois dessa experiência religiosa?

M: *bom..., eu vejo assim: eu fui me fazendo, só que ainda tem uma parte de mim que eu não*

sei.... Por exemplo, quando eu estava no Liceu, eu disse para o padre: ‘padre, eu não sei quem eu sou!, padre eu não sei quem eu sou, eu quero saber quem eu sou! Eu não sei o que eu espero, eu não sei quem eu sou!’ E eu acredito que sozinha eu não teria nem chegado a perceber que eu não sabia quem eu era. A minha mãe até hoje não sabe quem ela é, ela não vive! Vive mudando de religião por causa do meu pai, eles se separaram um tempo e ela acabou virando evangélica por causa do meu pai, e até agora é assim, ela vai pulando. E eu com bem menos idade, cheguei e falei: ‘eu não sei quem eu sou! eu preciso amadurecer e me conhecer’, e foi numa oração.

T: Mas assim, foi numa oração que você percebeu isso, ou seja, que você não se conhecia, ou foi numa oração que você encontrou a resposta?

M: Não, foi na oração que eu percebi que eu não sabia quem eu era. E aí o padre que me falou para procurar uma psicóloga. É lógico que eu posso, assim, isso eu já fiz, tem uns livros de cura interior que eu li e fui percebendo um monte de coisas da minha história. Esse livro mexeu muito comigo. O autor é um padre, não é um psicólogo, mas mexeu muito comigo porque eu comecei a descobrir um monte de traumas que eu tinha. E esse livro diz que Deus fez o homem e deu a ele o dom da medicina, é tipo assim: não fique esperando sentado, eu preciso da psicóloga. E eu descobri que eu precisava buscar isso quando estava fazendo uma oração. E até para criar coragem para dar os passos foi difícil, quer dizer, primeiro eu fui falar com padre: olha eu não sei quem eu sou. Porque falar isso para uma pessoa é difícil, né? porque se você não sabe nem quem você é, o que você sabe então? Você não sabe o básico! E se não fosse o padre me encaminhar eu não teria ido atrás, mas como ele me encaminhou eu fui atrás. Então na religião eu encontrei a força para agir. E quando eu fui escolher a psicóloga eu coloquei alguns critérios; eu queria que ela fosse católica e preferencialmente da renovação carismática, porque ela vai me entender melhor. Eu não queria psicanálise por opção, eu não queria..., não era isso que eu precisava, era um outro tipo de tratamento.

T: Você está me dizendo que a sua experiência religiosa te ajudou a buscar, e pelo que me disse, ainda esta buscando uma resposta para as suas pergunta existenciais. E eu entendo que isso deve ter proporcionado um crescimento pessoal muito grande.

M: Se eu não tivesse tido essa experiência de tudo o que eu passei na vida, de todo o sofrimento..., tô até com vontade de chorar [risos].

T: A religião te trouxe...

M: Animo. Nossa! já falei muito!

T: E Maria, para a gente fechar, se você pudesse definir para mim com uma ou duas palavras o que foi a sua experiência religiosa, você definiria como?

M: Então, animo no sentido de vida. No sentido de Espírito Santo. Espírito no sentido original da palavra que quer dizer animo. E é um animo assim: que Deus criou, e o Espírito é o que leva a gente para frente! E foi Ele, [o Espírito Santo] quem me tocou.

T: Ok, e M., como você está se sentindo? Como foi essa experiência de estar me contando sobre a sua experiência religiosa? Como foi esta entrevista para você?

M: Bem..., eu estou um pouco emocionada, mas eu gosto muito de parar, é que as vezes eu não tenho coragem, as vezes eu fujo, mas eu gosto muito de parar para saber quem eu sou de verdade. Eu estou agora com as mãos molhadas e estou ansiosa, mas foi muito bom..., muito bom mesmo, porque foi uma das primeiras vezes que não senti um entrave para falar o que eu penso, eu me senti bem à-vontade.

T: Quem bom..., tem mais alguma coisa que você queira me falar?

M: Não, acho que já falei tudo [risos].

T: Bom, então eu te agradeço muito pela entrevista, ela foi muito rica e tenho certeza que vai me ajudar bastante nesta pesquisa. Se eu precisar de mais alguma informação posso te procurar?

M: Claro, você me liga!

T: Então tá combinado!, muito obrigada mais uma vez!.

ANEXO VI

3ª. Entrevista: Fátima.

T: Thais (Entrevistadora)

F: Fátima (entrevistada)

T: Fátima, eu estou fazendo uma pesquisa sobre experiência religiosa e crescimento pessoal dentro do campo da Psicologia. O que você poderia me dizer sobre isso, de acordo com a sua experiência pessoal? Você pode começar me contando sobre a sua história de vida, desde a infância até sua vida adulta, para que eu entenda melhor.

F: Na verdade começou como um processo natural. Fui batizada na igreja católica, tive uma família católica participante, nós participávamos da missa aos domingos, depois eu fiz primeira comunhão, mas assim: existia um certo misticismo dentro da minha família. Eles buscavam à Deus, meu pai sempre foi um homem muito fiel à Deus, e quando ele passou por um problema de saúde, ele buscou outras religiões, principalmente dentro do espiritismo, ele recebia passe e aquelas coisas todas. Mas a influência maior [em relação ao misticismo] vinha por parte da minha mãe. Ela se dizia católica, mas recebia muita influencia desse negócio de esoterismo, ela buscava Deus em outras coisas, em coisas mais imediatas, só que eu não entendia que aquele era um momento necessário, até para o crescimento da família e tal.

Então eu acho que isso influenciou bastante. Eu sou de uma família grande, somos em cinco homens e só eu de mulher que sou gêmea do ultimo filho, e meus irmãos e eu também, recebemos uma grande influência dela [da mãe] nesta questão. Depois ela começou a se envolver muito nisso, fez amizade com uma mulher que lia a mão, começou a freqüentar a casa dela, e meu pai sempre na dele, respeitando o jeito dela mas continuava chamando a gente [os filhos] para irmos á missa aos domingos mas a gente já estava na adolescência e não queria mais ir, íamos raramente, mais para fazer um agrado para o meu pai do que por nós mesmos. Eu nem sabia direito o valor daquilo, me lembro que a minha primeira eucaristia teve uma formação muito fraca, faltou muito sedimento, fundamento na religião, doutrina. Mas o meu pai nunca desistiu de convidar, por isso eu ia algumas vezes.

Mas assim, essa influencia da minha mãe não ficava só naquela senhora que lia a mão, eu procurava, procurava, acho que era uma insegurança que existia na família, nos filhos..., mas isso é o que eu acho, dentro do meu 'achismo', eu analisando agora acho que era isso, a

insegurança faz você procurar alguma coisa que seja mais forte do que você, para que você encontre alguma coisa em que se agarrar. Então, como eu não encontrava Deus dentro do catolicismo, porque eu achava que a missa era chata, eu não conseguia entender, então para achar Deus, eu ia buscar nos cristais, nos duendes, nessas coisas, mas nada de terreiro, candomblé, eu nunca me senti bem com essas coisas, quando eu ia nesses lugares para acompanhar alguém eu quase desmaiava, passa mal, acho que era Deus me puxando pelo braço. Então eu cai em muitas fria, muitas frias, para aprender mesmo, sabe? Que aquele caminho era errado.

Bom, casei, tinha vinte anos quando me casei. Casei na igreja católica, mas eu não convidei Jesus e Maria para o meu casamento, eu não sabia a importância disso na época como eu sei hoje. Então foi aquela coisa mais da cerimônia, do social, porque o matrimônio, o sacramento em si eu achei muito superficial. E nesta época eu ainda estava muito envolvida nestas coisas esotéricas, sempre buscando à Deus mas nisso. Então eram livros, não era só uma coisa que me chamava a atenção, eram todas essas teorias orientais, místicas, mas sempre voltada para o lodo espiritual. Mas eu sentia que mesmo com essa busca, eu estava sempre vazia, me sentia muito infeliz, largada, deprimida, mesmo tendo um marido maravilhoso, uma família maravilhosa, nossa condição financeira estava boa. Eu morei em Mato Grosso, morei em Recife, e eu sempre fui acompanhando meu marido. Abri mão da minha carreira, eu era farmacêutica e gostaria de ter ido para área de formação, área universitária, mas não deu para ir devido a essas mudanças que aconteciam na minha vida. Então eu fui abrindo mão de algumas coisas e fui crescendo, trabalhando dentro daquilo que a gente acreditava, mas apesar de eu não ter ido buscar a Deus dentro da religião católica eu sempre tive os princípios, seguia os mandamentos, né? De ser honesto, e coisas assim. Na verdade, nada do que eu li foi tão ruim a ponto de me desvirtuar para um lado tão negativo, a não ser por essas religiões tipo candomblé que eu acabei conhecendo um pouco, bem superficialmente, mas aí eu achei que isso acabava indo muito fora daquilo que Deus manda. Também nunca achei que Jesus estava dentro de uma casa espírita. Os livros que eu lia, tinha um que estava escrito assim: Jesus viveu na Índia. Gente! Aí começou umas coisas tão estranhas, falava de Nossa Senhora de uma maneira tão mundana, falando assim que Ela tinha interesse que Jesus tivesse uma certa repercussão política, e coisas tão horríveis que eu ainda nem tinha me convertido para o catolicismo mas já achei um horror aquele livro, então isso se deve aos fundamentos que sempre existiram em mim.

T: Me parece que os valores transmitidos na infância permaneceram mesmo quando você

estava buscando outros caminhos.

F: É, mesmo eu buscando outros caminhos Jesus estava comigo.

Bom, mas aí o que aconteceu? Eu acabei sentido aquele vazio, então as vezes quando eu ia a missa, principalmente quando ocorria essas mudanças de cidade, eram momentos difíceis, porque eu não queria, porque eu era muito imatura, e aí eu ficava pensando só em mim, e quando eu ia a missa, porque tinha uma igreja na frente da minha casa lá em Campo Grande, eu chorava muito, me emocionava muito, mas não tinha uma continuidade, sabe? eu ainda não tinha sentido aquele toque de Deus na minha vida. Aí quando eu fui embora, acho que eu estava com uns vinte e dois anos, eu fui embora para Recife e lá eu engravidei. O meu marido tinha uns parentes que moravam lá, e uma prima dele, que eu gosto muito, me convidou para fazer um 'seminário no espírito'. Como eu era muito aberta à espiritualidade, eu fui, e era um seminário que durava uns quatro ou cinco meses, e eu deixava o meu filho uma tarde inteira com a babá e ia. Essa experiência foi muito boa, porque aí eu comecei a contestar. Eu contestava com o pessoal que fazia parte do meu grupo, com as pessoas que me orientavam dentro do grupo, eu colocava questões de reencarnação, vida após a morte, e aquilo para mim era real, verdadeiro, não tinha como não acreditar. E essas pessoas iam argumentando aquilo que eu falava com a palavra de Deus [Bíblia], então por exemplo: quando eu falava sobre reencarnação, vidência, essas coisas: elas me mostravam com a palavra o que Deus pensava sobre isso. E eu comecei a entender que Deus abominava essas coisas, que Ele não gosta que a gente fique em cima do muro, e tudo isso foi me penetrando sabe?, só que eu ainda não entendia, porque como eu lhe disse, a minha primeira comunhão foi muito fraca, pouco profunda. Então o que precisa é de uma formação melhor para as crianças e para os jovens, eles precisam da unidade familiar dentro da igreja, não só de ir à missa, mas ter um lugar onde acolhe as crianças enquanto os pais estão na missa, por exemplo.

Porque eu falei disso mesmo? Ah, estava falando do seminário, né? Então, aí eu comecei a fazer várias contestações, manipulava a Bíblia com outros livros, mas isso porque eu não tinha buscado o livro certo, né? E aquilo veio de encontro com algumas explicações que eu precisava saber, então essa questão da reencarnação, sabe? isso eu precisava saber que eu estava negando a resurreição de Jesus. Porque se ele morreu por nós, para nos salvar, eu não preciso voltar numa outra vida para me salvar. Então essas coisas você vai tendo consciência, mas foi um choque!

No final do seminário, teve um encerramento com uma missa. Bom, nessa missa teve algumas

peessoas que ficaram ao meu redor, entre elas essa moça que me orientou bastante, que eu no começo argumentava e tal. E teve uma hora que teve o que eles chamam de: 'a presença do espírito santo'. Nesse momento eu senti uma coisa muito diferente, uma sensação que eu nunca mais senti de novo..., foi como se fosse uma energia dentro de mim, que vinha das pontas dos meus pés e corria por dentro. Sabe aquela sensação de formigamento nos pés e nas mãos? Quando parece que fica adormecido? Era mais ou menos isso, eu não sei te explicar direito, só sentindo para você entender. Eu sentia aquilo no meu corpo inteiro, principalmente no peito, e depois senti meu coração disparar. Eu sei que essa foi uma manifestação física que eu senti naquele momento durante a missa.

No começo eu fiquei um pouco com medo, com receio de ler a palavra [Bíblia] todos os dias, era um medo de não entender talvez.

Teve um dia lá perto de casa, que eu de repente parei o carro e ofereci carona para uma senhora. Eu senti vontade de fazer aquilo, não sei porque. Ela estava indo para igreja e a gente começou a conversar. Ai ela me disse que, naquele momento da minha vida, eu deveria ir à missa todos os dias.

Hoje eu sei que a comunhão diária faz você ter uma relação muito profunda com Deus. Então quando dá, e eu faço isso há mais de dez anos, eu vou a missa diária, e se não dá para ir todos os dias eu vou três vezes por semana ou duas fora o domingo. Mas assim: o que eu sei é que eu sinto muita necessidade de ir. Porque aos domingos quando eu vou [à missa] eu percebo que eu me distraio um pouco com as crianças [seus filhos] . Eles não são tão pequenos, mas eu gosto de ficar explicando sobre a missa para eles entenderem o porque que eles estão lá. Eu gosto de colocar alguns momentos importantes como na hora da consagração, eu me preocupo em fazer com que eles aproveitem mais do que eu aproveitei. Então, as vezes, mesmo que você esteja com sono, que não esteja com tanta vontade, que tenha que abrir mão de algumas coisas, é legal você ir, porque quando você sai de lá, você sai feliz, sai mais leve e isso porque eu fui conversar com Jesus, falei 'oi' para ele. Então a minha meditação, a minha concentração acaba ficando prejudicada porque eu fico me preocupando mais com eles, por isso é que eu gosto de ir à missa durante a semana para me satisfazer neste sentido, para colocar os meus agradecimentos, as minhas necessidades e coisas nesse sentido.

Bom, posso te falar que virou um 'mar de rosas'? Não!, mas mudou tudo! A partir desse dia [que ela teve as sensações na igreja] todos os livros que eu tinha de esoterismo eu não quis mais, joguei fora, não quis dar para ninguém, joguei fora. Duendes, tudo o que eu tinha que pudesse me ligar de alguma forma a minha vida passada eu joguei fora. È que nem aquela

história do cego de nascença, ele pegou e jogou as vestes fora em sinal de mudança de vida. Então foi bem isso, a participação na missa diária me dava um suplemento de leituras, de meditação, fiz oficina de oração que tinha um método de um Frei que era muito bom. Eu gostei porque não tinha um 'achismo', a pessoa que ia lá aplicar ela não falava o que ela pensava ou o que ela achava disso ou daquilo, ela simplesmente colocava o método que tinha sido desenvolvido pelo Frei. E isso foi muito bom! eu até fiz isso duas vezes e numa delas eu descobria a importância de Nossa Senhora. Porque até ai eu estava enamorada de Jesus. Mas assim: o que eu posso dizer para você é que nesse período a minha vida mudou muito, meu estado de espírito mudou, embora eu continue até hoje as vezes me sentindo um pouco 'down', sabe? mas isso é porque eu tenho uma tendência muito forte de carregar os problemas dos outros, se tem alguém com algum problema eu já quero resolver, mesmo o problema não tendo nada a ver comigo e isso me deixa muito sem energia, meia cabisbaixa,mas não é uma coisa assim que me deixa vulnerável porque hoje eu tenho o apoio de Jesus.

T: Fátima, e a partir de tudo isso, de toda essa história de vida, de busca pela espiritualidade, como você enxerga ou como você entende a questão do desenvolvimento pessoal a partir da sua experiência religiosa?

F: Eu acho que essa minha busca pela espiritualidade me trouxe principalmente amadurecimento. Porque eu acho que você só se desenvolve se você começa a conhecer, a entrar em contato com as coisas, né? Com a parte prática das coisas, não apenas a teoria ou o 'ouvi falar de tal coisas', não!, você cresce quando você entende aquilo e tem sentimentos envolvidos. Então, foi nesse momento de busca, de sofrimento, de mudanças que eu acabei crescendo. Porque isso foi a melhor coisa que aconteceu para o meu casamento, foi necessário, toda essa minha busca foi necessária. Eu vejo tudo isso, mesmo a parte ruim, como bendita, entende? programada por Deus? Porque antes eu era uma pessoa mais insegura, ainda sou, mas hoje eu tenho Jesus do meu lado, hoje eu sinto o meu anjo da guarda me dando a mão. Então eu não sou uma pessoa super segura de tudo o que eu faço, eu tenho os meus medos, meus defeitos, mas hoje eu luto, não fujo com tanta facilidade como eu fazia antes, e tudo isso mudou porque eu sinto tem alguém mais forte lutando ao meu lado junto comigo.

T: Me parece que a sua espiritualidade te deixou mais segura para enfrentar a vida.

F: Sim, eu me sinto muito mais segura. E outra coisa: hoje eu entendo como a família é importante em termos de religiosidade, principalmente para os filhos, que precisam de uma segurança dentro da família. Eles precisam saber qual religião pertence a família, então é aquela coisas assim: minha família e eu somos católicos, ou eu sou evangélico, ou eu sou mulçumano, sei lá, o que importa é eles terem uma definição. Não importa qual a religião, mas eles precisam saber qual é a religião deles e da família, porque eles irão crescer sabendo que a minha família é da religião tal. Isso não vai impedi-los de buscarem outras coisas, outras religiões, mas vai dar uma base mais sólida para eles, e assim eles não ficarão tão perdidos como eu fiquei. Então, não é que eu não deixo os meus filhos procurarem outros caminhos, quando eles vem com algum coisa fora do catolicismo, eu explico: olha, esse símbolo quer dizer isso, isso e isso. Ai eu pergunto para eles o que eles pensam dessa explicação que eu dei, sempre vou perguntando o que eles acham e o que aquilo pode trazer de bom para a vida deles. Eles sempre colocam que os amigos têm o símbolo tal, que ouvem a musica tal, mas ai eu sempre pergunto: você colocou na penera? Vale a pena ter isso? Você precisa fazer sempre o que os outros fazem?

Então, quando você vai comungando, principalmente quando faz isso diariamente, porque quando não dá para eu ir me faz muita falta, e aquilo me ajudou, me ajudou não, me transformou! E quando você faz isso [comungar] diariamente, você vai se transformando naquilo que você recebe..., entre aspas, né? se transformando assim: você vai entrando mais em unidade com Deus, aquela coisa de você viver como Jesus gostaria que você vivesse. Então por exemplo: me marido brigou comigo, e antes eu tinha um gênio difícil, eu era uma pessoa muito nervosa, mandona, mais autoritária sabe?, não que eu não seja ainda, porque eu acho que tem característica que ainda continuam, mas eu sei ponderar bem mais, não entro mais em competição com eu marido, porque eu agora entendo que não é uma competição, o casamento é uma unidade. Então, mudou mil coisas comigo e com ele. Lembro-me que antes eu me sentia tão cuidada por ele [o marido] que ele parecia mais meu pai, e isso me incomodava, principalmente o fato dele me mandar fazer as coisas ou de me proibir de fazer isso ou aquilo. Não que ele sempre fizesse isso, porque ele é um cara muito equilibrado, justo, ponderado, ele sempre teve muita paciência comigo, ele é 10 anos mais velho do que eu. [risos].

T: Bom Fátima, eu estou entendendo que a sua visão de mundo mudou, a sua forma de entender as pessoas mudou...

F: Sim, mas eu já era assim, eu já era de querer fazer tudo pelo outro. O que mudou foi a intensidade disso, a maneira como eu me sinto em relação a isso.

T: E você conseguiria me descrever como foi isso? Como que essa sua experiência religiosa provocou essa intensificação? Quais os sentimentos que estão envolvidos? O que acontece dentro de você?

F: Não sei se eu saberia te descrever isso. Mas foi assim: nos primeiros momentos de conversão você fica sendo a chata, começa a pegar no pé de todo mundo, fica querendo que todo mundo siga aquilo que você acha que é o certo, você é a dona da verdade e a chata. Então, imagina uma pessoa como eu que era totalmente esotérica e de repente começa a pregar! é como Paulo, né? Você começa a querer converter a família inteira, só que aí as pessoas começam a te excluir, né? Ai, aí vem a Fátima vamos cortar o assunto. Mas eu sei que eu era muito chata mesmo! E para meu marido foi muito difícil. Ele não era um cara de viver final de semana na igreja, mas não era um cara místico também, então para ele foi difícil aceitar essa nova Fátima. Ai quando eu comecei a trabalhar com as crianças [ela dá aulas de pré-catequese na igreja] , ele não queria ir a missa comigo, mas agora ele vai sozinho se precisar, porque?, porque ele quer! Então eu não falo mais nada de religião para ele, não precisa. Eu aprendi que são as atitudes da gente que irão mostrar o que é o amor a Deus. Mas assim, o que realmente mudou, o que fez eu mudar foi o amor. Esse sentimento de amor pelas pessoas tomou conta de mim, as vezes eu acho que ele é até exagerado, anormal. Porque as vezes você começa a se sentir mal porque tem mais condições materiais do que outras pessoas, ou porque você tem algo que o outro não tem, é assim. Mas ao mesmo tempo você começa a ver que ocorre um despego das coisas materiais. Só que eu, nessa ânsia de querer ajudar os outros, muitas vezes acabei fazendo com que a pessoa sentisse que eu não dava valor para o trabalho dela, sabe?, porque por exemplo, se eu sabia que alguém estava precisando de dinheiro, eu contratava os serviços dela e pagava mais, entende?, para ajudar!, só que a pessoa se sentia ofendida com isso.

Mas deixa eu te disser uma coisa que eu lembrei agora: então, sobre o meu marido, ele ficava triste quando eu dizia que amava a Deus a cima de qualquer coisa, ele ficava muito triste, então, esse tipo de coisa eu também não faço mais.

T: Parece que a sua experiência passou por vários processos, etapas.

F: Sim, e eu foi aprendo com cada uma dessas etapas. Porque eu comecei a perceber que se eu falasse para o meu marido que eu amava Deus a cima de todas as coisas, eu estaria provocando nele uma bronca em relação a Deus e a igreja, e eu não queria isso. Então, quando ele chega e eu estou fazendo alguma coisa da igreja, eu paro o que estou fazendo para dar atenção a ele. Eu me lembro que as primeiras crianças que eu cuidava lá na igreja foram uma transformação para mim. Antes eu tinha vergonha de cantar com as crianças, ai depois é que eu fui aprender a tocar violão para poder tocar para Jesus. Então até hoje eu não toco direito, mas não é porque eu não gosto, é que eu quero tocar para elas [as crianças] é por isso que eu resolvi tocar violão, e não para ficar tocando qualquer música.

T: É com se a musica fosse um caminho para se estabelecer uma relação com Deus?

F: É, antes, quando eu comecei, tinha umas trinta crianças e eu morria de vergonha de pegar no violão, tinha vergonha de tocar, e as crianças me ensinaram que eu não deveria me sentir assim porque eu estava tocando para Deus. E tudo isso foi me enriquecendo, porque eu fui me colocando no lugar das crianças. Tem vezes que eu estou com dor de cabeça, ou com cólica, mas eu vou a igreja, e ai quando eu vejo as crianças, quando elas me vêem chegando com o violão..., eu me transformo, é uma alegria só. A minha timidez, que eu tenho, e as vezes as pessoas olham para mim e eu estou com cara fechada, e elas me acham antipática e tal, mas não é isso, é timidez, eu sou bem tímida! Então, as crianças estão me ajudando muito com isso também, porque as vezes eu chego e começo a falar aquelas besteirinhas que criança gosta, que dão risada, sabe?, tipo: fulano soltou um pum!, e elas se acabam de tanto rir, coisas assim. Então eu as ensino e elas me ensinam muita coisa, porque o que eu quero é que elas se sintam bem e feliz naquele lugar, quero que elas sintam a presença de Jesus, que elas o vejam como amigo, como alguém de confiança, porque com as crianças precisa ser assim para dar certo.

Mas deixa eu voltar, bom, como que eu me sinto hoje?, hoje eu me sinto bem mais segura nas coisas que eu falo e que eu faço. Porque eu já estou nessa comunidade há oito anos, e as meninas que estavam lá comigo saíram e deixaram a pré-catequese, que é de quatro a sete anos nas minhas mãos. Não que elas deixam na minha mão por elas saíram, não!, é que elas foram cuidar de outras atividades, e como eu sempre gostei muito de ler, estudar, elas acharam que eu daria conta. Se eu tivesse continuado meus estudos na universidade, talvez eu iria para parte de pesquisa, estudar microorganismos, mas acho que não era esse tipo de microorganismo que Deus queria que eu estudasse [risos].

Mas tinha os momentos que eu ficava de saco cheio, principalmente quando eu queria que os outros fossem iguais a mim...., mas tudo isso acontecia no meu interior, não era uma coisa que eu verbalizava, era uma luta minha contra a tentação. Mas assim, o que foi importante no crescimento espiritual para mim?, foi que todos os sentimentos que eu acho que não são bons, eu tento cortar, eu tento lutar. Por exemplo: quando colocaram uma pessoa para trabalhar comigo na pré-catequese, eu não gostei. Me senti acuada, mas era uma pessoa que eu já conhecia, que eu até tinha uma certa relação com ela. Era minha ex-cunhada, eu era madrinha do filho dela, então não era para eu ter implicância com ela, concorda?, mas eu sentia aquela implicância natural, eu não gostava do jeito dela agir, do jeito dela falar, não gostava de nada. Mas isso porque ela tinha um jeito de pensar diferente do meu. E isso me incomodou, só que quando eu percebi isso, eu lutei para não ser assim. Claro que eu não verbalizei isso porque eu sabia que estava errada. Não errada de sentir aquilo, mas sim de permitir que aqueles sentimentos estivessem em mim. Então eu sabia que eu tinha que morrer naquela situação para que Jesus pudesse viver. Então é assim: eu penso como Jesus iria reagir naquela situação X e o coloco no meu lugar. È como se a Fátima saísse de campo para Jesus entrar. Eu me anulo mesmo! Não no sentido de me anular para ser usada pelos outros, mas no sentido de permitir a entrada de Jesus. E eu falo assim: entrar aqui em mim e faça aquilo que eu Senhor quer que eu faça. É claro que muitas vezes não é fácil, porque as vezes eu não quero ouvir, então é uma luta constante. Mas a religião me trouxe essa força, essa percepção de que as vezes eu estou errada de ter certos sentimentos. E outra coisa: me trouxe uma percepção maior em relação as pessoas, porque as vezes, eu sou permissiva demais, e acabei aprendendo que com isso, muitas vezes as pessoas acabam abusando da sua amizade. Então Deus manda alguns anjos, [risos] que são seus amigos de verdade, para te darem um toque. Antigamente, quando alguém vinha me dar um toque, eu já achava que a pessoa estava me criticando, mas hoje eu vejo diferente, eu sei que na verdade a pessoa está querendo me ajudar, então, hoje, quando o meu marido me fala alguma coisa, eu sei que é para eu meditar, para refletir sobre aquilo e não para jogar fora como se fosse uma crítica boba.

Mas eu sei que é isso! A religião me trouxe muita coisa boa, até mesmo de perdoar as pessoas, de ver as situações de outro ângulo, porque veja bem: como é que eu vou comungar se eu sei que eu não estou bem com alguém?, a gente tem que comungar para receber corpo e sangue de cristo, e para isso, a gente tem que estar bem, tem que estar com o espírito limpo, não adianta nada a gente comungar só por comungar, é preciso realmente sentir que Deus está naquela hóstia, se não tem valor nenhum, eu preciso sentir que Deus está na minha vida.

T: Você sente que é preciso praticar a religião, ou seja, não adianta somente ir a missa, ou fazer qualquer outro ritual, é preciso ter a experiência concreta de Deus.

F: É, isso seria o ideal! Mas só de você ir a missa já é muito bom, de poder ter um contato com a palavra já é muito bom. Porque tudo isso leva a uma transformação, desde que você esteja com o seu coração aberto.

T: Fátima, se você pudesse definir essa sua experiência em duas ou três palavras, quais seriam?

F: Eu diria que eu nasci de novo! Porque hoje eu sou uma outra pessoa e tudo isso por causa das coisas que eu te falei, da minha busca e tal.

T: Ok Fátima, tem mais alguma outra coisa que você queira me contar sobre a sua experiência religiosa?

F: Bom, teria mais uns dois dias para poder te contar tudo em detalhes, [risos], mas acho que o essencial é isso que eu já te falei.

T: E como foi para você falar sobre tudo isso? Como você sentiu essa entrevista?

F: Eu achei muito legal! gostei bastante! Acho que as vezes é bom a gente para e pensar um pouco na vida, na nossa história. Foi bem legal para mim!

T: Que bom!, eu vou pegar o seu e-mail e quando eu terminar meu trabalho e volto a entrar em contato com você.

F: Ok, fique a vontade, quando precisar é só entrar em contato comigo.

T: Fátima, eu agradeço muito a sua atenção e o tempo que você dedicou para que eu pudesse entrevistá-la. Muito obrigada!

F: Imagina, obrigada eu.

ANEXO VII

4ª. Entrevista:Dona Neuza.

T: Thais (Entrevistadora)

N: Dona Neuza (entrevistada)

T: Então D.N, estou fazendo um trabalho sobre Psicologia da Religião e quero entender, através da experiência religiosa de católicos, qual a relação que existe entre essa experiência e o seu desenvolvimento pessoal. Por isso, gostaria que a senhora me contasse sobre a sua história de vida enfocando o aspecto religioso, pode ser?

N: Pode, mas o que você entende como desenvolvimento pessoal?

T: Desenvolvimento pessoal seria tudo aquilo que a senhora entende como um amadurecimento enquanto pessoa, ou seja, o que mudou na vida da senhora com esta experiência religiosa? Essa experiência fez a senhora crescer enquanto pessoa? Se fez, em que sentido?

N: Hum, entendi! Acho que terei muitas coisas para contar para você.

Bom, eu nasci numa família de imigrantes italianos, era um ambiente muito pobre, no qual a luta pela sobrevivência foi muito dura. Tive uma infância triste, pobre, sofrida, com muito trabalho. Para você ter uma idéia, eu trabalho desde os meus cinco anos de idade, mas, veja bem, eu não estou me queixando!

Então, eu era muito carente! Carente de carinho de pai e de mãe, de irmão, mas como era aquela luta, era cada um por si, não dava para meus pais ficarem dando atenção para todos os filhos. E era muito difícil, tinha muita doença na família, eu era extremamente gaga por causa do emocional, mas eu sei que eu nasci assim: muito sensível, sabe? E por causa disso, eu quase não falava, sofri humilhações na escola e eu chorava muito, sabe? e quando eu ia me queixar para minha mãe, ela dizia: ah, para com isso menina!, que bobagem, tanta coisa mais importante para a gente se preocupar! E aí eu me lembro que eu me recuava, ficada ainda mais calada.

Bom, quando eu cheguei aos quatorze anos, eu encontrei um homem que se apaixonou perdidamente por mim e me prometeu céus e terras. Ele era de uma família que se dizia muito

importante, mas hoje eu sei que nada são. E eu sabia que eu não gostava dele, eu queria largar dele. Eu namorei um ano e pouco e eu vi que a nossa relação não casava, que não arrepiava a pele. E você sabe que naquela época, sexo era um tabu tremendo e ninguém entendia que a energia sexual é uma energia brutal, muito forte, mas, dentro de uma sociedade hipócrita que nós vivíamos, com total restrição para mulher, aquela que não se casasse virgem, era considerada a mulher mais pecadora do mundo, e essa foi a minha época.

Bom, antes de casar, eu sempre falava para ele que eu não gostava dele, que talvez eu até pudesse um dia gostar dele, mas que naquele momento, eu não gostava. E ele dizia: não!, eu vou te fazer feliz, eu tenho tudo para te oferecer e coisas assim. E eu acreditei, eu era muito ingênua, era uma menina semi-analfabeta. E as distorções de valores que eu passei foram muito grandes. Por exemplo: hoje eu sei que tem muitos pais desesperados porque os filhos não estudam. E eu tinha uma vontade louca de estudar e nunca pude, por que eu tinha que ajudar meus pais, eu fui pajem de quatro irmãos. Eu tinha que carregar um dos meus irmãos que era muito gordo e por causa disso, mais tarde eu tive um sério problema de coluna e também porque com sete anos, eu carregava lenha para minha mãe, e isso destruiu minha coluna porque eu tava em fase de crescimento. Bem, isso até uns onze anos, porque na época, isso era trabalho de criança, o trabalho de adulto só começou quando eu fiz onze anos, e como meus pais estavam passando por muita dificuldade financeira por causa da guerra, e como ele era imigrante, a situação ficava ainda pior. E eu não via a hora de começar a trabalhar de verdade para ajudá-los, aí eu fui ser pajem, que hoje chama de baba, né?, de um menino filho de um amigo dele [do pai], aí depois eu ainda fui trabalhar em fabricas e em vários lugares que eram muito duros para minha idade. Mas que eu me lembro que foi muito marcante, e aos finais de semana eu queria ir à matine, porque naquela época o cinema estava no auge e todo mundo queria ir na matine. Só que meu pai não deixa, ele dizia que aquilo não era ambiente bom e que eu precisava ajudar minha mãe a limpar a casa no final de semana. Dessa forma, eu não descansava, só trabalhava. Nessa época, eu estava trabalhando nos Chapéus Cury e, graças a Deus, eu sempre tive muita habilidade manual, habilidade para fazer trabalhos de bordado, pintura, acabamento e coisas assim. Mas sabe, Thais, eu me lembro que tinha muita gente que trabalhava comigo, que não gostava dessa minha habilidade porque com isso, eu acabava fazendo os chapéus mais rápido dos que as outras e, conseqüentemente, ganhava mais por isso, já que o salário era por produção. E eu me lembro que, quando eu estava na escola, acho que eu tinha uns 7 ou 8 anos, eu sempre

fazia desenhos muito bonitos, eu sempre tive muita habilidade para pintura, e a professora mostrava meus desenhos para todo mundo. Nossa!, as outras crianças me odiavam por causa disso. Então, eu notei que quando a gente tem muita habilidade com uma coisa, a gente ganha de um lado, mas perde de outro [referindo-se as pessoas a sua volta].

Bom, esta era a minha vida até eu me casar. Eu me lembro que, apesar de não quero me casar com o homem com quem eu me casei, na época, a possibilidade de eu poder sair daquele ambiente em que eu vivia, influenciou muito na minha decisão de me casar. Nossa!, quando eu pensava que eu iria poder ser mais livre, que eu poderia trabalhar um pouco menos, tudo isso influenciou muito, sabe? Se na época eu pudesse enxergar as coisas como eu enxergo hoje, saberia que aos olhos de Deus, nada escapa, mas eu era muito inexperiente para entender isso, né?

Então, quando chegou aos dezenove anos, eu parti para o casamento. Só pensava em sair da daquele ambiente, era muita briga, muita discussão, a mamãe tinha cinco enteados, filhos do primeiro casamento do meu pai e tudo isso era um rolo só, a minha mãe tinha um gênio muito forte e por isso gerava muita briga devido falta de dinheiro, falta de afeto, falta de tudo. E eu pensava: graças a Deus agora, depois do casamento, eu vou ter um lugar só para mim. Bem, eu me casei e me dediquei muito a esse homem, mesmo sem ama-lo, eu nunca deixei de ser uma boa esposa para ele. E eu nem imaginava as pancadas que a vida iria me dar. Esse homem, que antes me prometeu céus e terras, me agredia muito, não fisicamente, mas verbalmente, que é muito pior do que a agressão física porque ela te mata, te fere em locais que não cicatrizam nunca. Eu acho que ele mudou assim depois do casamento, porque ele viu que, de fato, eu não o amava, embora eu me dedicasse muito a ele. E eu fui percebendo que ele queria fazer de tudo para se vingar de mim, como se eu tivesse obrigação de amá-lo. Hoje eu sei que quem se casou enganada fui eu, não ele, porque ele sabia, desde o início que eu não o amava, mas ele sim fez promessa a mim que não foi capaz de cumprir. Ele queria que eu sentisse amor por ele, mas eu não conseguia, eu não tinha nem atração física por ele, então tudo ficava mais difícil, né? Eu acredito que o casamento é baseado em várias coisas, e a atração física é uma delas, mas na minha opinião, o mais importante é a educação, o respeito pelo outro, e eu sentia que ele não tinha esse respeito por mim, várias vezes ele me ofendia por nada, sem que eu nem tivesse conversando com ele, acho que ele trazia problemas do trabalho e acabava descontando em mim. Mas eu sei que tudo isso acontece, agora a maneira como você vai lidar com isso é que faz a diferença. Então, se por exemplo o marido teve um dia duro e sem querer ofende a mulher, ele pode chegar e explicar

essa situação a ela, pedir desculpas. E isso vale também para a esposa, porque naquele tempo, ninguém nem ouvia falar de tenção pré-menstrual, isso tudo era frescura!, mas hoje as pessoas entendem que na verdade é hormônio, né? Mas resumindo, para mim o casamento é baseado na educação e, isso eu não tinha na no meu casamento. Nesta época, eu não freqüentava igreja, me dizia católica porque a minha família era católica, mas não sentia a presença de Jesus comigo, sabe? eu sofri muito, sofri feito um cão!, não tinha no que me apoiar, principalmente no meu casamento.

Bom..., meus filhos nasceram, tive dois filhos, eu sempre procurei poupa-los das nossas brigas. Eles nunca presenciaram nenhuma briga minha com o pai deles porque eu sempre acabava engolindo sapo para que eles não sofressem, sabe? Deixava o pai deles me xingar e ficava quieta para não prolongar a briga. Eu não queria que eles sentissem o que eu senti na minha infância, não queria que eles vissem os pais brigando. Eu me lembro d uma cena que marcou muito a minha vida: eu vi meu pai pegar a faca para matar a minha mãe. Você não imagina o que é isso para uma criança!, e eu não quis que meus filhos passassem por isso, entende? Hoje meus filhos não sabem de nada, eles até acham que eu exagero muito quando conto a minha estória de vida para eles, mas isso porque eu quis poupa-los de um sofrimento. Mas eu nem quero mais contar nada para eles, isso tudo é passado, e o passado é passado. Hoje eu sigo o que Jesus fala: Seja uma nova criatura., perdoe, perdoe sempre. Mas antes eu era uma pessoa triste, revoltada, não aceitava a vida que eu estava levando e sofria muito com isso.

Bom, além de ter problemas em casa, eu também tinha muitos problemas no serviço. Nesta época meus filhos já estavam mais grandinhos e eu estava trabalhando numa loja como vendedora de roupas. Nesse trabalho, novamente eu encontrei muita gente que não gostava de mim porque eu vendia muito e ganhava bem mais do que quem vendia pouco, eu sempre tive muita habilidade para trabalhar com publico. Novamente eu comecei a sentir que, quando alguém não gosta de mim, eu me sinto mal, como acontecia quando eu trabalhei na fabrica de chapéus. Mas eu sei que foi com o salário que eu ganhava nessa loja, que eu consegui juntar dinheiro para comprar essa casa que eu moro hoje. Eu trabalhei muito, mas muito mesmo!, quase não folgava para poder vender mais, era uma loucura! E com isso eu acabei desenvolvendo um problema sério de saúde, um não, né?!, vários!. Eu já tinha problemas nas costas desde criança por causa do trabalho que eu tinha antes, ai depois que eu comecei a trabalhar muito tempo de pé, isso piorou muito, além disso, eu tinha varizes, que me causava uma dor terrível nas pernas, o médico da empresa inclusive, me falou que eu

não poderia trabalhar em pé em hipótese alguma, mas o que eu podia fazer?, se eu não trabalhasse, não tinha como colocar comida em casa, por que meu marido sempre ganhou muito pouco. Eu não o humilhei por isso, sempre soube que ele tinha muitas limitações, mas nunca o humilhei por causa disso, só que ele não se sentia bem por eu ganhar mais do que ele, você imagina que naquela época, mulher trabalhar já era uma vergonha para o marido, ganhar mais do que ele então, nossa!, era terrível!, e ele se sentia mal por causa disso, mas o que eu podia fazer?, eu tinha que trabalhar! Então era uma baita pressão no trabalho e uma baita pressão em casa. Ele não se conformava, ele sentia raiva de mim porque eu ganhava mais do que ele, eu percebia que ele, inclusive, não queria que eu guardasse dinheiro para comprar esta casa, porque isso seria muito humilhante para ele.

Você sabe que muitas vezes, eu pensei em voltar para a casa dos meus pais, e eu tenho certeza que se eu fosse contar para o meu pai tudo o que se passava na minha vida, ele imediatamente iria falar para eu voltar para a casa dele. Mas eu não queria isso, não queria levar preocupação para os meus pais e nem voltar a ter aquela vida que eu tinha antes, eu não queria que os meus pais tivessem o desgosto de ver a situação que estava a minha vida.

Mas por que eu estou te contando tudo isso? Estou te contando para você poder entender como aconteceu o processo de mudança na minha vida depois que eu conheci a Jesus. Mas é importante você ter bem claro, que até essa época, eu não tinha religião, eu era muito revoltada e triste, enfrentada todos os meus problemas, que como você viu não são poucos, sozinha.

Bem, até que no ano de 1981, o meu marido recebeu um dinheiro do sindicato dos ferroviários. Era um dinheiro que estava atrasado e foi acumulando, sabe? Nesta época, meus filhos já estavam casados, eu já tinha esta casa que eu moro hoje, então, eu ainda precisava guardar dinheiro para reformá-la, mas isso podia esperar mais um pouco, não era nada urgente. Ai meu marido falou que gostaria de pegar esse dinheiro para viajar á Portugal, ele sempre teve o sonho de conhecer Portugal. Eu perguntei para ele se o dinheiro iria ser suficiente para esta viagem e ele disse que sim, que não daria para gastarmos com coisas supérfluas, mas que para a passagem e hospedagem daria. Então nos fomos. Chegamos em Lisboa e encontramos um guia que nos ofereceu um pacote que incluía um passeio de duas horas em Fátima. Na hora eu pensei: o que eu vou ficar fazendo duas horas em Fátima? Nem imaginava como seria importante para eu conhecer aquela cidade. Bem, eu aceitei, então fomos para Fátima, e naquele dia, era um domingo de Ramos, e eu nem sabia o que era domingo de Ramos. Ai, chegamos naquela praça e eu vi aquela multidão, aquela gente toda rezando, nossa!, você não imagina a energia que tem naquele lugar, é uma coisa

inexplicável, a fé daquelas pessoas é contagiante. E como manda a tradição católica, no domingo de ramos a gente pega uma folha de ramo para queimar, e eu fiz isso, e na hora que eu queimei aquela folha de ramo, alguma coisa aconteceu dentro de mim. Eu não sei te disser o que, mas eu senti que alguma coisa dentro de mim estava diferente. Era uma força passava dentro do meu corpo, algo que me deixa inquieta, mas o que eu sei é que eu entrei em Fátima de um jeito e sai de outro. E foi aí que começou a minha experiência com Deus, com Jesus e Nossa Senhora. Bem, eu comprei um tercinho em Fátima como recordação e coloquei dentro da minha bolsa. Passeamos mais um pouquinho e depois fomos embora. A gente comprou aquele euro-passe e fomos fazer mais alguns passeios na Itália, França e Espanha. Estava tudo indo muito bem, até que na volta, a gente estava em Madri, na Espanha e eu estava tomando um café, coloquei minha bolsa na cadeira ao lado e fiquei lá tomando café. Quando eu fui pegar o dinheiro para pagar a conta, cadê a minha bolsa? Havia sido roubada! Eu lembro que duas ciganas se aproximaram de mim para oferecer toalhas e eu recusei, mas acredito que elas pegaram a minha bolsa sem que eu percebesse. Naquela época, a Espanha estava em guerra e um passaporte brasileiro valia muito dinheiro porque é o passaporte mais fácil de se falsificar. Eu fiquei desesperada, como eu iria ficar num país estrangeiro sem passaporte, ainda mais em guerra? Bom, fomos até uma delegacia de polícia fazer um boletim de ocorrência e eu lembro que o policial me perguntou o que eu tinha dentro da minha bolsa. Eu me lembrei de tudo, falei até de um baton que eu tinha comparado lá, mas não tinha me lembrado de falar do terço, só no final é que eu lembrei e pedi para o policial registrar que tinha um tercinho de Fátima dentro da bolsa também. Bom, o policial me trouxe várias ciganas para eu reconhecer, mas não era nenhuma delas. O que a gente fez, foi pegar uma autorização como o policial para voltarmos até Portugal e de lá entrar em contato com a embaixada brasileira para voltarmos para o Brasil. Nossa, eu fiquei muito triste porque sabia que a nossa viagem havia terminado ali, né? Pois bem, voltamos para Lisboa e eu resolvi entrar numa igreja e pedir para Nossa Senhora de Fátima que me ajudasse a encontrar a minha bolsa, eu me lembro que ainda estava com um sentimento de desconfiança, e pensei: se essa santa for poderosa mesmo, a minha bolsa vai aparecer.

Ficamos mais uns dois dias em Portugal, e quando já estávamos prestes a voltar para o Brasil, a embaixada entrou em contato comigo dizendo que a minha bolsa havia sido encontrada. Na hora eu me ajoelhei no chão e comecei a chorar. Eu não podia acreditar que a minha bolsa havia sido encontrada e que eu tinha duvidado do poder de Nossa Senhora. Naquela hora eu senti que eu já não era mais a mesma pessoa. Eu chorei tanto de arrependimento por ter duvidado de Nossa Senhora e também por não ter dado valor quando

o guia me ofereceu de ir para Fátima, nossa!, não sei te explicar como foi o sentimento que estava dentro de mim naquela hora, o que eu sei é eu era uma nova pessoa.

Bom, eu fui buscar a minha bolsa, já estava feliz por terem encontrado meu passaporte, mas a minha surpresa maior foi ter encontrado tudo dentro da bolsa, inclusive dinheiro, eu não podia acreditar, era bom demais para ser verdade!, nem mesmo o policial conseguia entender, ele me disse que aquilo era realmente um milagre, ainda mais naquela época que estava tendo guerra. Naquele instante eu ouvi uma voz dentro de mim que dizia: a sua bolsa sempre esteve guardada. Eu não conseguia entender aquilo que eu estava ouvindo, é tudo muito estranho, e mais estranho ainda era terem encontrado a minha bolsa. Mas eu nem dei importância para aquilo que eu estava ouvindo porque desde criança eu tenho essas coisas, de ficar ouvindo vozes, de ter visões, sabe? então, eu não dou muita bola para que isso não aumente.

Mas eu sei que eu perguntei para o delegado como eles haviam encontrado a minha bolsa, e ele me disse que uma senhora havia encontrado a minha bolsa numa rua, perto de cestos de lixo e levou para a polícia. Aquilo foi um milagre, eu sei que foi um milagre! A partir disso, eu me transformei Quando eu voltei para o Brasil, eu já não era mais a mesma pessoa, a minha fé havia tomando conta de mim, eu não tinha mais controle. Desde então, eu frequento a igreja e sigo os costumes do catolicismo. A minha vida foi mudando cada vez mais, eu fui sentindo que aquele sentimento de fé me fortalecia, me fazia ser diferente, não sei se é diferente, mas foi me fazendo agir de outra maneira, entende?

T: Nossa!, acho que entendo, mas que experiência interessante a da senhora!

N: eu tive e ainda tenho muitas experiências de Deus na minha vida. Um outro fato interessante, foi que em 1986 eu estava descansando, mas não estava dormindo, e de repente eu ouvi como um zumbido no ouvido. Eu me levante e comecei a ouvir uma voz que chamava pelo nome, era uma voz forte e aquilo me marcou muito. Ai eu comecei a olhar e vi a figura de um homem, ele estava vestido como um profeta, com aquelas roupas que a gente vê em filmes bíblicos, sabe? Bom, nessa ocasião eu só ouvi a voz e vi a figura deste homem. Em 1987 eu fui chamada para participar de um grupo de oração, isso foi muito importante também, sabe? porque foi ai que eu vim a conhecer a sagrada escritura [Bíblia].

Bom, desde que eu comecei a ter fé e a participar mais ativamente das atividades católicas eu passei a ter desejo de conhecer a Terra Santa [Israel]. E por incrível que pareça surgiu a oportunidade de eu ir com um grupo da igreja para Israel. Eu estava muito feliz e ansiosa

para ir, só que quando faltavam apenas quatro dias para eu embarcar, aconteceu de eu ficar muito doente. A minha coluna travou e eu não conseguia nem me mexer, era uma dor terrível! Eu fiquei desesperada, não havia remédio que aliviasse aquela dor e os médicos já haviam dito que eu não poderia viajar de forma alguma. Bom, este grupo de oração o qual eu pertencia, veio até a minha casa e as pessoas começaram a orar por mim. Elas ficaram 2 dias inteiros, manhã, tarde e noite orando pela minha saúde. Quando foi na véspera da minha viagem, ou seja, um dia antes do embarque, eu acordei curada, como por um novo milagre na minha vida, eu estava curada, não tinha mais nada, não sentia dor alguma. Foi o poder da oração quem me ajudou a fazer aquela viagem. Bom, eu fui viajar e agradei muito a Deus por isso. Tive a oportunidade de conhecer a Terra Santa, de sentir a energia poderosíssima que tem naquele lugar e de restaurar a minha fé no Cristianismo.

Agora eu te pergunto, você acha que depois de tantas manifestações da presença de Deus na minha vida eu poderia continuar a ser aquela pessoa revoltada, triste e amargurada com a vida que eu era?

T: Bom, imagino que não!, mas assim: em termos de crescimento enquanto pessoa, de amadurecimento pessoal, como a senhora entende isso? Qual a relação que a senhora estabelece?

N: Olha Thais, eu tenho 75 anos e vou te dizer uma coisa muito importante: a gente só cresce enquanto pessoa quando a gente realmente sente que tem algo mais forte nos ajudando a crescer. Você pode ter muitas experiências na sua vida que te ensinem a resolver problemas ou a melhor maneira de ganhar dinheiro ou coisas assim, mas nenhuma destas experiências te ajudam a amadurecer os seus sentimentos, nenhuma te ensina a olhar para uma pessoa que te fez sofrer durante uma vida toda com olhos de perdão e compreensão. Porque foi exatamente esse crescimento que a religião me proporcionou. Eu aprendi a sentir o mundo de outra maneira, eu não aprendi a me comportar da maneira mais adequada para ter uma boa consequência por isso, não!, eu aprendi a sentir as pessoas, as situações de outra forma.

Eu por exemplo, não culpo mais o meu marido por ele ter falado muitas coisas no passado que me machucaram, o que eu faço hoje, é orar por ele. E isso se estende para todas as situações da minha vida. Apesar de eu não ter nada, eu sinto que eu tenho tudo, eu sou muito feliz porque não me deixo mais atingir por problemas do dia a dia, eu encontrei outras

maneiras de lidar com eles, quando tem alguém que me faz mal, eu rezo muito por essa pessoa para que o Espírito Santo toque o coração dela assim como tocou o meu.

T: Nossa! me parece que essas experiências religiosas realmente transformou a senhora, e pelo que estou entendendo, elas trouxeram crescimento pessoal a medida em que a senhora passou a enxergar o mundo com outros olhos, é isso?

N: *Sim, eu enxergo o mundo com os olhos que Deus quer que eu enxergue. Sabe?, eu não preciso ficar me preocupando com o 'porque' das coisas, eu simplesmente entrego tudo para Deus e deixo com que ele me deixe apenas a parte que é minha responsabilidade cuidar, o resto, eu deixo nas mãos Dele.*

T: Como a senhora poderia relacionar essas experiências religiosas com este crescimento pessoal em poucas palavras?

N: *Eu diria que tudo tem seu tempo e que Deus esta sempre nos chamando, acontece que muitas vezes não ouvimos este chamado porque não estamos preparados para ele, mas quando abrimos nossos corações, o espírito de Deus entra dentro dele e não sai nunca mais. Porque isso eu te garanto, quem experimenta a Deus, nunca mais é a mesma pessoa.*

T: Bom dona Neuza, tem mais alguma coisa que a senhora queira me contar sobre essas experiências?

N: *Querer eu até queria porque não tive tempo de contar nem metade das histórias que eu tenho com Deus. Foram tantos os acontecimentos milagrosos que aconteceram na minha vida, que eu fosse te contar, não caberia nesse teu estudo. Mas acredito que o que eu te falei já seja suficiente para você poder entender um pouquinho da minha história.*

T: OK, Dona Neuza, eu te agradeço muito pelo tempo e pela paciência que a senhora teve em me contar sobre a sua história de vida que, alias, é muito rica! Muito obrigada mesmo.

N: *Imagina, se você precisar de mais alguma coisa, pode me falar.*

T: Pode deixar, muito obrigada mesmo.